

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIA HUMANAS
Departamento de Pós-Graduação em História

Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis

(Décadas de 50, 60 e 70 do século XX)

Glaucia Dias da Costa

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em História
do Centro de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial e
último para obtenção do título de Mestre
em História Cultural, sob a orientação da
Profª Dra. Maria Bernardete Ramos.

Ilha de Santa Catarina, março de 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis

(décadas de 50, 60 e 70 do século XX)

Glaucia Dias da Costa

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Cultural no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, pela comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Professora Orientadora Dra. Maria Bernardete Ramos (UFSC)

Professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC)

Professor Dr. Reinaldo Lindolfo Lohn (UDESC)

Eloah Rocha Monteiro de Castro (UFSC)
(suplente)

Ilha de Santa Catarina, março de 2004.

Aos meus pais, Cláudio e Graça.

...

*À memória de Aldirio Simões, cuja
obra me levou a esta reflexão.*

Sumário

RESUMO	5
ABSTRACT	6
AGRADECIMENTOS	7
APRESENTAÇÃO	9
1. A NOITE, ESTA CRIANÇA	16
1.1 – A RACIONALIZAÇÃO DA NOITE	17
1.2 – A NOITE EM DESTERRO	24
1.3 – A NOITE PROFANA EM DESTERRO	29
1.4 – A NOITE ABRE-SE AOS HOMENS DE BEM	35
2. ÉBRIO CENÁRIO	40
2.1 – BOEMIA E CIDADE: “REVOLTA E MELANCOLIA”	42
2.2 - DIVERTIMENTOS CIDADINOS	58
2.3 – OS CLUBES SOCIAIS	72
3. ENTRE A NEGAÇÃO E O ESTÍMULO:	76
3.1 – TERRITÓRIOS DE TRANSGRESSÃO	77
3.2 – A NOITE COMO UM PROLONGAMENTO DO DIA	87
3.3 – O MODERNO, A CLASSE MÉDIA E A NOITE	96
3.4 – NA NOITE À PROCURA DE DIVERSÃO	111
4. A SAIDEIRA	126
5. FONTES	129
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
7. ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES	139

Resumo

O presente estudo pretende refletir sobre algumas dimensões da sociabilidade noturna em Florianópolis – capital de Santa Catarina – entre as décadas de 1950 e 1980, período em que a cidade sofre profundas transformações urbanas. Para tanto, estabelece-se uma relação direta entre cultura urbana e “vida noturna”, entendendo que as mudanças na paisagem urbana e na vida material dos habitantes repercutiram no modo como as pessoas se relacionavam com a noite.

Embora o trabalho venha problematizar a “vida noturna”, nossa proposta procura estabelecer correlações entre a emergência de diferentes práticas de sociabilidades noturnas e os campos sociais nos quais elas se originaram. Da mesma forma, investiga-se o desaparecimento ou a recusa de determinadas práticas, como por exemplo a da seresta. Para tanto, faz-se uso das mais diversas fontes, como processos-criminais, já que é comum a associação entre transgressão, ilegalidade e noite; entrevistas com pessoas envolvidas com a “cultura de bar”; e principalmente crônicas publicadas em jornais da época, que apresentam roteiros de diversão e sinalizam o desenvolvimento desta prática.

Nossa proposta principal é perceber, através do estudo da “vida noturna” e seus mais diversos desdobramentos, como a modernização e urbanização de Florianópolis se processou no patamar das relações humanas. Por fim, pretende-se refletir sobre como os investimentos que envolveram a normatização dos espaços urbanos, articularam-se com o modo de vida dos habitantes da cidade.

Palavras-chave: sociabilidade, urbanização, vida noturna.

Abstract

This paper intends to analyze some aspects of the “night life” sociability in Florianópolis – capital of Santa Catarina – among 1950 and 1980 decades, period when the town suffered a deep urban transformation. For so, it was established a direct relation between the urban culture and the “night life”. The changes in the urban’s landscape and in the inhabitant’s economical life affected the way people relate with the night.

In spite of the fact that this paper explains the problems in the “night life”, our proposal is to set a correlation between the rising of different night social activities and the social fields where they come from. The disappearance or the refusal of certain practices were also studied, as for example the “seresta” (a group of people, usually men, that get together to sing and play the guitar by the moonlight. To achieve our objective several sources were investigated : like criminal processes , since that transgression and illegality are commonly associated to night; people who were involved with what we call “ bar culture” were interviewed; but our main source were newspaper articles, about leisure routs, published at the time. Those articles had shown the development of leisure activities.

The prime objective of this study is to explain how the modernization and the urbanization of Florianópolis happened in the human relationship basis by studying the “night life” and all that is involved. Finally it is our intention to think about the investments that ruled the urban areas and how these investments dealt with the inhabitants’ way of living.

Key words: sociability, urbanization, “night life”

Agradecimentos

Por mais solitária que seja a tarefa de construir uma dissertação, é impossível dizer que se cumpre esta missão sozinha. Mais do que de vontade de crescer, ambição por um título acadêmico e esforço intelectual para se ter clareza de onde se quer chegar, é necessário ajuda, amparo e às vezes até socorro. Como não poderia ser diferente, a realização deste trabalho só foi possível graças ao estímulo e à colaboração de muitos amigos que, contribuindo das mais diversas maneiras, se fizeram presentes nesta minha caminhada. Por isso, gostaria de reservar este espaço para agradecê-los.

Primeiramente, agradeço a Prof^a. Dr.^a Maria Bernardete Ramos, que além de ter me confiado sua orientação, acreditou na viabilidade deste projeto que agora se faz concreto, me transmitindo, mais do que saber acadêmico, a prudência e a segurança tão necessárias para sua conclusão. Aproveito o momento para agradecer as valiosas contribuições das Prof^{as} Dr^{as} Eloah Monteiro de Castro e Maria Teresa Santos Cunha, que gentilmente participaram da banca de qualificação deste trabalho, favorecendo para o seu aprimoramento. Da mesma forma, agradeço ao Prof. Dr^o Reinaldo Lindolfo Lohn pelos “toques” dados em algumas conversas informais, que muito me foram úteis para entender que cidade é Florianópolis.

Amigos que muito me ajudaram e que não poderia deixar de citar são: Marlon Salomon, que iluminou o início de minha trajetória me transmitindo sua consistência teórica e rigor metodológico; Marcos Schuh por me lembrar sempre que “no final tudo dá certo”; Marileide Galdino Dias (futura historiadora) pelo seu incessante incentivo e “apoio logístico”, e Fábio José da Silva, por me confiar sua biblioteca, sua paciência, seu senso de humor, sua crítica assaz e sua constante amizade. Agradeço, principalmente, aos meus pais, Cláudio João da Costa e Maria da Graça Dias da Costa, e aos meus irmãos Grasiela e Zé Lacerda, Cláudia e Fernando, por terem sempre me ajudado como podiam e por estarem sempre presentes, suportando minhas oscilações de humor e meus momentos de incertezas e ansiedades.

Dedico um agradecimento especial ao professor, doutor, crítico e mais que amigo, Henrique Pereira Oliveira, por me passar força na execução desta tarefa e de muitas outras, e também por compartilhar comigo sua aguçada visão da história e da vida. Agradeço pelas horas gastas lendo e debatendo este trabalho, pela crítica rigorosa e pelo simultâneo encorajamento em terminá-lo. Grande parte da qualidade que esta dissertação possa conter deve-se a este apoio e sou imensamente grata por isto.

Finalmente agradeço aos meus entrevistados, por tantas informações e memórias, à Marina Moros, por me auxiliar nas entrevistas, aos funcionários da Biblioteca Pública do Estado, em especial a Dona Mercedes por estar sempre disponível; ao bolsista do setor de obras raras da Biblioteca da UFSC, Nery, por me ajudar a “caçar” fontes que foram fundamentais na pesquisa; ao Renato Uliano dos Santos, pela gentileza e disponibilidade em bater as fotos contidas nesta dissertação; à Margarida Moreira Braun pela tradução do resumo; e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro nos dois anos de pesquisa.

Agradeço a todos estes e aos possíveis nomes que talvez tenha esquecido. Nunca estive sozinha.

Apresentação

A sociedade da metade do século XX, com os problemas que se colocam diante de nós, como a atitude diante da vida, a atitude diante da morte, os contraceptivos, etc., são para mim fontes históricas. Não posso fazer abstrações das observações que faço quando saio na rua. A vida de todos os dias é apaixonante e quanto mais ela for cotidiana mais ela será apaixonante (...). É isso que me faz pular para o passado: eu penso que nunca segui um comportamento histórico que não tivesse como ponto de partida uma questão colocada pelo presente.

Philippe Ariès¹

Em 1999 começou a ser exibido na TV Anhatomirim (TV Cultura de Santa Catarina) o programa “Bar Fala Mané”², dirigido e apresentado por Aldirio Simões. O programa, que graças à grande audiência logo foi para uma emissora de maior porte (SBT), tentava remontar o cotidiano do “manezinho” do passado, seja de trinta, quarenta ou cinquenta anos atrás. Para isso, como o próprio nome se encarregava de mostrar, o programa se passava num bar, um boteco por melhor dizer, envolvendo sempre música, cachaça e comidas típicas. À primeira vista, a impressão que tínhamos ao assistir o programa era que o passado ilhéu – ou mané, como costumava designar o apresentador – era extremamente arraigado a este tipo de prática. No entanto, tal sociabilidade teria sido abafada pela figura sem rosto do “progresso” ocorrido nas últimas décadas, que além de transformar a paisagem urbana, trouxe à cidade milhares de pessoas vindas de outros lugares do território estadual e nacional. Estas, sem terem suas raízes fincadas, na Ilha não se comprometeram com a cultura aqui existente – ao contrário, teriam contribuído para seu fim.

Este trabalho é fruto de uma perplexidade diante do uso mercadológico de certas “imagens” de Florianópolis. É instigante perceber como o programa associa a “cultura manezinha” ao bar, à música, à noite, à

¹ ARIÈS, Phillipe. Trecho de uma entrevista concedida ao Nouvel Observateur. In.: **História Social da Criança e da Família**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

² O “Bar Fala Mané” estava na programação do canal SBT/SC, até o início do ano de 2004, indo ao ar todos os sábados pela manhã. Assim que começou a ser exibido o programa era feito em estúdio, fazendo uso de um cenário que representava um botequim bastante humilde, com paredes de madeira, balcão rústico e poucas mesas e cadeiras. Após algumas semanas ele deixou de ser apresentado no estúdio e passou a ser transmitido de bares requintados da cidade, como os bares do Clube XII, do Veleiros da Ilha, do Lira Tênis Clube, abrindo mão da antiga rusticidade do ambiente. Seu término deveu-se a morte do apresentador, idealizador e diretor, Aldirio Simões.

bebida, à alegria, enfim à vida boêmia. Mais do que isto, é instigante perceber como todas essas imagens fazem parte de um discurso saudosista e nostálgico, que evoca as “maravilhas” da antiga Florianópolis. O intuito do programa era o de “resgatar” um aspecto da cultura ilhoa que foi perdido, e para isso, recriava-se um passado romantizado, excluindo do campo mental dos telespectadores os conflitos, as desigualdades sociais, as disputas por poder, ou qualquer coisa que arranhasse a imagem idealizada do passado. Em diversas situações era freqüente a ênfase que o apresentador dava à situação democrática do bar, por se reunirem nele pessoas de diferentes etnias, classes sociais, graus de instrução para confraternizar a vida. Esta prática, que através de conversas obtidas com diferentes pessoas que participaram da vida noturna em Florianópolis nas décadas de 50, 60 e 70, mostrava-se heterogênea e conflituosa era, no entanto, recriada pela TV de modo homogêneo e caricato.

Diante desta inquietação trazida pelo presente, o interesse pela história da sociabilidade noturna de Florianópolis, principalmente a que tange a boemia e “cultura de bar”, veio à tona. Já é lugar comum entre os pesquisadores da cidade, que as décadas de 50, 60 e 70 do século XX – passado folclorizado por Aldirio Simões – marcaram profundas transformações na ilha³ e no modo de vida de seus habitantes. Tal informação associada ao passado idealizado no Bar Fala Mané fez surgir o seguinte questionamento: como esta modernização da cidade teria se processado no patamar das relações humanas? Que prática era esta que o “Bar Fala Mané” dizia salvaguardar e como as transformações da cidade foram também mutações desta prática?

Desta forma, o programa de TV foi apenas um chamado à discussão que nos fez voltar no tempo. Tempo em que ser chamado de “manezinho” era entendido como uma ofensa pelos moradores locais, e que esses mesmos moradores estavam se diluindo num mar de gente nova que chegava à Ilha. Tempo em que o Bar Miramar⁴, considerado por muitos como o templo da boemia ilhoa em seus anos áureos, ainda mirava o mar, mas que tinha seus dias contados pela força devastadora do “progresso – esta palavra mística que incorporada ao pensamento médio de gente”⁵ – que fez com que fosse derrubada àquela antiga e famosa construção.

³ Tais transformações no meio urbano não se limitam à Florianópolis, mas se estendem a todo o país. Fundamentalmente após o governo de Juscelino Kubistchek se construiu uma ânsia por crescimento econômico e tal ânsia mobilizou principalmente as camadas médias e altas da população, ligadas à empresários e industriais do setor urbano. Segundo Míriam Cardoso, “o que ela [essa mobilização] deseja é criar uma aspiração nova dirigida para o aumento da prosperidade. Ou melhor, o que pretende é generalizar esta aspiração como um necessidade.” Cf. CARDOSO, Míriam. **Ideologia do desenvolvimento: Brasil JK- JQ.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.50

⁴ Famoso Bar de Florianópolis que foi inaugurado em 1928, funcionando junto ao Trapiche Municipal, e demolido em outubro de 1974, devido às reformas urbanas da região central e a construção de um aterro que iria servir de via de automóveis.

⁵ Depoimento de Adolfo Zigelli, jornalista, que foi ao ar no Programa “Vanguarda” da Rádio Diário da Manhã, em 25 de outubro de 1974, após a derrubada do Miramar.

Assim, o presente trabalho é um estudo sobre a vida noturna em Florianópolis nas décadas de 50, 60 e 70 do século XX. Partindo do pressuposto de que todo espaço é construído numa condição relacional, esta pesquisa pretende mostrar como diferentes grupos humanos existentes na cidade se relacionavam com a noite e com o urbano criando diferentes “territórios existenciais” - antes, durante e após tantas mudanças. Ao contrário da idéia passada pelo “Bar Fala Mané”, de que a “cultura de bar”⁶ era homogênea e democrática, se tentará mostrar neste trabalho que ela era fracionada em pequenos espaços territoriais e existenciais, submetidos a determinadas regras que muitas vezes entravam em conflito com a ordem capitalista e produtiva existente nas cidades modernas. O fato é que com os investimentos urbanos ocorridos em Florianópolis a partir da década de 50, como o melhoramento da distribuição da energia elétrica, a construção de estradas e o incentivo ao uso do automóvel, novas forças (culturais, políticas, econômicas, técnicas e científicas) entraram em jogo. A implementação gradativa da indústria do turismo, a cosmopolitização da cidade com a construção da Universidade Federal de Santa Catarina e com a instalação de empresas estatais também contribuíram para tais mudanças. O antigo modo de se relacionar com a noite é submetido a outras regras, fazendo emergir outras atitudes diante do tempo noturno, menos arraigadas à natureza, à informalidade das antigas relações sociais e econômicas, e mais envolvidas com o efêmero e com as tecnologias elétricas. Paradoxalmente, paralelo a este processo, um determinado aspecto da antiga cultura de bar que foi oprimido e desqualificado com a modernização de Florianópolis, começa a ser transformado em folclore e em última instância irá ser transformado em mercadoria turística. É sobre este movimento que disserta este trabalho.

A proposta deste trabalho é a construção de uma história das atitudes perante a noite a partir da segunda metade do século XX. Neste período, a noite de modo muito particular deixou de ser o lugar das “práticas obscuras”, marginais e românticas e tornou-se aberta a todos de uma forma entendida como saudável, porque associada ao lazer e sem, necessariamente, produzir apenas imagens hostis, negativas ou melancólicas. Para isso, remeteu-se às décadas de 50, 60 e 70 em Florianópolis, por ser este um intervalo de tempo em que as posturas comportamentais em relação ao mundo noturno apresentaram sensíveis rupturas. Justamente nestes anos em que o país vivia sob uma ditadura político-militar e uma forte censura, a noite, até então “lar de todos os infortúnios”, abriu-se aos prazeres do divertimento e dos “arroubos sadios” da juventude. Como pôde a noite deixar de ser metáfora de morte, para ser transformada num espaço de liberações e possibilidades, que longe de ser um sinal moribundo do dia passou a ser uma criança, com toda uma vida pela frente?

⁶ Considerações acerca deste conceito estão presentes no capítulo 2, “Ébrio Cenário: divertimentos e cultura noturna nas décadas de 50 e 60”, desta dissertação.

A noite mudou de acordo com as diferentes relações que homens e mulheres estabeleceram com ela e assim mudaram também as representações e metáforas para descrevê-las: em fins do século XIX, noite poderia significar morte; nas décadas de quarenta e cinquenta ela assume o romantismo dos boêmios, como também o ambiente transgressor e conspirador dos noctívagos. Entre as décadas de 1960 e 1980, ela torna-se local de prazeres discriminizados, aberta às pessoas de todas as idades, sexos e condições sociais. É claro que muitos foram os elementos responsáveis por tais trocas de sentido. A partir de transformações tecnológicas, econômicas, sociais e culturais, que serão faladas no decorrer dos capítulos, tais relações apresentaram rupturas, que serviram não apenas para forjar novas práticas que se desenvolviam durante o período noturno, como também para recriar a própria noite. Pode-se afirmar que o crescimento urbano de Florianópolis no período estudado corresponde à emergência de uma nova população, modificada não apenas pela ampliação do número de moradores, como também no comportamento e atitudes que esses moradores passaram a ter em relação ao convívio com a cidade. Nesse processo, a cultura material urbana foi fundamental para uma mudança na cultura noturna. Mas como perceber tais mudanças?

Para a construção deste trabalho fez-se uso das mais diversas fontes históricas, como jornais e revistas publicados e editados em Florianópolis; arquivos sonoros de emissoras de rádio locais; inquéritos policiais de crimes ocorridos na cidade no período estudado; além de entrevistas orais e documentos oficiais que trazem a regulamentação da estrutura urbana e social da capital catarinense. No uso metodológico desses diferentes materiais, procurou-se estabelecer uma rede de relações com a finalidade de cartografar como, em cada uma dessas fontes, as práticas sociais noturnas eram desenhadas, como essas práticas se articulavam a diferentes setores da sociedade e como esses setores criavam regimes para gerenciar o tempo e o espaço onde essas atividades ocorriam. Apesar de toda a riqueza que os depoimentos orais trazem, gerando inúmeras possibilidades de análise, optou-se aqui pelo seu uso meramente informativo.

Junto da história dos divertimentos noturnos estão imbricadas outras histórias como a dos jogos e dos prazeres, abarcando então a das transgressões e a das ilegalidades. A cultura de bar é uma forma de divertimento na qual, muitas vezes, os participantes envolviam-se em confusões, principalmente por causa da sua associação com a bebida e com outras drogas proibidas, e era comum que esses excessos fossem desembocar nos gabinetes de polícia. Neste sentido, os processos criminais existentes na 1ª Vara de Florianópolis mostraram-se riquíssimos documentos para a construção de uma reflexão acerca das práticas ilícitas, também presentes na cultura de bar. Além de apresentarem uma geografia da transgressão, concentrada principalmente na região central da cidade, os inquéritos também serviram para mostrar o crescimento urbano-populacional de Florianópolis no período estudado e as

transformações no modo de vida de seus habitantes, como por exemplo, o aumento do uso de automóveis e a proliferação de drogas novas na cidade como a maconha e a cocaína.

Os jornais também foram fontes bastante utilizadas para a feitura deste trabalho. Embora esses veículos de comunicação não se preocupassem em dar visibilidade à vida noturna, foi possível, através deles, perceber muitos dos aspectos do cotidiano da cidade, principalmente em relação às mudanças urbanas. O acesso às práticas, “tal qual elas aconteceram”, lembrando o axioma de Ranke, não nos foi possível. Mas foi possível, a partir de um determinado corpo documental, ingressar na produção de verdades a respeito do assunto e perceber como, por exemplo, a imprensa estigmatizava alguns padrões comportamentais existentes na cidade. Assim, crônicas veiculadas em jornais e revistas locais deste período, como também a produção literária de um modo mais amplo, se mostraram como um *corpus* documental bastante rico, retratando e construindo o cotidiano noturno da cidade. Foi a partir dessas informações que se pôde construir parte da história dos divertimentos noturnos em Florianópolis, da qual a boemia e a cultura de bar fazem parte.

A crônica jornalística decodifica e reconstrói a cidade, seus moradores e as relações entre ambos. Tratando-se de Florianópolis, vale ainda dizer que os jornais, alvos de críticas por suas poucas páginas e seu descaso com a vida cultural, preocupavam-se muito pouco com o local. Suas notícias-alvo eram as voltadas para a política estadual, nacional e até internacional, além de demonstrarem interesse pelos esportes e em divulgar anúncios publicitários. Por isso, era nas crônicas que se podia ter acesso à vida cotidiana da cidade. A crônica, por seu caráter de registro do cotidiano político, cultural e popular, foi capaz de nos fornecer um mapeamento das práticas sociais de divertimento noturno, marcando permanências, rupturas e eventuais retornos.

Para o uso das crônicas como matéria-prima para o trabalho é importante termos em mente as particularidades de sua forma e também o modo como elas são concebidas. A crônica esteve muito em moda nos jornais brasileiros do início do século XX e os cronistas eram, em geral, escritores contratados pelos jornais para comentar os fatos do dia. Era uma produção literária que precisava ser elaborada de modo rápido e com um tamanho bastante limitado, por isso já foi considerada por muitos críticos literários como um gênero de menor importância, aspecto que por sinal vem mudando consideravelmente no meio acadêmico. Por isso, esse caráter imediatista das crônicas as torna preciosos documentos, já que “elas captam os pequenos movimentos de uma sociedade que se modifica”⁷. Por essa proximidade com o cotidiano, Antônio Cândido a classifica como um estilo literário a “rés-do-chão”, que “não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde

⁷ CANDIDO, Antônio. A vida ao Rés-do-chão. In.: CANDIDO, Antônio (org). **A Crônica**. O gênero, sua

tudo acaba tão depressa”. É por esta despreensão que o cronista tem uma maior liberdade para criar, pois não reivindica a eternidade aos seus textos, tornando-os mais humanos. “E esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição⁸”. Complementando a idéia de Antônio Cândido, Margarida de Souza Neves acrescenta a importância da crônica jornalística como uma escrita do tempo, historicizando a modernidade presente nas crônicas produzidas neste século:

A crônica, pela própria etimologia – *chronus*/crônica - , é um gênero colocado ao tempo. Se em sua acepção original, aquela da linhagem dos cronistas coloniais, ela pretende-se registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como estes pretensamente ocorreram de fato, na virada do século XIX para o século XX, sem perder seu caráter de narrativa e registro, incorpora uma qualidade moderna: a do lugar reconhecido a subjetividade do narrador. (...) a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo.”⁹

É claro que não podemos acreditar que existe uma verdade ontológica nesses textos. Todo esse cotidiano aparece filtrado pelo modo com que o cronista vê e sente o mundo que o cerca, que em nosso caso é Florianópolis nas décadas de 50 e 60 e 70. Assim, as crônicas jornalísticas e literárias por se interessarem pela vida cotidiana, seja ela noturna ou diurna, são as principais matérias-primas para este trabalho.

No primeiro capítulo, intitulado “A noite, esta criança” procurou-se desnaturalizar o objeto “noite” e trazer à tona as relações humanas que o constituíram. Para tanto, como Michel de Certeau sugere em “A Invenção do Cotidiano”¹⁰, se construiu uma “geografia de lembranças” voltando ao passado de Florianópolis, quando esta ainda se chamava Desterro, a fim de perceber as permissões e proibições em relação a noite e como a implementação da iluminação pública foi também a instauração de uma vida noturna pública e moralizada.

Após as reformas urbanas do início do século XX, que associaram os saberes médico-sanitaristas à ordenação da cidade, vemos emergir as mais variadas vivências na noite. Diante dessa pluralidade de práticas noturnas, o que se convencionou chamar de boemia - atividade que contribuiu para conciliar a noite e a esfera pública, de modo a positivá-las – chama-nos atenção e será apresentada no segundo capítulo. Em “Ébrio cenário” procuramos ressaltar atividades que estão para além do mundo boêmio, por isso estudamos outros aspectos da vida

fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp; 1992. P.13

⁸ Idem.

⁹ NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: Memória, Ordem e Progresso nas crônicas cariocas”. In.: CANDIDO, Antônio (org). **A Crônica**. Op. Cit. p. 82

¹⁰ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Vol. II. Morar, Cozinhar. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

noturna em Florianópolis a fim de fazermos relações entre a boemia e outras formas de sociabilidade, e também para entendermos melhor a emergência, a reclusão e/ou a transformação desta prática.

Por fim, o terceiro capítulo intitulado “Entre a negação e o estímulo – transformações na vida noturna” trabalhará com as críticas produzidas principalmente nos jornais em relação aos excessos envolvendo a vida noturna. Paralelo a esta produção discursiva que desqualificava determinadas atitudes e espaços boêmios, novos discursos vêm criticar a falta de diversões consideradas qualificadas. Assim, emergem a partir do final da década de 60 e com mais vigor nos anos 70, novas formas de viver a noite voltadas principalmente para o público jovem, nas quais estão em jogo novas formas de se relacionar com a cidade. Novos espaços de Florianópolis passam a ser explorados por este público, assim como novas relações com a noite e com a diversão são estabelecidas. O Centro deixa de ser o principal espaço radiador de grande parte da vida noturna, enquanto que bairros antes distantes, tornaram-se próximos com a popularização dos automóveis, emergindo como novas possibilidades de divertimentos noturnos. A ligação da noite com as transformações urbanas ocorridas nas décadas de 60 e 70 será o fio condutor que desenhará esta parte do trabalho.

1. A noite, esta criança

Ao construir a trama *Dolores* – peça teatral apresentada no Teatro Santa Isabel em 1884, que trata da infelicidade de uma jovem aristocrata obrigada a se casar com um homem que não ama – o dramaturgo desterrense Horácio Nunes evoca uma cena de baile. O cenário descrito é magestoso: um salão amplamente iluminado, com músicos tocando valsa, casais dançando com requinte e civilidade e homens apreciando refinados charutos havanos, enquanto outros se divertem na sala de jogos¹¹. A cena narrada se passa em uma casa de família, mais exatamente na mansão do Barão de Laranjeiras. Era em ambientes como estes – privados, fechados ao espaço público – que a elite de Desterro do final do século XIX costumava se encontrar durante as noites para promover seus bailes, saraus, serões, encenações teatrais, enfim, onde a *high-society* local ritualizava sua sociabilidade mundana¹².

Este uso privado do tempo noturno pode parecer aos olhos de homens e mulheres contemporâneos, que têm na noite uma infinidade de opções públicas de divertimentos – como boates, festas, bares, passeios, restaurantes, compras, etc. – um tanto quanto restrito e até monótono, mas é importante que não analisemos o passado pela ótica da falta. No período em que se passa o baile descrito por Horácio Nunes, nossa atual atitude perante a noite ainda estava por ser inventada e iria emergir do embate entre recusa, domesticação, imposição e resistência de diversas práticas.

No processo de publicização dos divertimentos noturnos, do qual as sociabilidades privadas do século XIX fazem parte, muitos fatores entram em jogo. A articulação entre saberes científicos, invenções e procedimentos técnicos, mecanismos de organização e controle do espaço e do tempo a partir das primeiras décadas do século XX,

¹¹ NUNES, Horácio. *Dolores*. In.: JUNKES, Lauro. **Teatro Selecionado de Horácio Nunes**. Florianópolis: UFSC/FCC, 1999. O Teatro Santa Isabel é o atual Teatro Álvaro de Carvalho, localizado no centro de Florianópolis. O dramaturgo Horácio Nunes, embora não seja natural de Desterro (Florianópolis), e sim do Rio de Janeiro, passou grande parte de sua vida nesta cidade, onde trabalhou como jornalista produziu suas obras.

¹² Entre os séculos XVIII e XIX, a prática da mundanidade consistia numa forma distinta de sociabilidade, na qual famílias burguesas reuniam em seus lares um grande número de pessoas da elite, entre eles intelectuais e políticos, para bailes, concertos e serões. Esta prática de receber em casa um grande público, começa a entrar em desuso no início do século XX, sendo gradativamente substituída pelas atividades promovidas nos clubes e associações. Sobre esta questão ver: MARTIN-FUGIER, “Os Ritos da Vida Privada Burguesa”. In.: PERROT, Michelle (org). **História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 193- 260.

criou e reforçou determinados códigos de comportamentos e atitudes perante a noite, propiciando a emergência de novas práticas, dentre as quais destacam-se a boemia e a vida noturna¹³ de um modo mais amplo. Desta forma, o silêncio de Horácio Nunes sobre práticas públicas e noturnas em Desterro, não deve ser entendido como deflagrador da inexistência de divertimentos na cidade. Ao contrário. É preciso admitir a existência de outras formas de viver a noite, não inferiores, recalcadas, ou reprimidas, mas infletidas e diferentes das nossas, porque são submetidas a outras regras. Assim, ao descrever o baile, o dramaturgo está descrevendo uma prática de sociabilidade de época – da sua época – e neste sentido, seu texto é bastante significativo, apresentando gestos, conversas, objetos e posturas humanas presentes nas relações entre os sujeitos históricos.

Em contrapartida, se não serve para denunciar uma possível “falta”, a prática do baile evocada na peça *Dolores* nos leva a refletir sobre a atualidade da idéia de vida noturna, ou seja, sobre como se deu a constituição do que hoje chamamos de vida noturna. Muitas vezes, a impressão que temos é que a noite nos chega como um tempo naturalmente propício às diversões, e se não paramos para refletir esta questão não nos damos conta que esta não é uma realidade que existe *a priori*, ou nem mesmo um objeto natural que permaneceu imutável. Assim, ao invés de entendermos a vida noturna e a noite como objetos ontológicos, procurou-se nesta investigação perceber as relações culturais que os tornaram possíveis. Por isso, antes de falarmos da vida noturna em Florianópolis entre as décadas de 50 e 80 do século XX, algumas considerações a respeito das relações humanas com a noite anteriores a este período se fazem necessárias, para que possamos apresentá-la como um objeto histórico e portanto pertencente à ordem do mutável. Desta forma, optou-se por fazer neste primeiro capítulo um recuo temporal com o intuito de melhor avaliar o antigo modo de se relacionar com a noite, perceber como foram se processando as transformações nas sociabilidades noturnas e como se deu a constituição disto que entendemos hoje por vida noturna.

1.1 – A racionalização da noite

O relógio afirma ser dia.
 Não obstante, a treva encobre e apaga a luz viandante.
 É da noite a vitória? A derrota do dia que abarca toda a terra
 em sombra triste e fria, quando pela claridade devia ser beijada?

Ó vem noite discreta. (...) A luz se ofusca e espessa.
 A ave de rapina para a mata o seu vôo alça.

¹³ Apesar da expressão “vida noturna” estar comprometida com uma certa crença de naturalização, imobilidade e continuidade das atitudes humanas perante a noite, a qual procuro criticar neste capítulo, optei pelo seu uso, entendendo-a a partir de sua acepção contemporânea, que nos é mais familiar. Assim, o emprego deste termo neste trabalho diz respeito às práticas voltadas principalmente às sociabilidades, lazeres e divertimentos oferecidos por uma cidade, deixando de lado eventuais atividades que também ocorrem durante a noite.

Já vão do dia as coisas boas desbotando, ao passo que, a seu turno,
aí vem acordando os agentes da noite em busca da presa.¹⁴

A tragédia *Macbeth*, escrita por Shakespeare em 1605, nos apresenta uma imagem bastante significativa da noite ligada ao encantamento, à magia e à religiosidade. Nela a noite é sinal de incertezas, de medo, de assassinios e traições. É quando bruxas e espectros passeiam e se sentem à vontade para fazer o mal, enquanto homens de bem se recolhem em suas casas e aposentos. *Macbeth* representa a batalha travada entre as forças do bem contra o mal, sendo que este aparece representado pela noite e seus agentes, que roubam do dia o sossego, a claridade, e a paz, ameaçando, inclusive, a estabilidade do soberano da Escócia. Inegavelmente, a peça apresenta uma dualidade que remete a dualidade essência/aparência: o dia está em oposição a noite, o primeiro é luz, lar das “coisas boas”, enquanto a última é donde as aves de rapina alçam vôo, onde a treva é uma ameaça. O uso da metáfora “noite”, como analogia ao mal, em Shakespeare, nos mostra que o “nosso óbvio” em relação a noite nem sempre foi tão óbvio assim. Óbvio no século XVII era que a noite era perigosa e que a vitória dela sobre o dia era, em última instância, o êxito do bizarro, do incompleto e imperfeito, do mal sobre o bem. Mesmo que convivamos com resquícios desse imaginário, nossa noite não é tão “cruel” assim.

Se a vida terrena em si já era entendida como o espaço do erro, da incompletude, da perversão para muitos pensadores dos séculos XVI e XVII, era na noite que estas características se evidenciavam. Em sua “tragédia da ambição”¹⁵, Shakespeare optou por um clima crepuscular, sombrio e pesado, como a noite era para ele. Segundo o historiador Luiz Carlos Soares, tal negatividade da noite é pertinente à época em que esta peça foi escrita. Em seu texto, *Por uma genealogia da noite na cultura ocidental*, Soares discute como diferentes imagens acerca da noite foram construídas no ocidente cristão a partir da Idade Média. Para este autor, as relações que diferentes culturas estabeleceram com a noite por vezes serviram para negá-la, associando-a com o mal, o perigo e as trevas. Outras vezes, tais relações propiciaram a emergência de práticas que positivaram o tempo noturno, como por exemplo a atividade da bruxaria e dos bandoleiros, que preferiam agir durante a noite. E ainda mais recentemente, vemos a noite ser transformada num lucrativo empreendimento capitalista, fenômeno que Soares denomina de “glamourização” ou “estetização da noite”¹⁶, no qual o ócio virou um ótimo negócio para empresários do ramo da diversão.

¹⁴ SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. [trad. Jean Melville]. São Paulo: Martin Claret, 2002. P.72 e 84.

¹⁵ SALES, Artur de. “Prefácio”. SHAKESPEARE, William. Op. Cit. p. 26.

¹⁶ SOARES, Luiz Carlos. “Por uma genealogia da noite na cultura ocidental”. In.: **História: Fronteiras**. Anais do XX Simpósio Nacional de História da ANPUH. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. P. 935 – 948.

No entanto, até chegarmos neste último momento analisado por Soares, um longo caminho se fez. Um primeiro ponto a ser pensado, é que para existir a boemia¹⁷, por exemplo, a noite teve de ser dessacralizada, desvelada. Pensemos nas imagens literárias relativas à noite escritas pelo poeta desterrense Cruz e Souza, no século XIX:

Fantasia do soturno, do galvânico, do lívido; colorista do shakspereano e do dantesco; matéria dos meios tons e das meias sombras, das silhuetas e das nuances; trombetas de Josaphat, que fazes caminhar todos os espectros, ressuscitar todos os mortos; máscara irônica de todas as chagas; confessionário de todos os pecados; liberdade de todos os cativos, como eu recorro a alegria subalterna dos teus mórbidos bêbados, dos teus ladrões cavilosos, das tuas lasses meretrizes, dos teus cegos sublimes e formidáveis, dos teus morféticos obumbrado e monstruosos, dos teus mendigos teratológicos, de aspecto feroz e perigoso de tigres e ursos enjaulados, acorrentados na sua miséria, dos teus errantes e desolados cains sem esperança e sem perdão, toda a negra boêmia cruel e tormentosa, ultra-romântica e ultra-trágica, dos vadios, dos doentes, dos degenerados, dos viciosos e dos vencidos! E a peregrina boêmia dos teus cães uivantes e contemplativos no amoroso espasmo do luar, dos teus gatos sonhadores, exilados e raros, estetas felinos deslizando sutis pelos muros, histéricos da lua, os olhos fosforescentes como a luz de estranhos santelmos! ¹⁸

A noite aqui é um lugar obscuro, de trevas, prostração, pecados e lassidão, onde os boêmios, mendigos e prostitutas - trágicos, vadios e degenerados - circulam. A falta de luminosidade, “os meios tons e meias sombras”, é sinônimo de desordem, de desregramento moral e corpóreo. Não obstante, é o lugar de “cains sem esperança”, dos viciosos e vencidos. Ainda não é o espaço democrático do lazer descompromissado e da diversão; seu uso apresenta uma aura obscurecida pelo pecado “onde caminham os espectros”, onde nada aparece bem definido e, como na caverna de Platão, só é possível ver silhuetas e nuances. Elemento presente na dinâmica orgiaca e habitualmente associada ao caos, “a noite era então o espaço privilegiado dos rituais. Das orgias e bacanais às saturnais romanas, é sempre a noite que se dedica à celebração do divino Dionísio”¹⁹, diz Michel Maffesoli. Para este autor, tal relação permaneceu durante toda a Idade Média, apresentando resquícios de sua continuidade até os dias de hoje. Mas foi

¹⁷ Emprego aqui o termo genérico boêmia para designar, de maneira geral, um conjunto de práticas exercidas durante a noite e não para me referir especificamente ao movimento da boêmia literária do início do século. A própria palavra, com a desmarginalização da noite, acabou se transformando. “...o nome correto seria ‘boêmia’. Mas com Adelino Moreira ou Nelson Gonçalves, por ignorância ou exigência da métrica, a acentuação mudou para ‘boêmia’, como na música *A Volta do Boêmio*. Houve muita crítica e discussão, mas hoje a palavra se impôs e, hoje, boêmia é a mulher do boêmio, ou uma região da Tchecoslováquia, famosa no mundo inteiro por seus cristais”. HENRIQUE, Cláudio. “Boêmia também é Cultura”. In.: *Caderno Comportamento. Jornal do Brasil*, 9 de agosto de 1990. p. 2. A própria “vulgarização” do termo, como sua transformação na década de 50, já deve ser problematizada como resultados da discriminalização da vida noturna e das mudanças das atitudes noturnas.

¹⁸ CRUZ E SOUZA. **Evocações**. Florianópolis: FCC, 1986. p. 62-63.

¹⁹ Cf.: MAFESSOLI, Michel. **A Sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. [trad. Aluizio Ramos Trinta]. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 130

com a industrialização e a urbanização das cidades, que a noite se dessacralizou, tornando-se profana²⁰ e aberta a outros usos que não apenas o sagrado.

Até meados do século XIX, o “acesso” ao noturno era restringido pela esfera do privado, não só em Desterro²¹ como também em outras regiões do Brasil e do mundo. Michelle Perrot mostra-nos como neste período, na França, a boemia artística passou a constituir um modelo inverso ao da vida privada burguesa se lançando à rua. “Primeiramente por sua relação invertida com o tempo e com espaço: vida noturna, sem horários – o boêmio não usa relógio – de intensa sociabilidade, tendo como palco a cidade, os salões, os bares e as avenidas”²². Desta forma, os boêmios foram os que primeiro se aventuraram na vida noturna e pública de Paris, porém não estavam sozinhos, mas acompanhados por uma série de personagens marginais como prostitutas, mendigos, bandidos e trapeiros, que constantemente figuravam na poesia de Baudelaire.

Com a invenção dos *boulevards*, passeios e vitrines, o barão de Haussmann, engenheiro responsável pelas reformas urbanas em Paris, possibilitou a constituição de um olhar à cidade e foram os boêmios, os “degenerados” e os operários – que tiveram suas horas de trabalho reguladas pelo relógio, não sendo mais o anoitecer o responsável pelo fim da lida diária que se estendia até a noite – antes mesmos dos burgueses, os primeiros a fazerem da cidade e das ruas, locais de encontro, de ver e serem vistos.

Com a popularização da luz elétrica, Paris passou de Cidade das Luzes, para cidade do néon. Suas ruas, que tanto causaram encanto em poetas como Baudelaire, tornaram-se moradas para os milhares de *flanêurs*, que passavam suas noites no exercício de desvendá-las²³. A geografia da cidade, neste caso, era propícia e a historiadora Julia Csergo a relaciona à invenção e à emergência do lazer citadino²⁴. As obras urbanísticas criaram novas formas de lazer e disciplinaram o domínio da noite, que perdia em sombra e ganhava em transparência.

²⁰ Sobre essas considerações a respeito da profanização do mundo moderno, ver: ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. [trad. Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

²¹ Gostaria de deixar claro que quando digo que a noite era um espaço restrito ao privado, estou me referindo aos divertimentos. Mesmo no século XIX, como nas primeiras décadas do século XX, eram comuns trabalhos noturnos na Ilha de Santa Catarina, como a pesca, a raspadura da mandioca, além dos saraus, como nos indica Maria Bernardete Ramos Flores em seu livro “**A farra do Boi**: palavras sentidos e ficções”. Florianópolis, 1997.

²² PERROT, Michelle. “À Margem: solteiros e solitários”. In: PERROT, Michelle (org). **História da Vida Privada, 4**. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. [trad. Denise Bottmann]. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 295.

²³ No texto “Sobre a modernidade”, Charles Baudelaire apresenta a noite como espaço preferido do artista *flâneur*, donde ele “será o último a sair de qualquer lugar que possa resplandecer a luz, ressoar a poesia, fervilhar a vida”. BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**: O pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. P. 23.

²⁴ CSERGO, Julia. “Extensão e mutação do lazer citadino. Paris, séc. XIX – princípio do séc. XX”. In.: CORBIN, Alain (org). **História dos Tempos Livres** – o advento do lazer. [trad. Telma Costa]. Lisboa:

Logo a burguesia começou a fazer uso de espaços como *boulevards* e passeios. Para Walter Benjamin, foram estes “aparelhos do olhar”, juntamente com as vitrines e galerias, os responsáveis pelo advento de uma nova cultura do consumo²⁵. A cidade passou a ser uma grande vitrine e a multidão ia às ruas para ver e ser vista. O olhar inventou a paisagem urbana e junto à ela, as vitrines, os cafés, os salões, as mesas nas ruas, a iluminação pública. Com a haussmanização e a melhoria da iluminação pública através da popularização da energia elétrica, vemos emergir novas práticas urbanas a partir das quais as sociabilidades puderam ser públicas. A noite iluminada e agora definidora de formas, passou a ser o cenário produtor de novos modos de existência, onde o olhar poderia agir e interagir na paisagem, propiciando a emergência de novas formas de individuação e novos sujeitos. É a invenção de um sujeito urbano do olhar e para esses homens e mulheres a noite se abre como um lugar de passeio e de estar, estendendo seus horários, assim como as possibilidades de espaços para sair, se encontrar, ver e ser visto.

Foi em meio ao vinho, prostitutas, bulevares, discussões artísticas e vitrines que a boemia literária se expandiu em Paris como um movimento cultural. Junto dela, burgueses, operários e artistas descobrem a rua e a noite. É certo que esse novo modelo urbano inaugurado por Haussmann serviria como uma resposta aos problemas higiênicos e sanitários pelos quais Paris vinha passando. As passagens, os bulevares, enfim os dispositivos urbanos visavam uma cidade mais sadia, pois desobstruíam a região central permitindo uma melhor circulação de ar e entrada de sol. Não obstante, os dispositivos instalados em Paris puderam responder às questões existentes em outras cidades do mundo que passavam pelos mesmos problemas, transformando-se num modelo a ser seguido. Em algumas cidades brasileiras, muitos destes dispositivos foram apropriados²⁶ em diversas reformas urbanas ocorridas a partir da segunda metade do século XIX²⁷, por se mostrarem como uma forma de tornar o espaço urbano mais

Teorema, 2001.

²⁵ BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. In: **Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. [trad. José M. Barbosa]. São Paulo: Brasiliense, 1989.

²⁶ Entende-se apropriação no sentido proposto por Michel de Certeau, no qual o “novo” quando inserido em um lugar que não o fabricou, será manipulado pelos seus por seus praticantes, estabelecendo um “contrato com o outro (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações”. Ou seja, o “novo” é atualizado conforme as práticas da cultura que o recebe. CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. P. 40.

²⁷ Há muitos estudos relativos ao século XIX, que buscam mostrar como as reformas urbanas e higienistas tentaram implementar nas cidades brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro, as idéias de Haussmann. Embora haja diversas críticas a tais estudos, como o desprezo pelas especificidades locais, as medidas práticas aqui vivenciadas, tinham como espelho Paris. Ver: PESAVENTO, Santra Jatahy. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1999. ; PECHMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

asséptico e moderno. Assim como a capital do país, outras cidades brasileiras adaptaram tais preceitos urbanos como respostas aos seus problemas²⁸.

Tais transformações aqui ocorridas, juntamente com o crescimento demográfico, permitiram novos usos da cidade, propiciando o surgimento de uma produção artística ligada à ela, intitulada de “geração boêmia”. Suas produções, que tinham como tema esta nova urbanidade, datam das últimas décadas do século XIX, avolumando-se e se uniformizando até 1930. A partir daí, começa uma nova fase: a da construção de uma memória calcada na boemia, através de biografias e estudos memorialistas, que criaram uma imagem idealizada e heróica desta e de seus personagens²⁹. Entre 1880 e 1900, a *geração boêmia* contou com figuras de relevo, como Olavo Bilac, José do Patrocínio, Aluísio Azevedo, entre outros. Como nos mostra João Paulo Rodrigues, em seu ensaio *A Geração Boêmia*, nesta fase as questões de cunho político eram presentes entre os literatos, e alguns chegavam a opor a boemia à burguesia, como no verso de Bilac:

Andamos rindo às estrelas
boêmios endiabrados
apedrejamos as janelas
dos burgueses sossegados³⁰.

Como podemos ver, a noite apresentada por Bilac, apesar de já dessacralizada e submetida a novas regras de conduta, ainda é o lugar da transgressão. São principalmente os boêmios, jornalistas e literatos que fazem uso da cidade noturna, tendo como pontos de encontro os cafés e confeitarias cariocas, além é claro, das ruas. Essa geração de escritores continuou produzindo, renovando-se com o passar dos anos e vivendo seu auge na década de 30 do século XX. O desenrolar dessas práticas aqui no Brasil não se deu descolado do modelo urbano, por isso cada cidade apresenta uma maneira diferente de vivenciar a cultura noturna. Desterro/Florianópolis tem suas especificidades, só possíveis de serem observadas se entendermos que cidade era esta e como se deu a interação espaço e sociabilidades, pois foi a partir das transformações urbanas ocorridas com maior ênfase no início do século XX que essas novas atitudes diante do noturno se tornaram possíveis.

²⁸ Aqui, destacam-se diversos trabalhos que se debruçaram sobre a problemática urbana na cidade do Rio de Janeiro neste período, como o de Robert Moses Pechman, **Cidades estreitamente vigiadas** e de Sidney Chalhoub em **Cidade Febril**. Quanto às reformas também ocorridas em Florianópolis, o trabalho de Hermes Reis de Araújo, **A invenção do litoral – reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**, de 1989, continua sendo o que melhor discutiu o tema, servindo de referência a diversas outras pesquisas que o sucederam.

²⁹ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A Geração Boêmia: vida literária em romances, memórias e biografias*. In.: CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.). **A História Contada**. Capítulos da história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 233.

³⁰ Idem. p. 240.

1. 2 – A noite em Desterro

Relatos de viajantes, memórias, crônicas e até mesmo trabalhos mais recentes na área da história, mostram os habitantes da Ilha de Santa Catarina como pessoas divertidas, dadas ao riso e à alegria³¹. Na sua *Memória Política* de 1829, Paulo Jozé de Brito, referindo-se a um episódio de que havia participado em 1797, apresenta o povo da Ilha como sendo alegre e festeiro:

Em um baile que também deu o dito governador pelo mesmo motivo, vi uma brilhante companhia de senhoras e de homens, das famílias mais distintas do país, e uma numerosa orquestra, em que se tocaram todos os instrumentos de sopro, e de cordas, com harmonia e bom gosto. Cantaram várias senhoras e dançaram minuets, contradanças e valsas, tudo segundo os usos da Europa. Fiquei admirado de encontrar tudo isto em uma terra tão pequena do Brasil (...) e a exceção do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, em nenhuma das terras em que estive, observei nas senhoras a polidez, urbanidade, e boas maneiras, que tinha encontrado nas de Santa Catarina...³².

Como vemos, Brito fala com admiração e surpresa de um baile particular do qual participou em Desterro, oferecido aos políticos, militares e outros membros da elite local. Ainda é uma festa que não foge ao ritual, na qual a rua como um espaço público não é citada, em que a própria urbanidade – “segundo os usos da Europa” – é algo privado. Baseado em tais relatos, Vergílio Várzea publicou, em 1900, a obra *Santa Catarina, a Ilha*, em que apresenta a seguinte descrição do catarinense: “O barriga-verde, pelo seu temperamento e feição psicológica, é muito sociável e dado a festas e divertimentos, sendo um desses tipos de povos que raramente experimentam bisonharia ou tristeza”³³. No entanto, quando sua opinião se manifesta especificamente sobre Desterro/Florianópolis, ela não é de toda semelhante a de Brito. Para Várzea:

A capital catarinense é talvez um pouco triste, para os que estão acostumados nas cidades movimentadas e ruidosas, onde a vida nas ruas, nos cafés, nas *brasseries* e teatros, constitui, durante o dia e a noite até altas horas, perene diversão pública, saturando a atmosfera em volta de alvoroço e alegria. Com uma pequena população, que não passa de 15.000 almas, disseminada em grande parte por arrabaldes longínquos, com casas comerciais, oficinas e fábricas quase todas acumuladas em um

³¹ Quanto a esta questão, as obras literárias de Aldirio Simões, assim como de Raul Caldas Filho, Glauco Carneiro e inclusive obras históricas de Osvaldo Rodrigues Cabral, têm muito a nos dizer, reificando o ilhéu como um sujeito de natureza irreverente. Ver.: SIMÕES, Aldirio. **Domingueiras: sou ilhéu graças a Deus**. Florianópolis: Papa-livros1990; CALDAS Fº, Raul. **ABC do Manezinho**. Florianópolis: Insular, 2003; CARNEIRO, Glauco. **Roteiro de uma ilha encantada**. Florianópolis: Expressão, 1987. A imagem irreverente e bem humorada, constante em obras literárias a respeito do morador de Florianópolis, foi alvo de reflexão e análise da historiadora Maria Bernardete Ramos, em seu texto “*Os Risos da Cidade*”, ainda no prelo.

³² BRITO, Paulo Jose Miguel de. **Memória Política sobre a capitania de Santa Catharina escripta em o anno de 1916 no Rio de Janeiro**. Lisboa: Academia Real de Ciência de Lisboa, 1829. p. 74.

³³ VÁRZEA, Vergílio. **Santa Catarina, a Ilha**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1984.p. 27.

ponto determinado e central, ela só apresenta movimento e bulício do alvorecer ao meio-dia, hora em que as ruas do comércio (Altino Corrêa e João Pinto, principalmente) e a Praça Quinze de Novembro na parte do cais, transbordam de povo, em uma afluência contínua, sobrelevada duas vezes por semana pela feira dos alemães e nacionais, acudindo à cidade com seus gêneros e mercadorias (...). À tarde o aspecto é mais triste; e à noite, com a falta de iluminação a eletricidade ou a gás (o que é incompreensível, hoje, em um centro que tanto tem progredido ultimamente), reina certa melancolia, particularmente se o rebojo do sul bate a cidade, embocando furioso nas ruas e uivando em rajadas. Comumente as diversões no Desterro não vão além das partidas dançantes em clubes e casas de família, e a ausência de outros quaisquer divertimentos é de tal ordem que semelhantes reuniões se repetem freqüentemente duas, três e mais vezes por semana. A tal respeito, é de justiça mencionar aqui, dentre as distintas associações desterrenses, o Clube Doze de Agosto, que conta com certa de 30 anos de existência, o Clube Germânia, também de fundação antiga e o Clube Dezesesseis de Abril. Estas agremiações compõem-se do que Florianópolis tem de mais seletivo e elevado, e dão festas dançantes e sessões de jogos no salão para famílias, que são o que há de mais apreciável e digno.³⁴

É visível a relação que Várzea faz da tristeza com a falta do movimento nas ruas. Sua crítica vai desde a população pequena e o povoamento fragmentado do território, até a falta de iluminação, o que torna a noite melancólica. Assim como a falta de diversões públicas e de vida noturna incomodam nosso observador, os poucos divertimentos restritos aos espaços privados também causam o mesmo incômodo. É a ausência de um outro regime de diversão que Várzea vem reclamar e esta se deve, principalmente, à falta de dispositivos urbanos que sua época convencionou chamar de modernos, como a eletricidade por exemplo. Na comparação entre a capital catarinense e outras cidades movimentadas e ruidosas, das quais podemos supor Rio de Janeiro e Olinda, Desterro sai em desvantagem, evidenciando uma associação entre modernidade/civilidade e abundância em divertimentos públicos.

Trinta anos mais tarde, referindo-se também aos moradores do meio rural da mesma cidade, agora chamada de Florianópolis, Oton D'Eça, jurista que completou seus estudos no Rio de Janeiro, classifica-os como um povo triste, desgraçado, entregue aos infortúnios da vida³⁵. A distância que separa esses dois escritores não é de fato muito grande e nem as opiniões tão divergentes, mesmo que o primeiro esteja falando da sociabilidade do meio urbano, enquanto o segundo fala da vida cotidiana dos moradores do interior da ilha. O fato de Oton D'Eça ter estudado na capital da república não é citado por acaso. Assim como Várzea, ele conhecia as diversões cariocas, “onde a vida nas ruas, nos cafés, nas *brasseries* e teatros, constituía, durante o dia e a noite até altas horas, perene diversão pública”, muito diferente da realidade local. Para ambos, faltavam diversões ao povo ilhéu; mas mais do que isso, faltava-lhe as condições de vida material que permitissem a emergência de práticas de sociabilidades

³⁴ Idem, p. 33.

³⁵ Ver: D'EÇA, Oton. **Homens e Algas**. 3ª ed. Florianópolis: FCC/UFSC, 1992.

públicas, como por exemplo, a eletricidade, os estabelecimentos comerciais, a segurança das ruas e, principalmente, no caso de D'Eça, o poder aquisitivo à população para usufruir dessas benesses da modernidade.

Vemos, então, surgir em Várzea um problema que não existia para Brito. O que teria mudado neste intervalo de tempo que teria transformado Florianópolis numa cidade triste? Seus moradores ficaram tristes de fato, ou interlocutores como Brito e D'Eça não conseguiam enxergar através das mesmas lentes? Uma possibilidade de resposta nós temos: o que somos, fomos e seremos é histórico e é com esta lente que enxergamos. O século que separa Brito de Várzea e D'Eça é marcado por mudanças simbólicas e materiais profundas, que interrelacionadas fundamentaram o desejo de se criar um estado de coisas propícias às diversões consideradas sadias. Assim, a tristeza que aparece nesses dois últimos escritores está na falta de uma vida urbana pública. A urbanidade e alegria que Brito via nos moradores de Desterro no final do século XVIII estava na polidez das senhoras, no seu cantar elegante, no tamanho da orquestra e no bom gosto do repertório, enfim, era no exercício de práticas íntimas e privadas, que para ele a província se aproximava da Capital, Rio de Janeiro. Enquanto que nas primeiras décadas do século XX, este conceito de urbanidade está ligado à uma vida pública – mesmo que domesticada e disciplinada, na qual os indivíduos teriam de educar seus gestos e atitudes –, à iluminação, às opções de divertimentos que não só as institucionalizadas pelo tempo sagrado das festas religiosas ou cívicas.

Em meados do século XIX, a falta de iluminação pública ainda não era um problema para o bem-estar da cidade, embora ela fosse um elemento imprescindível para a realização de algumas festas. Em 22 de abril de 1831, a Câmara Municipal de Desterro determinou aos moradores que iluminassem suas residências de modo a deixar a cidade “acesa” por três dias, comemorando a abdicação do Iº Imperador. Também ofereceu à alta sociedade local um suntuoso baile, comemorando o início do IIº Reinado. O baile, segundo narra Oswaldo Rodrigues Cabral, contou com a participação de quatro bandas militares, e com muitos populares na rua para assistir a entrada dos convidados, o que acabou causando uma grande confusão entre o “pessoal do sereno”³⁶. Um outro exemplo da necessidade da iluminação para a organização de festividades, foi a visita do Imperador à província em 1845, registrado por Manoel Joaquim de Almeida Coelho em sua Memória Histórica. Segundo ele:

À noite tiveram lugar as iluminações: o tempo, como que acompanhando a satisfação do povo, bem raras vezes se apresenta nesta Ilha tão propício a tais festejos: uma noite magnífica pela serenidade consentiu acenderem-se todos os arcos e colunas; todas as

³⁶ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro. Memória**. Vol.2. Florianópolis: Lunardelli, 1979. P. 19. A expressão que Cabral usa para falar dos populares que não puderam entrar no baile é “pessoal do sereno”; é interessante notarmos que este era um termo é contemporâneo de Cabral e servia para designar os boêmios. De cunho pejorativo, da maneira como foi empregado por Cabral, está relacionado à baderna e desordem, assim, a confusão que deu-se fora do Palácio, deu-se entre o “pessoal do sereno”, os populares.

casas se iluminaram a porfia, o que junto ao esplêndido luar tornava encantador o espetáculo que se apresentava a toda Cidade.³⁷

O tempo ajudou nas comemorações de 1845, permitindo que os lampiões permanecessem acessos e contribuindo para o divertimento de todos e para a continuidade das festividades. Como podemos observar, a iluminação urbana é um elemento fundamental para a constituição de uma cultura de divertimentos noturnos na qual todos poderiam participar, caso contrário, “gente na escuridão das ruas, (...) só podia ser soldado, marinheiro, escravo ou marafona”³⁸, comenta Oswaldo Cabral. Para Várzea, cinquenta anos depois desta festa, é a falta de iluminação a responsável pela tristeza do povo ilhéu, principalmente nas noites de vento sul, pois este não possibilitava o acendimento dos lampiões, o que fazia “reinar a melancolia” na cidade. A iluminação pública é aqui um dos fatores necessários à urbanidade, mas para Brito, em 1816 não o era, pois as sociabilidades se davam no espaço privado. Por isso, seria mais prudente pensar não que o povo ilhéu tenha ficado triste, mas que a tristeza percebida por Várzea, sendo histórica, se relaciona à falta deste signo de urbanidade desejado no período, que é a iluminação. É esta ausência que impossibilita os divertimentos nas ruas, como ocorria em cidades como o Rio de Janeiro.

Na obra *Nossa Senhora do Desterro: Notícia*, Oswaldo Rodrigues Cabral, a partir do estudo dos jornais que circulavam na província em meados do século XIX, chama a atenção para os problemas da iluminação pública:

Era um inferno e as reclamações choviam de todos os lados pois, apesar da pequena população, muito mais do que hoje, proporcionalmente, era o número dos que não tinham, àquelas horas, o que fazer, aproveitando o espaço ocioso (como em nosso tempo se diz...) para deblaterar e reclamar, principalmente aqueles que nunca haviam contribuído de maneira alguma para o progresso da cidade – igualzinho, igualzinho aos nossos dias, quando os reclamantes formam legiões e os atuantes nem mesmo um batalhão.³⁹

Apesar de Cabral insistir na questão da iluminação pública como algo difícil de se resolver, esta só se constituiu como um problema real na passagem do século XIX para o XX. Antes disso, a claridade produzida pela lua cheia já era suficiente para iluminar as noites, tanto que pelos cálculos da Câmara de Vereadores de 1842, haveria uma economia de 96 noites “nas quais se tornaria desnecessária a iluminação dos candeeiros: as oito dúzias de noites

³⁷ COELHO, Manoel Joaquim d’Almeida. **Memória Histórica da Província de Santa Catharina**. Santa Catarina: Typographia J.J. Lopes, 1853. P. 114.

³⁸ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro. Notícia**. Vol.1. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 152.

³⁹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Notícia**. p. 155.

de lua cheia, cujo esplendor faria, na Ilha, desmaiar o insignificante brilho dos candeeiros de azeite de peixe”⁴⁰, e por isso não precisaria pagar os serviços da concessionária responsável pelo acendimento dos lampiões. A luz da lua cheia se apresentava totalmente eficaz e eficiente para iluminar a cidade e não como um problema a ser resolvido. A sua falta sim, era vista como um empecilho. Pelo Edital de 16/04/1842: “sempre que a Lua deixe de alumiar, por qualquer motivo que seja, quer em toda noite, quer em parte dela”⁴¹, os serventes da concessionária deveriam estar de prontidão para o serviço do acendimento de lampiões.

Tal “problema” levantado por Cabral, diz mais sobre o tempo em que ele realizou sua pesquisa, ou seja, as décadas de 50, 60 e 70 do século XX, do que sobre o tempo de meados do século XIX. Neste, a noite ainda estava velada pelo âmbito do privado e “pessoas de bem” não saíam às ruas, até porque as Posturas Municipais⁴² não o permitiam. A iluminação pública da qual Cabral se refere, é um termo que conhecemos hoje, e está relacionada à energia elétrica, redes de ligação de longa distância e toda uma gama de tecnologias impensadas para aquele período em que a lua já era o suficiente para iluminar a cidade. Apenas em 1911 é feito um contrato com os engenheiros Edward Simmonds e Jonh Willianasont para os serviços de abastecimento de água e o fornecimento de luz e energia elétrica à Florianópolis. A concessão valeria por 25 anos e os engenheiros deveriam se responsabilizar pela:

... iluminação das praças, ruas e jardins públicos desta cidade, que será de 500 lâmpadas de 50 velas cada uma, acesas durante toda a noite, desde às 6 horas de março à setembro, e desde às 7 horas de setembro à março. E vinte lâmpadas de arco voltaico de 1200 velas até as 10 horas da noite, em domingos e dias festivos até meia-noite, salvo prorrogação da hora em casos especiais, a juízo do Governo do Estado. Além disso, são obrigados a manter acesa uma lâmpada de 500 velas a ser colocada na mão da estátua do congresso.⁴³

Em 1929 o contrato é rescindido, por se considerar que os serviços de luz da Capital precisavam ter maior amplitude e ser melhorados de acordo com as exigências técnicas modernas e o crescimento da população⁴⁴. Entre as exigências para o novo contratante, estava a de uma distância máxima de 50 metros entre os postes e a ampliação considerável do número de lâmpadas.

É a partir de tais reformas que podemos pensar na possibilidade de uma vida noturna disciplinada e ordenada e na constituição de novas atitudes perante a noite. Atitudes sadias, para os padrões médico-higienistas

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Ibidem.

⁴² Conjunto de leis produzidos e votado pela Câmara de Vereadores, que regulavam o uso do espaço público.

⁴³ Art. 14, do **Contrato e adiantamento de água, luz e força de Florianópolis**, de 1911. Acervo da Biblioteca de obras raras da UFSC.

vigentes no período, principalmente. Nos diversos conselhos de saúde e higiene popular que a Revista Catharinense de 1914 dava aos seus leitores, um deles era relativo à importância da luz para uma vida sem doenças. É claro que é dada uma ênfase à luz solar – “olhai a fisionomia do mineiro, privado do sol e a do lavrador, que trabalha em plena luz” –, mas a luz artificial, já popularizada, também ganha importância na falta da primeira – “a medicina também se serve, com sucesso, de banhos de luz elétrica; (...) que têm servido para curar afecções da pele”. Assim, percebemos que a boa iluminação, seja ela natural ou artificial, era uma questão fundamental não apenas para a noite se tornar um lugar de “estar”, mas também porque estava ligada à saúde pública e à moralidade das pessoas, como nos mostram os conselhos:

Lembra-vos dos pensamentos tristes que vos atormentam nos dias escuros e chuvosos (...). A escuridão torna o homem triste, impressionável, acessível a maus sentimentos e, particularmente à covardia. O homem colocado em plena natureza, em pleno sol, vê claro, justo; aprecia a liberdade e é naturalmente impelido a ser bom.⁴⁵

O homem à luz é justo, pois é impelido a ser bom, enquanto a escuridão torna o homem acessível a maus sentimentos... Fora o julgamento moral que estigmatizava os que viviam nas ruas à noite, como prostitutas, marinheiros e escravos, tal conselho mostra como a iluminação é associada também à saúde, não por acaso os banhos de sol são indicados como tratamento de diversas doenças neste período. Assim, a instalação da iluminação pública elétrica contemporânea à publicação deste artigo pela Revista Catharinense e às reformas urbanas ocorridas na cidade, foi também a instauração da salubridade nas ruas da cidade, pois a luz elétrica iluminava muito mais do que a antiga claridade propiciada pelo gás.

1. 3 – A noite profana em Desterro

Mas nem só de sono viviam as noites de Desterro antes a iluminação pública. Podemos destacar dois tipos de divertimentos: os controlados pela igreja ou pela municipalidade, que eram as festas ritualizadas, religiosas e cívicas⁴⁶; e os dos transgressores, que não respeitavam datas nem autorização para acontecer. As diversões do

⁴⁴ Decreto n ° 12 de Março de 1929.

⁴⁵ Revista Catharinense. N ° 8, Ano III. Laguna: Typographia Pátria, agosto de 1914. p. 244-245.

⁴⁶ Maria Bernardete Ramos, em sua obra *A Farra do Boi...* apresenta uma reflexão acerca das festividades antigas de Desterro/Florianópolis, não se limitando apenas às grandes festas anuais, como também às “festas miúdas” e rurais. Para esta autora, tais experiências, por estarem relacionadas à vida social demarcam nítidos lugares de memória trazendo à tona lembranças lúdicas do cotidiano sagrado. Ver: FLORES, Maria Bernardete Ramos. **A Farra do Boi**: palavras, sentidos e ficções. Florianópolis: UFSC, 1997.

primeiro tipo eram permitidas e não apenas tinham o aval do presidente da província, como contavam com o seu incentivo. De acordo com o contrato feito com os responsáveis pelo fornecimento de luz, em tais ocasiões as luzes da cidade deveriam ficar acessas até meia-noite, podendo prorrogar esse horário mediante autorização do governo do Estado⁴⁷ e as pessoas poderiam circular nas ruas à vontade. Eram em momentos peculiares, como os serões, os fandangos e as novenas, que se produzia a grande parte da sociabilidade entre pessoas que estavam fora da esfera do lar. Segundo Maria Bernardete Ramos, “estas festas ordinárias, miúdas, relacionadas com um tempo religioso, tornavam a vida aceitável e compuseram uma cultura, onde o lúdico e o labor, o sagrado e o profano imbricam-se no cotidiano.”⁴⁸

Tais acontecimentos mobilizavam toda a cidade. A Festa da Trindade era um desses exemplos, aparecendo freqüentemente em romances e narrativas do final do século XIX e início do XX. Em seu romance rural de 1877, *D. João de Jaqueta*, Horácio Nunes descreveu a ansiedade com que os rapazes e moças esperavam essa data, vestindo-se com as melhores roupas e ensaiando passos de danças. Tal festejo era onde se davam os namoros, os olhares preponderantes e os encontros de pessoas dos mais distantes arrabaldes⁴⁹, mas era também um lugar vigiado e sacralizado. Anos mais tarde, em 1900, a Festa da Trindade continuava sendo um momento especial no calendário ilhéu. Vergílio Várzea nos mostra a movimentação que a cercava:

até a meia-noite rondam carroças e passam cargueiros, abarrotados de gêneros e bebidas que uma multidão de muitas mil almas vai devorar, no outro dia, numa alegria aldeã, a sorrir e a palrar expansivamente, à sombra do pano branco das tendas, ou em pleno sol resplandecente, do meio dia. (...) A esse tempo, nas casas comerciais, aberta até as 10 horas, aperta-se ainda em burburinho a freguesia retardatária, que deixa tudo para o último momento. E é aí unicamente o lugar onde a cidade parece viver, nessa manhã, porque as demais ruas e os sítios, ficam desde cedo vazios, as casas cerradas e desertas, num abandono melancólico e numa longa paz.⁵⁰

Os preparativos, a mobilização popular e a entrada no tempo mítico e religioso denotam o caráter sagrado dessas festas, “é a irrupção do sagrado no mundo”, afirma Mircea Eliade⁵¹. Mesmo rompendo com o espaço privado e a clausura da noite, ainda não podemos considerar essas ocasiões como vida noturna tal como a conhecemos, pois estes não eram momentos corriqueiros que aconteciam independente de um fato, de uma ocasião especial; ainda

⁴⁷ Art. 14, do **Contrato e adiantamento de água, luz e força de Florianópolis**, de 1911. Acervo da Biblioteca de obras raras da UFSC.

⁴⁸ FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Op. Cit.** p. 148.

⁴⁹ NUNES, Horácio. **D. João de Jaqueta: cenas da roça**. Porto Alegre: Movimento; Brasília: Fundação Nacional Pró-memória, 1984.

⁵⁰ VÁRZEA, Vergílio. **Op. Cit.** p. 65.

⁵¹ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano. A essência das religiões**. [trad. Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 86.

estavam ligados a ritos comemorativos e também não traziam clara a separação entre trabalho e lazer. O tempo aqui entra como uma questão chave, para se discutir o cunho sagrado de tais festas. Desterro era uma cidade rural em que ainda não havia uma clivagem explícita entre o tempo de trabalho e o livre. Ambas as temporalidades eram descontínuas – já que não eram marcadas pelo relógio, não tendo assim hora exata para acontecer – e davam-se conjuntamente – enquanto o agricultor, o artesão e o funcionário público desempenhavam suas tarefas, bebiam, brincavam e cantavam. O serviço da raspadura da mandioca, por exemplo, era algo descontraído e até agradável, era o momento que a juventude dos dois sexos podia fazer brincadeiras mais íntimas, muitas vezes acabando em casamento, lembra Várzea.

Mesmo as atividades dos clubes sociais, que só se expandiram depois da segunda metade do século XIX com a inauguração de alguns espaços para encontros e festas restritas à elite, surgiam como um tempo consagrado. Os bailes organizados nos salões desses clubes, ou mesmo em casas de família apresentavam elementos poéticos e formais, trazendo uma carga normativa muito forte, onde as regras da vida privada se impunham aos participantes. Em tais ocasiões as pessoas podiam se distrair com espetáculos, conversações e bebidas, mas tudo regrado aos códigos de etiqueta. Segundo Oswaldo Cabral, nesses momentos

só não havia uma coisa: - a possibilidade de alguém sair em ponto alto, além da marca do seguro, a quebrar lampiões pelas ruas. Saía tudo direitinho, como mandavam a boa educação, a etiqueta e os cânones sociais de então. A não ser que quisesse ser excluído do rol dos moços finos, candidatos a bons partidos matrimoniais, ser alijado da lista de gente de “bem”, jamais conseguindo noiva com quem pudesse casar, mesmo muito pobre – tendo de contentar-se com qualquer amigação com uma “moça”, teúda e manteúda, e viver à margem da sociedade, sem um nome, sem um futuro.⁵²

Sem dúvida, tais distrações dizem respeito a um modo de vida burguês difundido entre a pequena elite da província, que viajava habitualmente à Capital do Império (para estudos, inclusive), trazendo para Desterro os signos de civilidade burguesa.

Além disso, estas festas estavam sob a égide do que era permitido pelas Posturas Municipais, que normatizavam os usos da noite e legalizam as sociabilidades. As Posturas de 1898 eram enfáticas em proibir o trânsito de pessoas depois das 10 horas da noite. Quanto aos estabelecimentos comerciais, como armazéns, tavernas e quitandas, regulavam seu horário de funcionamento entre as 5 horas da manhã e 10 horas da noite, no verão, e 6 da manhã e 9 da noite, no inverno⁵³. Tais medidas contribuíam, juntamente com a falta de iluminação, para restringir as

⁵² CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Memória**. p. 47.

⁵³ **Código de Posturas Municipais de Florianópolis – 1898**. Capítulo IV, Art. 108. p. 23. Arquivo Público

possibilidades de uma cultura noturna, pois estão ligadas a uma concepção de noite sagrada, como já foi discutido anteriormente. No entanto, não significa que outros tipos de diversões não acontecessem. Não por acaso, as mesmas Posturas proibiam sambas e batucadas “dentro das ruas da cidade ou das povoações”, assim como as bulhas e vozerios. Novamente caímos na questão da noite como um lugar velado. Era entre as 10 horas da noite e as 5 da manhã, que os escravos e os prisioneiros (pessoas ligadas à desordem e transgressão) tinham permissão para sair às ruas para jogar fora as águas servidas e as fezes. “Eram nessas horas silenciosas, tristes e apagadas da cidade que desciam do Mato Grosso, da Tronqueira, de mais longe ou de mais perto, de quase todas as casas, negros escravos com os vasilhames à cabeça, solenes com a sua coroa de trampa, gingando sobre o empedramento mal nivelado das ruas, pingando aqui, gotejando ali, o caldo nauseabundo, rumo à água do mar”⁵⁴. Assim, fica bem claro à quem essas posturas se dirigiam, além de proibirem atividades ligadas à cultura negra,

Todo o vendeiro que consentir dentro do armazém, taberna ou casa de quitanda, vadios, escravos, por mais tempo do que o necessário para compra ou venda, ou consentir nas ditas casas de negócios e quitantas, ou às portas, ajuntamento deles, toques, danças ou quaisquer vozerias, [será multado] em 10\$000 pela primeira vez, em 20, pela segunda e em 30\$000 pela terceira, ou tantos dias de cadeia quantos forem os mil réis da multa pecuniária⁵⁵

Mesmo sendo proibidos, não devemos acreditar que sambas, festas e distrações noturnas não aconteciam. Teríamos a pista das transgressões, mas infelizmente, as fontes que dizem respeito a elas não foram encontradas, já que os jornais da época, assim como os mais recentes, não dão espaços a tais atividades populares, ainda mais quando estas não eram permitidas.

Para acontecerem fora da esfera do ritual, os divertimentos noturnos tinham de ser pautados, de maneira geral pelo segredo, pela infração, pelo imponderável. O primeiro estabelecimento comercial que aproxima-se do que hoje chamamos bar, foi a taberna, espaço presente no romance de Horácio Nunes, *D. João de Jaqueta*, como um ambiente masculinizado e rural, que vendia bebidas à varejo para consumo imediato no próprio local, entre outros produtos. Este era o espaço das relações sociais informais, em que o ócio, a bebida e a vadiagem apareciam como elementos chaves. A ele, estavam também relacionadas a jogatina e a prostituição, por isso taberna e suas derivações adquiriram uma conotação pejorativa. Tal conotação não era contemporânea apenas de Horácio Nunes, mesmo em

do Estado de Santa Catarina

⁵⁴ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Notícia. **Op. Cit.** p. 177.

⁵⁵ Edital da Secretaria de Polícia de Santa Catarina, 24/01/63. Publicado no *Despertador* de 27/01/63. Apud. CABRAL, Oswaldo. Memória. **Op. Cit.** p. 388.

muitas décadas antes deste romance ser escrito, ainda em 1765, num relatório entregue ao Governador da Capitania, “taberneiro” aparecia associado às piores qualidades humanas, como nos mostra a seguinte colocação:

A Câmara da Ilha quase sempre é composta de homens rústicos, taberneiros e outra casta de animais semelhantes, depois que Manoel José de Faria assumiu como Ouvidor, ficando por mais de dez anos e pondo aqueles oficiais de costumes infames e pela péssima orientação de se oporem à todas as disposições do Governo.⁵⁶

Não é preciso muita interpretação para perceber que taberna era sinônimo de vagabundagem, barbárie, desvario. Era nela que secretamente homens sociabilizavam suas vidas; que escravos, mesmo sendo proibidos, tocavam seus batuques e faziam suas danças; que as prostitutas freqüentavam; enfim, que as trocas culturais aconteciam de uma forma muito particular, pois a escuridão da noite dificultava a plena vigilância. Burlar a lei, fugir dos olhos dos seus senhores, conversar, beber, eram possibilidades oferecidas por estes estabelecimentos. O risco da detenção existia, mas não impedia por completo tais atitudes; a noite com sua carga de mistério, era ao mesmo tempo lugar da transgressão e do abrigo. A guarda municipal era pequena e ficava muito restrita à região central, o que permitia que os crimes acontecessem. Pesquisando em jornais da época, Cabral constatou que “os ajustes de contas se aprazavam para o silêncio destas horas, não sendo raras as facadas, seguidas de correrias e dos gritos dos atingidos ou dos patrulheiros”⁵⁷. Não por outro motivo, as posturas proibiam que as portas das casas ficassem abertas sem lampiões acesos, pois os corredores poderiam servir como esconderijos e permitir outros crimes. Por isso, nesse momento, a iluminação das ruas significava além de possibilidades de divertimentos sadios, segurança e controle da disciplina.

Haveria outra justificativa para o rigor das Posturas, em especial, contra os escravos. Apesar de Desterro não contar com tantos escravos como o Rio de Janeiro, o temor de uma revolta escrava na cidade pairava no ar. Ainda mais se tratando da escravidão urbana, em que modalidades como aluguel, serviço de quitanda, falta de feitor, permitiam aos escravos uma certa “autonomia” em relação a seus senhores, fazendo deles “quase” homens livres. Assim, qualquer possibilidade de revolta era uma ameaça à ordem urbana, por isso, o controle sobre eles deveria ser bem mais incisivo.

⁵⁶ A Capitania de Santa Catarina nas notícias que se dá ao governador Francisco Souza de Menezes, antes de assumir o governo. In.: PÍTICA, Paschoal Apóstolo. **A Capitania de Santa Catarina** – alguns momentos. Florianópolis: Lunardelli, 1993. p. 147.

⁵⁷ CABRAL, Oswaldo. Notícia. Op. Cit. p. 153.

A rigidez das Posturas e os apelos constantes à melhoria da iluminação pública eram sinais de que a cidade noturna vivia sob ameaça, muito embora nos relatórios de presidente da província, no que diz respeito à tranquilidade pública, era comum frases como as apresentadas pelo Sr. Manoel do Nascimento da Fonseca Galvão:

Felizmente nada há perturbado a proverbial tranquilidade desta Província. A índole de seus habitantes, a dedicação às instituições que nos regem e o respeito que consagram às leis e aos direitos uns dos outros serão sempre um penhor de sua felicidade e desenvolvimento⁵⁸

Como podemos perceber, questões de ordem pública aparecem em documentos oficiais com sendo responsáveis pelo desenvolvimento da província. Por isso, era necessário que a municipalidade interviesse no funcionamento de vendas e tabernas, policiando com as Posturas os freqüentadores, principalmente no que tange os escravos, outorgando dessa maneira, as práticas ali ocorridas. Loucos e bêbados eram proibidos de vagar pelas ruas e no caso dos últimos, que encontravam-se em tal estado porque assim o desejaram, seriam levados ao Quartel de Segurança, ficando presos até que cessasse o efeito da bebida. Frente a essas questões, não é de se espantar que as percepções acerca da noite fossem negativadas. Novamente em Cruz e Souza, por exemplo, ela aparece como metáfora de morte, de trevas e melancolia: “Auréola negra, majestosa, ondeada/ alma da treva, deusa e perfumada/ lânguida noite da melancolia”⁵⁹. Como já foi dito anteriormente, ela estava sob o véu do mistério, da penumbra, do desconhecido, portanto as relações que a envolviam eram vistas sob a mesma ótica. Para práticas como a boemia, a saída com amigos, enfim, o divertimento notívago vir à acontecer fora do âmbito da transgressão, foi preciso que a cidade noturna fosse transformada num ambiente saudável, processo que se deu através do estabelecimento de novas territorialidades⁶⁰. Assim, a cidade poderia acolher pessoas com comportamentos também entendidos como saudáveis. Ocorrido isto, os novos usos da noite se deram quase que como um sintoma deste novo ambiente urbano que aqui se constituiu.

⁵⁸ Relatório apresentado pelo 2º Vice-presidente de Santa Catarina, o Sr. Dr. Manoel do Nascimento da Fonseca Galvão. Ao Presidente, o Sr. Dr. André Cordeiro de Araújo Lima. Por ocasião de passar-lhe a administração da mesma, em 3 de janeiro de 1870. Cidade do Desterro: Typ. J.J. Lopes, 1870.

⁵⁹ CRUZ e SOUZA. *Cabelos*. In.: **Sonetos da Noite**. Florianópolis: FCC, 1988. s/p.

⁶⁰ O 5º capítulo da dissertação de mestrado de Henrique Luiz Pereira Oliveira, “A clivagem das condutas”, dedica-se a esta discussão. Segundo este autor, o processo de reelaboração do espaço público, ocorrido em Desterro a partir da segunda metade do século XIX, teria desencadeado um série de intervenções nas formas de sociabilidades urbanas definindo o tolerável e o intolerável. Este processo foi marcado pelo choque entre as práticas avalizadas pelos costumes e as práticas contratuais, correspondente ao estabelecimento das formas de produção capitalista. Ver: OLIVEIRA, Henrique Luiz. **Os Filhos da Falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1990.[Dissertação de mestrado em História]

1.4 – A noite abre-se aos homens de bem

Nas primeiras décadas do século XX, a Ilha de Santa Catarina, já com o nome de Florianópolis, passou por uma profunda remodelação do seu espaço urbano. A onda higienizante e sanitária que havia modificado as imagens de muitas cidades do Brasil no final do século XIX, em especial a do Rio de Janeiro, aqui chegara com uns anos de atraso, mas nem por isso com menos intensidade. Apesar de a Capital catarinense estar longe do modelo modernizante apregoado no período, sem uma numerosa população, indústrias ou uma diversidade de atividades empresárias de grande prestígio – como foi o caso de outras capitais que passaram por processos parecidos, como São Paulo e Porto Alegre – foi implementada aqui uma política urbana, que articulada com saberes médicos, arquitetônicos, estatísticos e sanitários, propiciou um reordenamento da cidade, reconfigurando não apenas sua paisagem como as condutas de seus moradores e os usos que eles faziam dela.

Em seu trabalho, “A Invenção do Litoral”, Hermes Reis de Araújo faz uma minuciosa reflexão a respeito de tais transformações. Para este autor, fatores como o aburguesamento de uma parcela da sociedade local, a distância social cada vez maior que separava estes das classes mais humildes e o papel da cidade como sede do governo estadual, foram responsáveis pelo desejo de mudança por uma cidade mais moderna e sadia, o que propiciou simultaneamente uma distinção social clara e efetiva. Segundo ele,

as manifestações em torno da remodelação da cidade e também, de seus habitantes, envolveram aspectos bastante amplos como demolições de habitações na época julgadas insalubres, construções de edifícios públicos, abertura e pavimentação de ruas e avenidas, ajardinamento de praças e, também, além de outras obras e serviços públicos, a instalação das primeiras redes de água encanada, energia elétrica e esgotos⁶¹.

Com a implantação da rede elétrica em 1911, a iluminação pública melhorada, a assepsia das ruas, o calçamento e alargamento das estradas, o aformoseamento das praças e a construção de passeios públicos, tornou-se mais fácil submeter a cidade aos olhares vigilantes da ordem e da moral. A iluminação elétrica - mais barata, eficiente, adequada ao ideal de higiene, pois não provoca nenhum tipo de cheiro e não produz fuligem, e mais segura que a iluminação à gás - surge como um mecanismo de controle das áreas tidas como perigosas e como embelezamento para outras regiões que se pretendem modernas e civilizadas. Aliás, o embelezamento e a contemplação cerimoniosa

⁶¹ ARAÚJO, Hermes Reis de. **Op. Cit.** p. 16

foram um dos primeiros usos feitos da iluminação elétrica, que só começou a funcionar sistematicamente nas ruas e praças do Brasil, na Capital da República, a partir de 1904⁶².

Com as ruas iluminadas, outras questões relativas à noite vêm à baila. Após o cair da tarde, passear, encontrar pessoas e até namorar, passou a não ser mais um atentado à moral e os bons costumes. Ao contrário, os costumes seguiram o caminho da mudança abrindo novas possibilidades de sociabilidade pública, assim como a noite abriu-se aos homens de bem. As novas concepções médico-sanitaristas associadas ao espaço urbano tornaram possível a ampliação dos lazeres noturnos, fazendo destes uma realidade em todas as cidades beneficiadas pela iluminação elétrica, pois permitiam novos hábitos e práticas sociais. Satisfeito com tal intervenção em sua cidade, um cronista do jornal *O Estado de São Paulo*, em 1900, vê na noite iluminada uma possibilidade de estender as horas do dia, seja com trabalho, seja com diversões. Segundo ele,

Outrora, as cidades à noite eram como que desabitadas. A treva aterrava os homens honestos e pacíficos e protegia os ladrões. Hoje é exatamente a noite que as cidades salpicadas de luzes, oferecem mais seduções. Outrora, mal se escondia o sol no poente, retraía-se logo a atividade do homem. Hoje o homem pode exercê-la, sem interrupção de um minuto, desde o primeiro até o último dia do ano.⁶³

Mesmo com a iluminação pública em Florianópolis, as Posturas Municipais ainda eram enfáticas quanto à desordem urbana. No entanto, passar das dez da noite na rua já não era um crime que efetivamente resultasse em castigo. O desaparecimento dos lampiões, tão criticados pela imprensa, significou, não somente o aperfeiçoamento da iluminação noturna, como a possibilidade de colocar Florianópolis no mesmo ritmo frenético e moderno da Capital do país. Em 1914, o jornal *A Semana* apresenta um comentário que deixa claro o que significava a nova iluminação alimentada pela energia elétrica: “Desapareceram afinal, os fúnebres lampiões à querosene, esmagados pela conquista da ciência, e em troca tivemos uma luz intensa, brilhante, clara, *asseada, moderna, perfeita*”⁶⁴.

Assim, vemos o quanto apenas essa “pequena” mudança carregou consigo outros valores como a higiene, a modernidade, a racionalidade e o progresso, permitindo que a noite fosse um tempo/espaço em que tais valores pudessem ser experimentados. Novos estabelecimentos comerciais, voltados para o encontro de pessoas que agora circulavam pelas ruas, possibilitaram outras opções de sociabilidade burguesa, que não apenas a restrita aos clubes ou salões. A cidade ganhou cafés e cinemas, o que segundo um cronista da Revista *O Olho*, de 1916, era sinal de modernidade e de estar em compasso com o modelo urbano mais próximo à realidade brasileira, que era o Rio de

⁶² **A Vida Cotidiana no Brasil Moderno:** A energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930). Rio de Janeiro: Centro de Memória da eletricidade no Brasil/Eletrobrás, 2001. P.100.

⁶³ *O Estado de São Paulo*, 1º de janeiro de 1900. Apud. **Vida Cotidiana no Brasil Moderno.** Op. Cit.

Janeiro. Versava este cronista que Florianópolis “está tomando uma feição dos grandes centros, já começa a ter vida, animação. A noite, os cafés se conservam abertos até as primeiras horas da madrugada, e as comedorias do *Ligocky* são *bifadas* pelos *gastrônomos* noctívagos”⁶⁵

Paralelo a esta “abertura” pública da noite vemos emergir dispositivos disciplinares, que formam e transformam os indivíduos pelo controle do espaço, do tempo e das suas atividades. Assim, a partir do segundo decênio do século XX, as confeitarias, cafés e os cinemas surgem como alternativas saudáveis para as antigas tabernas, produzindo um código específico de comportamento público que se disseminou, mais tarde, por estratos mais amplos. O que vemos, juntamente com esses novos estabelecimentos, é a domesticação do espaço de beber, pois eles não estavam conectados aos signos do atraso e da imoralidade. A passagem da presença das tabernas no espaço urbano, para a presença dos cafés e confeitarias e a sociabilidade propiciadas por elas, é também a transição entre uma cidade atrasada urbanisticamente e uma cidade moderna. Ao contrário das tabernas, estas novas casas comerciais faziam parte da modernidade tão desejada, elas eram sinais de que Florianópolis não estava tão longe da paisagem urbana acalentada pela sua elite. É claro que para isso foi preciso projetar no plano urbano tais anseios burgueses, o que significou uma verdadeira segregação social, tirando do centro da cidade os traços de seu atraso, ou seja, a população pobre, suas moradas e práticas cotidianas e acentuando a clivagem entre as diversões consideradas adequadas e inadequadas.

A partir dessas mudanças, outros problemas são constituídos. Com a proliferação de estabelecimentos voltados à venda de bebida, a liberdade maior de andar a noite e a implantação de um horário rígido de trabalho urbano, o alcoolismo aparece como uma nova moléstia. As discussões acerca da proibição da venda, consumo e produção de bebidas alcóolicas nos Estados Unidos não era desconhecida em Florianópolis. A Temperança, como era chamada a Lei Seca americana, tornou-se notícia através de jornais e revistas que circulavam na cidade. Em 1912 a Revista Catharinense anuncia a prisão de um empresário da Carolina do Norte por portar álcool⁶⁶ Um ano depois, a mesma revista traz como manchete:

Uma senhora francesa, amiga da temperança, Madame Day, legou recentemente à Academia de Medicina uma soma de 100.000 francos (60 contos) para ser empregada na criação de dois prêmios. Um será entregue à pessoa que descobrir um remédio eficaz contra o alcoolismo; o outro a quem souber curar a *dipsomania*. Dipsomania é o nome científico da afecção que os populares franceses designam por esta frase – *Avoir*

⁶⁴ Apud: ARAÚJO, Hermetes Reis de. **Op. Cit.** p. 19. [grifo meu]

⁶⁵ Idem. p. 43 [grifos no original]

⁶⁶ Revista Catharinense. N ° 13, ano I, Setembro de 1912. p. 90

le gosier en pente. Esta moléstia se caracteriza por uma sede inextinguível, que somente o vinho e fortes bebidas alcóolicas mitigam momentaneamente.⁶⁷



Fig. 1.- Gravura ironiza um café no início do século XX.

Extraída do DC Documentos de 20/03/98.

Na gravura ao lado, extraída de um jornal do início do século, é possível notarmos como determinados estabelecimentos, como as tabernas, tiveram que se adaptar às exigências da modernidade transformando-se em cafés. Pelo tom jocoso que o cronista apresenta o Café Familiar é possível perceber que ele não era de fato um ambiente familiar. Apesar disto, aqui já notamos a presença de um lugar destinado à conversas em que a bebida é um elemento presente. Na mesa, garrafas e copos associam a boemia ao álcool, e a presença do cachorro pode ser entendida como uma crítica à falta de higiene, como também como uma outra forma de se relacionar com animais. De qualquer forma, a circulação de animais nesses ambientes irá se tornar inadequada e rarefeita. Ao fundo, um quadro onde aparece nitidamente o mapa da Itália. Estaria o chargista relacionando a vida de boteco aos imigrantes?

Tais preocupações não fizeram com que aqui se praticasse a mesma política, no entanto, a guerra contra o alcoolismo deu-se de outras formas. Com a ascensão de uma cultura noturna, permitida pela iluminação e higienização da cidade, o álcool passou a ser combatido como uma insalubridade moral, responsável pelo desapego ao trabalho e pela destruição das famílias. Ou seja, ao mesmo tempo em que a noite permite novas atitudes, criam-se dispositivos e instituições para controlá-la, e entre elas os Código de Posturas.

Os Códigos de Posturas de Florianópolis do final do século XIX e início do XX controlavam o horário de funcionamento dos estabelecimentos que vendiam bebidas alcóolicas. Mais do que isto, proibiam que se vendessem bebidas a quem já estivesse bêbado sob pena de multa ao proprietário do estabelecimento. Além disso, podemos perceber a clara associação que

⁶⁷ Revista Catharinense. N.º 8, ano I, Fevereiro de 1912. P. 273.

os Códigos fazem dos bêbados com os loucos, quando dispensam um único parágrafo para esses dois “tipos” humanos: tanto bêbados quanto loucos eram proibidos de andarem nas ruas, sob risco de serem recolhidos pela Guarda Municipal ⁶⁸. Fica claro que tal associação está ligada ao discurso médico vigente no período, que tinha como intuito “curar” o mal da sociedade. Pesquisando tais discursos, Maria Izilda Santos de Matos percebeu como o alcoolismo foi inventado como uma doença, e relacionado à desintegração moral da sociedade. Os discursos médicos do início do século eram enfáticos ao afirmarem que:

o mais encarniçado e feroz inimigo da tranqüilidade e da paz de espírito entre os seres é o álcool, eterno pomo de discórdia no lar, fatores de todos os crimes que sem cessar enlutam a humanidade [...] constitui o desequilíbrio da ordem social, põe à tona os maus instintos [...] embrutece gradativamente a inteligência, cava pouco a pouco a ruína, atrai a ociosidade, permitindo a entrada sorrateira da miséria [...] infelicidade no lar conjugal, a fome, coberto de andrajos, a prole faminta e asquerosa [...] é teoria aceita que a ação do álcool no organismo reanima o caráter mau...⁶⁹

Por isso o controle do alcoolismo no meio urbano. A preocupação dos higienistas era com a ordem social na cidade e um abafamento das tensões, daí que paralelo a uma crítica médica ao álcool viveu-se a domesticação do espaço de beber. Só após as reformas urbanas, que se preocupavam principalmente com as condutas dos indivíduos, é que foi possível a reelaboração de novas formas de sociabilidade. Só a partir desses melhoramentos urbanos e morais, a noite pôde, então, deixar de ser uma temporalidade privada e sacralizada, envolta por estigmas que praticamente interditavam as práticas de lazer, para tornar-se pública, convertida a uma temporalidade possível de ser explorada por todos que se submetessem às suas regras morais. Assim, começou a se construir a vida noturna de Florianópolis.

⁶⁸ Capítulo VI, art. 131 do Código de Posturas Municipais de Florianópolis, 1989. P. 27

⁶⁹ MOSS, Benjamin. Apud. MATOS, Maria Izilda Santos. **Meu Lar é o Botequim**. Alcoolismo e Masculinidade. São Paulo: Companhia da Editora Nacional, 2000. P. 69.

2. Ébrio cenário

Divertimentos e cultura noturna nas décadas de 50 e 60

Florianópolis, 5 de novembro de 1961. Nas dependências do Bar Miramar, por volta das oito horas da noite, um desentendimento entre fregueses e o proprietário do mesmo bar quase acabou em tragédia. Em meio a violência, uma faca de cozinha vira arma e um dos envolvidos sai ferido levemente. A. B. M., que assistia a confusão do lado de fora, onde tomava uma cerveja acompanhado de sua esposa (enquanto esperava o ônibus, já que o Miramar era também o ponto de ônibus para o sul da ilha), garantiu que os fregueses estavam embriagados, não fosse isto, a briga não teria acontecido⁷⁰. Na mesma noite, no *American Bar* do Querência Hotel, à rua Jerônimo

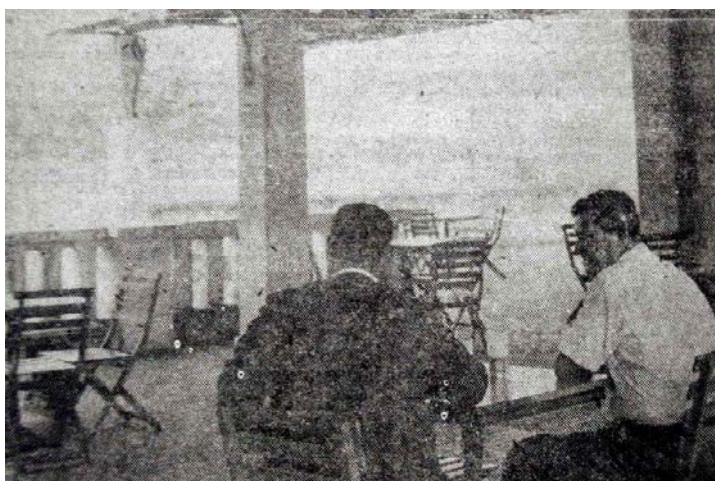


Fig. 2: Homens bebendo no interior do Bar Miramar. Jornal O Estado 1968.

Coelho, amigos que bebiam *Chivas* e *Old Eight* ao som de um piano bem tocado, discutiam sobre o possível candidato ao governo do Estado pela UDN. Mas falavam baixo para não deixar vazarem qualquer informação, pois na mesa em frente, jornalistas e políticos pessedistas também bebiam seu uísque e conversam sobre qualquer assunto de forma muito moderada.

As cenas acima se passam em Florianópolis, quando a cidade – ainda de casarios tão baixos que a Igreja se sobressaía na paisagem, e de ruas bastante estreitas, mas que davam conta dos pedestres e dos poucos veículos que existiam – começava a sofrer críticas por sua situação de

⁷⁰ **Processo n.º 6/62.** Caixa 118. Arquivo do Fórum de Florianópolis. 1ª Vara. ABM, são as iniciais da testemunha, que preferi preservar.

menor Capital do país e por ser, para seu Estado, apenas o lugar onde centralizava o poder governamental. Já na década de 50, a configuração urbana de Florianópolis começou a gerar cobranças por parte de alguns membros da elite e políticos que aqui viviam, e por parte dos que de certa forma sustentavam essa condição: políticos, empresários, industriais, enfim, produtores de riquezas das outras cidades catarinenses. Junto às cobranças e à “descoberta do atraso” de Florianópolis, partem dos governos municipal e estadual estratégias de ação baseados em planos redentores de mudança, que prometiam as condições materiais necessárias a um futuro glorioso à Capital dos catarinenses.

Neste cenário de cidade pequena e com futuro incerto, que era Florianópolis no final da década de 50, uma cultura de divertimentos noturnos fazia-se presente na vida de seus moradores e no seu espaço urbano, vivendo com a cidade cada cobrança e cada mudança, e sendo transformada, também, em alvo de críticas. Entre tantas situações exequíveis, o parágrafo que inicia este texto apresenta dois episódios distintos, o primeiro verídico, retirado de um dos processos-crimes por mim pesquisados; e o segundo, apenas uma ficção possível, criada a partir de inúmeras horas de entrevistas com pessoas envolvidas com a noite, da leitura de diversas crônicas recolhidas junto a jornais da época, de documentos sonoros de programas de rádio, e fotografias do cotidiano noturno do período. Tais pormenores que aparecem nessas fontes, como por exemplo, o tipo de bebida mais consumida, a hora em que uma determinada briga aconteceu, ou até mesmo a localização de um bar, ajudam-nos a mapear as relações existentes entre a cultura noturna e o processo de modernização pelo qual a cidade estava passando. O objetivo deste capítulo é apresentar a configuração da vida noturna em Florianópolis quando a cidade estava prestes a entrar em uma nova fase urbana⁷¹, e com isto perceber quais condições sustentavam a existência de determinadas relações com a noite e como essas relações, antes seguras e inquestionáveis, se tornaram gradativamente objeto das mais diversas críticas.

Como vimos no capítulo anterior, a primeira observação a ser feita a respeito da vida noturna em Florianópolis é que seu surgimento como uma opção de divertimentos ou distrações acessíveis a todas as pessoas é uma invenção bastante recente. Apesar de todas as mudanças urbanas e culturais ocorridas nas primeiras décadas do século XX, que permitiram uma abertura pública da noite, percebemos que as atividades noturnas ainda eram bastante restritas, não apenas em opções, como restritas também a um determinado espaço urbano – o centro da

⁷¹ Segundo Nereu do Vale Pereira, em “Desenvolvimento e Modernização – um estudo de modernização em Florianópolis”, a cidade teve sua história marcada por ciclos de desenvolvimentos alternados por períodos de depressão e estagnação econômica. Apesar de sua análise ser um tanto quanto ortodoxa e levar em conta a modernização apenas por seu aspecto econômico, deixando de lado as questões culturais, os períodos apontados por Nereu Pereira, como sendo modernizantes, têm servido de referência para outros estudos que têm a modernização de Florianópolis como foco. De acordo com este autor, o primeiro surto modernizante aconteceu em Desterro em meados do século XIX (1830-1880); o segundo momento de significativas transformações urbanas foi durante as duas primeiras décadas do século XX; e o terceiro momento aconteceria

cidade e os bairros próximos. Podemos dizer que estas restrições se davam, principalmente, pelo modo como as relações com a noite eram estabelecidas pela maioria da população da cidade, sendo comum encontrar em muitas crônicas de jornais da época a expressão “*horas mortas*” para designar este período. A expressão denota uma certa impossibilidade de se fazer um uso mais pleno dessas horas, mostrando que a noite ainda não era um alvo de interesse geral, ou pelo menos ainda não interessava aos jornais como um possível tempo para lazer e diversões, como irá acontecer na década de 70.

Porém, isto não dizer que antes de 1970 as horas noturnas fossem realmente mortas. Para alguns era durante às noites que se tinha possibilidade de experimentar o amor, de conversar com amigos, de passear pela cidade, de se relacionar com a natureza, enfim, de vivenciar experiências que não eram possíveis de serem vividas no ambiente do lar ou do trabalho. Florianópolis, desde décadas anteriores à de sessenta, já apresentava indícios de que a noite não era feita só de sono, como podemos observar na notícia retirada do jornal *A Gazeta* de 1947:

Tomou um pifão: Do Trapiche Municipal foi retirado e recolhido ao xadrez da Polícia Central, por estar provocando escândalo em completo estado de embriaguez, Francisco Cândido do Nascimento, mais conhecido pela alcunha de “Chico da Gaita”. O referido indivíduo havia sido posto em liberdade, de manhã.⁷²

A citação acima nos leva a pensar num aspecto particular da cultura noturna da cidade no período: o quanto os divertimentos noturnos, quando associados ao álcool acabavam se transformando em caso de polícia e como determinadas atividades, como a seresta e a boemia, em particular, ganham com isso um estigma de vagabundagem e desordem. Abriremos aqui parênteses para falar especificamente desta prática de época, a boemia, a fim de relacioná-la com outras atitudes perante a noite da qual ela foi companheira.

2.1 – Boemia e cidade: “*revolta e melancolia*”

“Podemos dizer que, desde sua origem o romantismo é iluminado pela dupla luz da estrela da revolta e do ‘sol negro da melancolia’.

Nerval⁷³

a partir de meados da década de 50, com transformações urbanas mais significativas nos anos 60 e 70.

⁷² Jornal *A Gazeta*, 14 de Fevereiro de 1947. Apud. CORADINI, Lisabete. **Praça XV Espaço e Sociabilidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995. p. 81.

⁷³ Apud. LÖWY, Michel e SAYRE, Robert. **Revolta e Melancolia**. O romantismo na contramão da

O termo boemia, já corrente em nosso vocabulário, tem origem distante no tempo e não seria o caso sair em busca dessa origem. Foi, no entanto, durante a Revolução Francesa que essa palavra ganhou um significado particularmente interessante, por estar associado à um “submundo literário” responsável por produzir e divulgar literatura ilegal, contendo os ideais Iluministas⁷⁴. A atividade boêmia reunia em tabernas, cafés e *saloons* esses grupos de *subliteratos*, chamados assim por estarem à margem da produção filosófica dos beletristas como Diderot, d’Alembert e Voltaire, a fim de, na clandestinidade, conspirarem contra o *Ancian Régime*. Daí a razão de tais reuniões serem à noite, quando todos os gatos são pardos. Era um mundo “*underground*” – diz Robert Darnton – “podia não possuir a estrutura corporativa da cultura beletrística, mas não era de todo anárquico”⁷⁵, e pretendia, à sua maneira, fazer a revolução.

Mas a boemia não se restringia aos conspiradores e suas atividades. Se encontravam nos bulevares de cidades como Paris gente de todas as intenções, escritores, prostitutas, trapeiros, trabalhadores em geral. Enfim, pequenas multidões de todos os tipos, que eram alvo de inspiração para poetas como Baudelaire, que dava uma atenção especial àqueles que abalavam os alicerces da sociedade.

Para ter sapatos ela vendeu sua alma;
Mas o bom Deus riria se, perto desta infame
Eu bancasse o Tartufo e fingisse altivez
Eu que vendo meu pensamento e quero ser autor...
(...)
Essa boêmia – ela é tudo para mim.⁷⁶

Vivendo entre prostitutas, bulevares, discussões artísticas e vitrines, e regada sempre por muito vinho, bebida que aparece constantemente nos poemas de Baudelaire, a boemia literária se expandiu em Paris como um movimento cultural, tendo seus desdobramentos em outros lugares do mundo. No Brasil, a produção artística da *geração boêmia*, como ficou conhecida a boemia literária, data das últimas décadas do século XIX, se avolumando e uniformizando até 1930, quando começa uma nova fase: a da construção de uma memória calcada na boemia através de biografias e estudos memorialistas, que criaram uma imagem idealizada e heróica desta e de seus personagens⁷⁷.

modernidade. Petrópolis: Vozes, 1995. P. 34.

⁷⁴ DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução** – O submundo das letras no Antigo Regime. [trad. Luís Carlos Borges]. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁷⁵ Idem, p. 34.

⁷⁶ BAUDELAIRE, Charles. Apud.: BENJAMIN, Walter. Op. Cit. P. 30

⁷⁷ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A Geração Boêmia: vida literária em romances, memórias e*

Tendo como ponto de encontro os cafés e confeitarias cariocas, essa geração de escritores continuou produzindo, renovando-se com o passar dos anos e vivendo seu auge na década de 30 do século XX, quando tornou-se presente, também, em outras cidades brasileiras. É importante enfatizar que a presença desse traço cultural em Florianópolis não se deu com o mesmo formato vivido nas noites cariocas. Assim mesmo, muitas comparações se darão neste sentido no decorrer do trabalho, pois entre personagens culturais das duas cidades muitas experiências em relação a vida noturna foram trocadas e muitas práticas ocorridas na Capital da República, aqui foram apropriadas conforme a cultura local.

A segunda metade da década de 50 do século XX, em relação ao desenvolvimento econômico e industrial, foi sem igual no país: governo de Juscelino Kubitschek, política desenvolvimentista, Plano de Metas – anos JK. Com a promessa de fazer o Brasil crescer “cinquenta anos em cinco” o governo JK privilegiou o desenvolvimento do país através de investimentos maciços no setor elétrico, na abertura de rodovias, no incentivo à indústria de base e de bens de consumo duráveis – destaca-se a automobilística – e principalmente abrindo o mercado nacional à entrada de capital estrangeiro. Paralelo a isto, construía-se em meio do vazio urbano do Planalto Central a capital bossa-nova, Brasília, símbolo da modernidade pelo seu projeto arquitetônico revolucionário, crítico e voltado para o futuro da país. Enquanto Brasília crescia do “nada” e capitais estaduais como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre viviam com bastante intensidade os “feéricos” anos 50, Florianópolis continuava uma cidade tímida, contando com aproximadamente 67 mil habitantes⁷⁸ espalhados em bairros distantes do centro e que mal conheciam os confortos que esta “nova” modernidade propiciava, como luz elétrica, telefone, esgoto sanitário, estradas pavimentadas, etc. Acanhada, porém não morta, a capital catarinense apresentava particularidades em relação a este processo ocorrido no

biografias. In.: CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.). **A História Contada**. Capítulos da história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

⁷⁸ De acordo com IBGE, a população absoluta de Florianópolis em 1950 era de 67.630 habitantes. Fonte:

resto do país. Também aqui se desejou modernizar o setor elétrico e a construção civil e pública, aperfeiçoar as rodovias, “sacudir” a produção artística-cultural e o modo de vida de seus habitantes e inúmeras foram as ações políticas, empresariais e individuais que contribuíram neste sentido.

Neste campo de forças específico, que é Florianópolis em meados da década de 50 à meados dos anos 60, estudar a vida noturna, proposta inicial deste capítulo, tornou-se uma tarefa complicada. Diante de uma pluralidade de vivências e de formas diferenciadas de se relacionar com a noite foi preciso esquadrihar a vida noturna, não com a finalidade de engessar determinadas atividades em respectivas categorias, mas com a intenção de diferenciar práticas que coexistiam e se enredavam num mesmo tempo e espaço, mas mantinham características próprias que lhes davam especificidades⁷⁹. Entre tais práticas destaca-se a boemia, forma bastante específica de vivenciar a noite e a cidade.

Se tratando de boemia, prática cultural vivida em diversas partes do mundo, devemos, primeiramente, atemo-nos às especificidades do local estudado com a finalidade de negar que as atitudes ocorridas aqui tenham sido um mero reflexo do que aconteceu em outros lugares. A apropriação desta prática em Florianópolis veio instaurar “um presente relativo ao momento e ao lugar”⁸⁰, sofrendo intervenção da cultura local e sendo reinventada e submetida às regras já existentes de disciplina, de comportamento, de relações com a cidade, etc. Assim, diferentemente de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo no início do século XX, aqui a boemia não aparece tão articulada a movimentos políticos e culturais – embora política e produção cultural também fossem assuntos conversados em mesas de bares da cidade – mas como um estilo de vida individual de algumas pessoas, na sua maioria homens; e mulheres, em grande parte prostitutas.

No entanto, é inegável que na prática vivenciada em Florianópolis haja continuidade de alguns traços dessa antiga boemia, como o desregramento, a resistência às normas de condutas apregoadas pela Igreja, a transgressão às

IBGE: Florianópolis, 10/11/2003.

⁷⁹ Além da boemia, outras atividades noturnas existiam no período, como reuniões dançantes, saraus, bailes, encontros em bares, restaurantes e cafés, *footing* em torno da Praça XV, sambas em locais mais afastados do centro, etc. Mas tais sociabilidades não, necessariamente, tinham o aspecto boêmio. Pelos crônicas que dizem respeito ao tema, entrevistas feitas, e outras fontes que tangem o assunto, podemos entender a boemia segundo a definição de Maria Izilda Matos, que a enuncia como uma prática voltada para o “escape da monotonia e do previsível, respeitando, contudo, certos códigos estabelecidos”. Ou seja, é uma atitude muito particular diante da noite, das diversões, do tempo e da vida, como será apresentado neste item. Cf.: MATOS, Maria Izilda S. “Nas fronteiras da História: a cidade iluminada. In: **Anais do XX Simpósio da ANPUH**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 1999.p. 961

⁸⁰ CERTEAU, Michel. Op Cit. p. 40

leis do Código de Posturas, e o envolvimento com a produção artística-cultural local. Outro aspecto necessário de ser ressaltado é que nesta reflexão a boemia não é entendida como uma prática cultural homogênea, autônoma, nem como uma atividade de classe. Ao contrário, esta é uma prática que acontece transversalmente entre a população, estando presente nas as camadas populares, médias, ou na elite⁸¹. O que não significa que os estabelecimentos comerciais preferido pelos boêmios pertencentes a diferentes grupos sociais fossem os mesmos, e nem que estes fossem necessariamente ambientes democráticos. Mas sendo a boemia uma atitude individual em relação ao mundo, ela atravessava as fronteiras sociais, acontecendo nos morros, para onde foi transferida a população pobre da cidade após as reformas urbanas das primeiras décadas do século XX; nos bares e restaurantes chiques da cidade; ou mesmo em ambientes que em princípio não haviam sido planejados para isto, como é o caso da famosa padaria “Foguinho”.

Em 1957, é publicada no Jornal *O Estado* uma crônica em homenagem póstuma ao ilustríssimo doutor Djalma Moellmann, que entre outras características evoca com destaque e irreverência o traço boêmio do distinto senhor, além de chamar atenção para o aspecto transversal e individual da boemia. Segundo o cronista, o doutor

Era um boêmio, com hábitos originais e, como todo boêmio, muito querido pela gente humilde. (...) Bastante displicente no trajar. Chegou certa vez, de São Paulo, um médico, recomendado do Dr. Alipio Corrêa Neto, que necessitava falar-lhe. Indagando no hotel onde poderia encontrá-lo, foi assim informado: ‘O Sr. fica na Felipe Schmidt, quando chegar ao Café do Quidoca, um camarada meio gordo, terno de linho amassado, cabelo caído na testa e gravata de laço quase desmanchado, em posição oblíqua, pode se encaminhar a ele, que é o Dr. Moellmann...’⁸²

Vemos que neste caso em especial, a boemia do ilustre senhor não é um traço negativo, ao contrário faz parte da sua “personalidade pitoresca, (...) essência de sua conduta como homem”⁸³. Acontece que esta prática não era sempre positivada, isso ia depender de quem a estava praticando e onde estava circulando a informação a respeito dela, neste caso na imprensa. Não fosse o Sr. Djalma Moellmann uma figura importante na sociedade florianopolitana, talvez sua boemia não tivesse sido evocada desta maneira. Quiçá aparecesse nos jornais como vagabundagem ou desordem, mas como as notícias policiais não eram muito comuns nos jornais do período, era mais provável que o Sr. Djalma e esse traço da sua personalidade ficassem mesmo na invisibilidade. Por isso, como

⁸¹ A esse respeito, a biografia de Nelson Rodrigues assinada por Rui Castro é bastante significativa, mostrando como conviviam em alguns cafés e bares do Rio de Janeiro, como o Bar Vermelhinho pessoas de diversas classes sociais, atraindo muitos escritores, jornalistas e artista. Cf. CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico**. A vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁸² **O Estado**. Florianópolis, 12/05/57. (Recorte do Arquivo de Obras Raras da BU. s/p.)

⁸³ Idem.

lidamos principalmente com crônicas jornalísticas, o acesso à universalidade dos divertimentos noturnos na capital fica limitado ao que a imprensa teve interesse em divulgar ou não.

Nessas crônicas por vezes o boêmio é apresentado muito próximo do estereótipo do malandro, em outras ele aparece como um “espírito livre”, despreocupado com as coisas mundanas, ou ainda como alguém revolucionário e incompreendido. Em 1951, numa das edições da Revista Bússola⁸⁴, o cronista Aôr Ribeiro chama atenção para a presença deste “tipo” urbano nas ruas da cidade, ele o chama de “Asverus errante e boêmio” e o apresenta com as seguintes características:

O homem da flauta não quer saber do caminho das horas, nem dos términos dos dias, nem dos princípios das noites. Caminha despreocupado, (...) caminha descansado com uma malandragem de causar raiva, e não se desvia dos automóveis – os automóveis que se desviem dele (...) Evidentemente, o homem da flauta não ganha nada em ser vagabundo, em ser boêmio, em ser jornalista, em ser tocador de flauta, ganha apenas, o que nós, que parecemos normais, não poderemos ganhar nunca: o ganho da vida descuidada.⁸⁵

O curioso é que se prestarmos atenção no texto acima, constataremos uma certa contemplação do cronista em relação ao modo de vida do boêmio, pelo fato de ele não se preocupar com “cuidados”. Ele não respeita horários, desenha sua própria geografia urbana num caminhar despreocupado e sem dar atenção aos automóveis. Enfim, pelo olhar do cronista vemos que o boêmio não corresponde às expectativas que uma sociedade capitalista moralmente constituída impõe, ele não é o bom provedor, não é um operário padrão nem um homem trabalhador. Ao contrário, sua atitude diante da vida se diferencia da maioria das pessoas – entre elas o próprio observador, que se incluiu entre os que “parecem normais” – exatamente pelo fato de não ocupar seu tempo com o “ganho” financeiro, mas sim com o “ganho de uma vida despreocupada”.

Apesar de o cronista não explicitar uma identificação com este modo de vida, fica evidente que ele acalenta uma vontade de compartilhar de alguns de seus aspectos, como uma provável liberdade. Em muitas crônicas, como a citada acima, a temática da boemia também é evocada como uma forma de crítica social. Nelas, o boêmio é apresentado como um personagem na contramão do capitalismo, imprevisível à ordem e às regras estabelecidas.

⁸⁴ Fundada em 1950 a Revista Bússola tinha a periodicidade mensal e circulava principalmente em Florianópolis, onde era produzida, embora também fosse distribuída para outros estados. De propriedade do escritor Juvenal Melquíades de Souza, a revista apresentava um caráter literário e voltado para a produção local, mas também mantinha um intercâmbio com escritores de outros estados, principalmente do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, que contribuíam com matérias sobre os mais diversos assuntos. A série documental pesquisa encontra-se no Setor de Obras Raras da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina e conta com os cinco primeiros anos da revista, ou seja, vai até 1955.

⁸⁵ RIBEIRO, Aôr. “O homem da flauta” In.: **Bússola**. N.ºs 9 e 10, ano 1. Florianópolis: setembro e outubro de

Noutras vezes, a crítica social é colocada em segundo plano e a boemia aparece como uma prática urbana que pertence a paisagem da cidade assim como os automóveis, os pedestres, lojas e estradas. O cronista, como o pintor da vida moderna apresentado por Baudelaire em seu consagrado ensaio “Sobre a modernidade”⁸⁶, vive a cidade e a capta, transformando-a em texto e trazendo à tona aspectos de uma sociabilidade que é particular à Florianópolis. É ele quem fotografa instantâneos da cidade, guarda-os em sua memória, os transforma em textos e os exhibe, fazendo dos periódicos uma vitrine. Ao contrário da maioria das pessoas, sua função/condição é estar exposto à cidade de um modo muito específico, ele sai às ruas a procura de acontecimentos corriqueiros, que servem de matéria prima ao seu trabalho, ele precisa da cidade pois dela vive e faz dela seu ganha pão. Novamente na Revista Bússola, encontramos um outro texto que manifesta o sentimento do cronista pela cidade,

Nós que sentimos a cidade, que a amamos, descobrimos nos seus recantos beleza e coração, olhamos a rua como um ente, como pessoas que vivem diferentes uma das outras, com diversos destinos... Alegres umas, tristes outras. (...). A rua é agasalhadora da miséria. É o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis, da arte. A rua sente nos nervos a miséria da criação e por isso é a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas.’

(...).Sim, concordamos com o poeta: A rua tem alma!...⁸⁷

O fato urbano faz-se presente nas crônicas de modo marcante: nelas, as condições materiais de vida provocadas pela urbanização tornam-se visíveis e a boemia, sendo também um fato urbano, torna-se igualmente alvo do cronista. Podemos perceber nas descrições de Aôr Ribeiro e de Álvaro de Oliveira uma certa afinidade entre o cronista e o boêmio. Ambos estão expostos ao fluxo da cidade; para ambos a cidade é um imã que os atrai sem um destino certo. A prática boêmia, assim como a escrita da crônica, precisa do ambiente cultural urbano para se tornar possível. Desta forma, boêmio e cronista dividem o mesmo destino: a cidade. A boemia apresentada pelo cronista não é apenas uma representação de um dos aspectos da cidade, mas é a presença do urbano em seu modo de criar. Essa presença é histórica e em breve irá se transformar juntamente com as transformações ocorridas na cidade, sendo que na década de 70, veremos nascer uma outra forma de se relacionar com a noite, a qual falaremos no próximo capítulo.

Assim, os textos literários vão definindo a boemia ilhoa sempre relacionando-a com a cidade, quando não de maneira direta, de forma indireta como é o caso da crônica de Laila Freyesleben, “A ebbiez da city”, publicado na

1951. p. 34;

⁸⁶ BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**: O pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

⁸⁷ OLIVEIRA, Alvarus de. “A rua tem alma...” In.: **Bússola**. N.ºs 28-34. Ano III. Florianópolis: Abril-Outubro de 1953. P. 34.

revista *Leia-me*, em 1949. Neste texto, a autora chama atenção para o efeito embriagador causado pela vida na cidade, o que segundo ela “é como se pelo ar flutuassem os vapores que se emanam de uma taça de champanhe”. Viver o urbano, assim como os boêmios o vivem, é entregar-se a embriaguez das *cities*, aos imprevistos urbanos, ao anonimato, além de negar a sobriedade da rotina e a estreiteza das relações sociais de “cidadezinhas pequenas como a nossa Florianópolis”. Opção que nossa interlocutora, após o convívio em grandes centros, descarta, preferindo a vida rotineira, mas encantada “nesta ilha abençoada”, como é possível observar abaixo:

Constitui fenômeno interessante, sem dúvida alguma, a *ebriez* que as grandes *cities* exercem sobre nós, habitantes de centros menores. O movimento intenso e constante de transeuntes e veículos a iluminação profusa e policroma, as múltiplas diversões e as situações imprevistas com que nos defrontamos à cada esquina, produz em nós um efeito semelhante ao da embriaguez alcóolica.(...) Em cidadezinhas como a nossa Florianópolis, por menos que se queira não se pode fugir da *rotina*: as distâncias são menores e as poucas distrações nos obrigam a seguir métodos rotineiros de vida. (...) Mas como o encanto da vida, depende da nossa maneira de encará-la, podemos achá-lo nas pequeninas cidades, ainda que falte a luz, os confortos da civilização, e mesmo nesta ilha abençoada! ⁸⁸

Nestes textos, em geral, vemos ser construída uma imagem melancólica, porém positiva da boemia. É como se nesta prática estivesse o germen de um mundo utópico, libertário, e o boêmio estivesse comprometido em instaurar essa liberdade. Essas imagens refletem uma certa instabilidade em relação ao mundo e ao futuro, nelas os boêmios são personagens flagrantes desse modo de vida instável, como podemos observar no poema/crônica “Boemia”, publicado na Revista *Bússola* de 1953:

Boêmios! Criaturas tristes, que da triste madrugada tiram alegrias!
 Almas revoltas que ficam tontas à luz do dia!
 Vivem colhendo beijos mentirosos de bocas infiéis!
 Adoram a penumbra barulhenta da ‘boite’; o olhar cansando e pleno de desejo das mariposas; o copo de embriaguez passageira, a fumaça do cigarro, que, como suas vidas, esvaem-se no ar.
 Boêmio richento! Com punhal à mão deixa a marca de criminosa passagem!
 Boêmio desiludido! Procura esquecer em botequins, cantando valsas dolentes ou trágicos tangos, um amor que feneceu à luminosidade do sol!
 Boêmio livre! Despreza preconceitos de educação e de noite, a claridade da lua, as carícias da mariposa ou a doçura dos lábios da mulher querida!
 Boêmio melancólico! Vegeta à escuridão, sem desejo de viver na sociedade!
 Boêmio livre! Despreza preconceitos de educações e de raça!
 Boêmio bebedor! Esconde, em sombras, o vício depravador!
 Boêmio vocacional! Em noites de farra tem seu ideal, seu lar é a rua; sua companheira a lua, seu mundo a negra noite, quem o governa é o coração!
 Boemia! Mundo que tem seis horas de vida e poucos a conhecem! Tem seus momentos de alegria e, também, sabe chorar!
 Mundo a parte, dentro de outro mundo!

⁸⁸ FREYESLEBEN, Laila. “Ebriez da ‘City’”. In.: **LEIA-ME**. Julho de 1949. P. 26

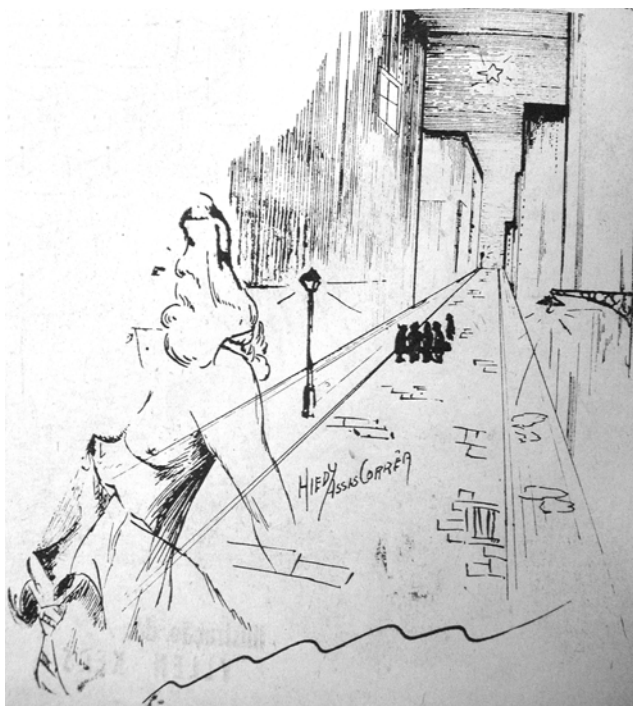
Tem ela reis, rainhas e lacaios; maldade e bondade misturam-se sob seu manto acolhedor e amigo!
 É desprezada, mas, não odeia!
 Boemia! Esperança de um dia melhor!
 Boemia! Meu ideal; minha doce escravidão!⁸⁹

Triste ou alegre, desiludido ou esperançoso, vemos aqui o boêmio como alguém que vive na corda bamba. Mostrando-se como parte deste modo de vida, o cronista se revela também um romântico, pois é governado pelo coração. Lembrando os românticos do século XIX, ele não aceita a vida em sociedade e se isola, porque “contrária a toda empresa de redução e uniformização, a atitude romântica é vista, antes de tudo, como um gesto espontâneo e autêntico de criação, comprometido apenas com a liberdade que pretende instaurar”⁹⁰.

Segundo Michelle Perrot, a boemia “constrói um modelo simetricamente inverso à vida privada burguesa (...) por sua relação invertida com o tempo e o espaço: vida noturna, sem horários, de intensa sociabilidade tendo como palco a cidade, os salões, os bares, as avenidas”. Talvez por isso o autor não se sinta parte da sociedade ordinária. O boêmio ama a liberdade, em consequência, seu lugar é a cidade e suas imprevisíveis ruas escuras, e seus pontos de encontro são bares e botequins. Mesmo sendo o “solitário” que aparece na crônica, ele não vive sozinho na noite, “conversar é o seu prazer, sua principal ocupação”⁹¹. Neste caso a solidão não lhe é uma escolha, é sim uma condição de vida. Como ele não se enquadra ao resto da sociedade esta lhe parece inadequada e só lhe resta

viver à margem dela, na escuridão da noite, onde a bebida, o cigarro, a música e os beijos das mariposas lhe ajudam a esquecer as tristezas do dia. Em relação a esse comentário tecido por Michelle Perot, referente a condição boêmia, é significativa a crônica “Boemia!”, de autoria de Paschoal Apóstolo e publicada no jornal *O Estado*, em 1957.

“Boemia!” é um texto memorialista de página inteira e que traz junto uma ilustração do artista plástico local Hassis, onde aparece uma rua da



III. Florianópolis: Abril-Outubro de 1953. P. 16

⁹⁰ SALIBA, Elias Thomé. **As Utopias Românticas**. São Paulo: Brasiliense, 1991. P. 41

⁹¹ PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários. In.: ARIÈS, Phillip. **História da Vida Privada**. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P. 295.

cidade mal iluminada com uma roda de homens ao fundo, aparentemente fazendo uma serenata e, no primeiro plano, a imagem do tronco nu de uma mulher. Neste espaço do jornal vinculado ao Suplemento Dominical (relativo aos atuais cadernos de cultura), tanto o artista plástico quanto o escritor deram forma à boemia local. Para tanto, Hassis usa traços firmes e rápidos, se aproximando da linguagem visual dos quadrinhos americanos. Já Paschoal Apóstolo, reconhecido jornalista e escritor da época, não ousa muito na forma literária, mas nos dá uma série de informações sobre a boemia florianopolitana da década de 50, seja apontando alguns de seus personagens, seja formulando uma imagem idealizada (mas não irreal!) da boemia ilhoa e definindo o que é ser boêmio. Segundo seu texto:

Ser boêmio é saber sentir a vida com um copo de cachaça, jogado de bar em bar. [...] O boêmio sonha com a felicidade. [...] Nesses momentos não existem preocupações e dissabores na vida, tudo é alegria, contentamento, numa convulsão com o sofrimento e a saudade. Na realidade quem fica acordado até o sol nascer para sentir o prazer desfrutado pelas companhias boêmias é um homem feliz. Não interessam os sofrimentos, as preocupações, o serviço que terá de enfrentar logo mais, tudo é suprimido e esquecido, pela simples vontade de estar ali, nestas horas, cantando ou ouvindo o Djalma no piston.⁹²

Nesta primeira parte da crônica o escritor trata de conceituar a boemia, formulando uma espécie de ontologia boêmia e apontando uma série de benefícios ao espírito de quem a pratica. Ele ainda a descreve como um momento de suspensão da vida cotidiana, na qual “tudo é alegria”, já que quem participa desses encontros, nas “caladas das noites”⁹³ é recompensado com o esquecimento das tarefas e dos sofrimentos da vida cotidiana. Continuando seu texto, Paschoal Apóstolo sai da descrição conceitual e universalizante da boemia para falar de como esta se dava em Florianópolis. Para tanto recorre à memória, lembrando da vida noturna de alguns anos atrás:

Quem não ouviu o Daniel cantando pelas ruas desertas de Florianópolis! Recordo-me perfeitamente que nas noites de insônia, deitado em minha cama, ouvia aquele canto boêmio à passar lá embaixo, na rua. Como aparecia aquela melodia, assim ela desaparecia. O boêmio não fica parado, deseja encontrar alguém e este alguém parece não vir.

[...] O Chico [do Acordeon] é um amigo das noites. Ora no [Bar] Marabá, ora no [Bar] São Luiz, ou rondando com os amigos pelas ruas da Capital, sempre tocando o acordeon, só pára quando os dedos não agüentam mais. O mesmo é com [Daniel] Pinheiro e com Djalma do Piston, que só para quando o sol já vem raiando...

Talvez você não saiba, mas Florianópolis possui uma vida noturna com boêmios, com violões, com cantores, pistons e acordeões a emocionarem a alma e o espírito de quem os acompanha.

[...] Nas ruas desertas, nos bares vazios, nas garrafas quebradas, aí está o boêmio. O boêmio é o solitário. Ninguém o compreende e ele não quer ser compreendido. Eles não têm cartaz nem “glórias” estampadas em manchetes de jornais. Eles são apenas uns boêmios que ficam dando trabalho aos guardas-noturnos com seus pistons, com sua voz, com seus violões entoando preces à rainha da noite... Eles são donos das madrugadas. São doutores no assunto.⁹⁴

Os nomes citados pelo autor da crônica eram nomes bastante conhecidos na cidade e persistem nas memórias de algumas das pessoas entrevistadas para a realização deste trabalho. Daniel Pinheiro, cantor e violonista, era o mais conhecido de todos por trabalhar em diversos programas de rádios de Florianópolis, era também conhecido como Rei da Voz Catarinense. Djalma do Piston também foi um músico bastante conhecido por se apresentar freqüentemente nos bailes dos clubes sociais locais. O menos citado deles é o tubaronense radicado na

⁹² APÓSTOLO, Paschoal. “Boemial”. In.: **O Estado** – Suplemento Dominical. Florianópolis, 15/12/57. P.2.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Ibidem.

cidade, Chico do Acoreon, talvez por tocar quase sempre em bares pouco requintados da cidade, estando assim ligado a uma “boemia marginal”⁹⁵, que sofria uma série de perseguições por parte das autoridades policiais, assim como eram estigmatizadas por parte de alguns jornalistas e escritores, além é claro, da população em geral.⁹⁶

Completando este quadro de análise, vemos que outra característica que define a boemia e que está presente também na crônica de Paschoal Apóstolo, como em muitas outras, é a sua relação com a natureza. Embora esta prática usufruísse de uma estrutura de casas noturnas que já existia em Florianópolis na década de 50 e 60, ela não dependia da existência dessa estrutura para acontecer. Ao contrário, a boemia era estritamente ligada aos elementos naturais, “seu lar é a rua; sua companheira a lua, seu mundo a negra noite”. Qualquer lugar era um lugar possível para se fazer uma serenata. No entanto, a inspiração é buscada em elementos da natureza como a própria rua, aqui entendida como já fazendo parte da paisagem, a lua, o sereno, e a amada ideal, invenção do Romantismo, que diante do desencantamento promovido pela modernidade, busca no passado “imaculado” um modelo de amor. Esses elementos manifestam-se em grande parte da criação cultural do período e são difundidos transversalmente em crônicas, poemas e romances, sendo temas de fundamental importância para muitas canções que circulavam nos meios boêmios, principalmente as serestas.

A seresta, ou serenata, assim como a boemia, era outra prática comum nessas décadas. Aliás, a ligação entre boemia e seresta é tão próxima que por vezes se confunde e é difícil analisá-las separadamente. Trata-se de uma prática de se sair à noite, ao sereno – daí a expressão serenata – para cantar à amada suas dores ou amores, tocar um instrumento (geralmente o violão), encontrar-se com amigos, relacionar-se com a natureza. A escolha dos seresteiros pela noite, é a escolha pelo mistério e, em alguns casos, pelo anonimato. Muitas serestas eram declarações de amor encomendadas e oferecidas por alguém que não podia, ou tinha medo de se revelar. Também era bastante corrente que o próprio apaixonado fizesse uma serenata à sua amada e neste caso o que menos importava era a sua destreza musical, mas sim sua intenção em abrir seu coração e homenagear o seu amor. Assim, a serenata era uma ferramenta à serviço das conquistas afetivas entre homens e mulheres, além de ser também – num tempo em que o ritmo das relações amorosas era extremamente lento se comparado aos tempos atuais – a forma mais fácil de um homem se aproximar do quarto de uma moça. Esse procedimento afetivo é descrito no poema de F. Luz, “Serenata”, publicado no jornal *O Estado* em 1959:

⁹⁵ A definição “boemia marginal” foi inserida aqui para marcar uma clivagem social e estigmatizante existente na vida noturna local. Remete a uma prática ligada às camadas populares da cidade e que ocorria principalmente nas áreas de prostituição da cidade. Este assunto será melhor debatido no texto “Territórios de transgressão”, no terceiro capítulo desta dissertação.

⁹⁶ Cf.: NONNENMACHER, Marilange. “Um lugar sem memória”: Rua Conselheiro Mafra no século XX.

Junto ao teu quarto, minha alma quieta
 Permanecerá, nestas noites de duro exílio,
 Indormida, vigilante como o poeta
 Que continua clamando por auxílio Não te assustes, porém, com a voz rouca,
 Porque ela estará, com o plangente violão,
 Sedenta de amor e de ternura louca,
 Entoando nossa doce canção.

Ouvirás ainda, quando a madrugada surgir,
 O eco da minha voz que por ti clama,
 Na esperança de tua carícia sentir.

E quando o vento cantar, como doce cascata,
 Escutarás nele minha voz que por ti reclama,
 Na mais divina e inocente serenata.⁹⁷

Mas, mais do que propiciar o encontro, a seresta pode ser entendida como uma atitude de permitir-se à determinadas afecções existentes na cidade e agenciá-las de modo a produzir uma subjetividade com a marca indelével da exterioridade. Neste sentido, muitas das canções de seresta enunciam uma relação indissociável do indivíduo com a cidade, com a natureza, com outros indivíduos, como é o caso da canção “Noite Cheia de Estrelas”, quase um hino entre os seresteiros:

Noite alta céu risonho,
 A quietude é quase um sonho,
 O luar cai sobre a mata, qual uma chuva de prata
 De raríssimo esplendor.
 Só tu dormes não escutas o teu cantor
 Revelando à lua airosa a história dolorosa desse amor

Lua, manda a tua luz prateada
 Despertar a minha amada
 Quero matar os meus desejos
 Sufocá-la com meus beijos.
 Canto, e a mulher que amo tanto
 Não me escuta está dormindo
 Canto por fim,
 Nem a lua tem pena de mim
 Pois ao ver que quem te chama sou eu
 Entre a neblina se escondeu.⁹⁸

O seresteiro canta à lua. A exterioridade aqui é a condição de existência de sua canção e em última instância de sua alma. A partir desta reflexão, é possível perceber como a subjetividade é uma fabricação histórica e social e como seresta e boemia são práticas de época, que estão ligadas a uma relação particular a este momento histórico

Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado em História]

⁹⁷ F. LUZ. “Serenata”. In.: **Jornal O Estado**. Florianópolis: 24/9/59.

estabelecida entre o homem e a natureza. Embora a boemia acontecesse no espaço urbano e já dessacralizado da cidade, é flagrante que em alguns textos a ligação do homem com o meio natural guardasse resquícios de um modo de vida ainda intocado pelas relações de produção do capitalismo industrial. E isto não se dava apenas pelo aspecto romântico desta prática. É importante apontar que na década de 60, quando o surto desenvolvimentista impulsionou a industrialização do país e Santa Catarina conheceu um expressivo crescimento econômico, “a mentalidade rural ainda predominava na maioria dos habitantes florianopolitanos”⁹⁸. Nas regiões do interior da ilha grande parte da população vivia de atividades agrárias ou da pesca. Não obstante, os temas naturais que apareciam constantemente na produção cultural ligada à boemia, eram evocados ainda com um certo encantamento, mesmo que a tecnologia e a ciência já tivessem contribuído para o fim dessa “magia”. No jornal *O Estado* de 1957, Barreto Filho, um adepto moderado das atividades noturnas, publica o poema “A Lua e a Ponte”, no qual o tema revela não apenas uma admiração do autor pela lua, como uma relação de cumplicidade, um maravilhar-se pelo astro:

Lua em flama, congelada,
 Em brasa refrigerada
 Não sei se voa, se nada,
 Nem se é teleguiada
 Esterlina, oxigenada
 Ou loura sofisticada
 Feiticeira e enfeitada
 Por vara, condão de fada
 Do Seixas Neto afiliada,
 Dindinha Lua, coitada!
 Lua cheia, Lua grada
 Lá, na Ponte Hercílio Luz... (...)
 Não sendo minha nem tua,
 Não é de ninguém a Lua
 Mas, na Ponte Hercílio Luz,
 Põe ouro naqueles aços,
 E ouros chispantes, ricaços.
 Lumes, metais dos espaços,
 Em barras, fluidos, pedaços,
 - Vêm à ponte, vão ao mar...
 “E o Mâncio, que é homem sério,
 Diz que é falta de critério,
 Da lua fazer mistério,
 É um caso apenas sidéreo,
 Um caso chinfrim e aéreo...”
 “Fontoura Rey (rei sem trono)
 Descorda com doce entono:
 “Barreiros, tu desatinas
 Por que corres as cortinas
 Às coisas quase divinas?”

⁹⁸ Música de autoria de Cândido das Neves, gravada em 1932 por Vicente Celestino.

⁹⁹ PEREIRA, Nereu do Vale. Op. Cit. p. 63

Pois eu as vejo opalinas,
 “Peregrinas, superfinas,
 Tremulinas, bailarinas,
 Serpentinhas de luar,
 Sobre a ponte, sobre o mar...”
 “A Lua cresce em prestígio,
 A Lua chega ao fastígio,
 A Lua é mais que um prodígio,
 Só vendo com o próprio olhar,
 Só vendo é de acreditar,
 Lá, na Ponte, sobre o mar...”¹⁰⁰

Como é possível observar no poema acima, Barreto Filho não ignora os estudos científicos a respeito do espaço sideral, que na época, em função da Guerra Fria e da Corrida nas Estrelas, germinavam com rapidez e eram levados muito à sério pelas principais nações do mundo, Estados Unidos e URSS. Inclusive, este poema foi publicado no mesmo ano em que os soviéticos lançam o primeiro satélite artificial, o Sputnik, em 1957, notícia que repercutiu bastante na imprensa local. No entanto, tais descobertas não retiram do poeta o encanto pela lua, ao contrário, para ele “a lua cresce em prestígio e chega ao fastígio”, mesmo que estudiosos respeitados na cidade como Seixas Neto e Mâncio Costa a tratem de forma cética, retirando dela todo o mistério e reduzindo-a a um objeto de estudo científico.

Estamos tratando de um momento em que a cidade andava em ritmos lentos. Nessa época, sair com amigos, ou mesmo sozinho para admirar a lua, para cantá-la, prática comum entre os boêmios, era uma forma de introspecção, uma forma de invenção de si. Nas caminhadas durante à noite, dedilhando o “pinho”, sonhando com a amada ou conversando com os companheiros, o indivíduo se coloca diante do mundo, produz uma subjetividade que é particular a este momento histórico e que foi se perdendo, ou se transformando, a partir das mudanças urbanas da cidade que vieram a intervir diretamente na cultura material de seus moradores. O poema acima citado, revela o lugar central ocupado pela natureza no universo social e subjetivo do boêmio, e, muito embora o autor não critique as intervenções “modernas” interferindo na sua percepção do mundo e nem se coloque contrário a elas, muitos as sentiam e a sua maneira, reagiam a elas. É o caso de Osmar Silva, cronista que entre os anos de 1956 e 1961 escrevia para a Rádio Diário da Manhã, tendo seus textos veiculados em dois programas: “Janelinha da Ilha” e “A Página do Dia”. Em uma de suas crônicas, intitulada “Dindinha Lua”, o narrador lembra de sua juventude quando saía à noite à fazer serenatas, e critica com tom melancólico e saudosista as interferências científicas do homem na lua, retirando-lhe a poesia:

¹⁰⁰ BARRETO F. O. “*A Lua e a Ponte*”. **O Estado**. Florianópolis, 12/05/57.

No meu tempo de criança, quando certos aspectos da vida eram embelezados pela minha ingenuidade, a lua era prestigiada em prosa e verso e imperava como a grande inspiradora dos namorados (...) E fiz muitos versos de amor, e fiz também, muitas serenatas. Depois, depois que os homens implicaram com a lua! (...) E o homem, que antes fazia-lhe serenatas, hoje estuda um meio de alcançá-la!... A lua deixou de ser um mistério e com isso, mataram-lhe o encanto e a poesia!... Nesse período de transição da humanidade em que a ciência tenta a conquista dos espaços siderais, a lua, como expressão poética aparece tão deslocada como o novo rico na casa que seu mau gosto decorou!¹⁰¹

Firmando sua tristeza em ver que o astro, símbolo do sentimento romântico de seu passado e de um passado de proximidade do homem com a natureza, está sendo pesquisado e dessacralizado pela ciência o autor se ressentido. Sua melancolia e sua revolta assumem ares de “crítica moderna da modernidade”¹⁰² e emergem do incômodo em ver certos valores humanos tradicionais se esboroarem diante da modernidade, mas são também as armas que ele tem para lutar pelo futuro. Em última instância, é a crise do sujeito que aparece nesta crônica, pois segundo o autor, contra este processo de “transição da humanidade”, ele nada pode, ele sabe que está entrando num novo tempo, em que as relações humanas começam a se dar em um outro território, do qual ele não se vê participante, mesmo que faça parte. Através do seu texto, podemos perceber como a associação entre tecnologia, ciência e capitalismo, própria da modernidade, e que há muito já vinha desterritorializando os sujeitos de suas esferas natais, era sentida na pequena Florianópolis. É evidente que para o autor não apenas a lua “como expressão poética” está deslocada, mas toda uma rede de relações calcada num sujeito interiorizado e dotado de uma “espécie da aura que não aceitava a influência externa”¹⁰³ começa a esboroar. Novos valores estão entrando em jogo, novas forças políticas, urbanas, técnicas, científicas vêm afetar esta “forma-homem historicamente esculpida”¹⁰⁴ e contribuir para a composição de novas subjetividades, nos quais a exterioridade tem um papel decisivo na redefinição do indivíduo e suas relações sociais. Nesse aspecto, vemos traços da cultura tradicional coexistir com traços modernizantes sem significar, necessariamente, uma hierarquização de valores, um apagamento total de elementos da cultura tradicional, nem uma absoluta resistência ao novo ou sua absorção completa, mas sim um hibridismo cultural. Sob este pano de fundo, a transformação dos lazeres citadinos, que irá ocorrer com maior ênfase na década de 70, reverbera não apenas a vontade de alguns políticos de tornar Florianópolis uma capital moderna, mas também o pulular de novos agenciamentos de desejo em uma determinada parcela da população da cidade.

¹⁰¹ SILVA, Osmar. “*Dindinha Lua*” In.: **Coquetel de Crônicas**. Florianópolis: edição do autor, 1962. P 79.

¹⁰² LOWY, Michael e SAYRE, Robert. Op. Cit. p. 39.

¹⁰³ PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio**. Políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Fapesp/Iluminuras, 2000. P.14

¹⁰⁴ Idem, p. 13

2.2 - Divertimentos Citadinos

A geografia dos divertimentos noturnos em Florianópolis na passagem da década de 50 para 60 é marcada por territorializações fixas, que acabam por evidenciar no espaço urbano, e nos usos destes, as distinções sociais existentes na cidade. Os lazeres que Florianópolis oferecia a seus habitantes resumiam-se, quase todos, ao centro da cidade. Era no centro que se localizavam a maioria dos cafés, dos bares, das confeitarias, dos cinemas e era lá também que estavam localizados os principais clubes sociais: o Doze de Agosto e o Lira Tênis Clube. Era nas águas em frente ao Trapiche Municipal que se davam as famosas competições de remo, principal atividade esportiva da cidade. Tais divertimentos destinados à classe média e à elite da capital apareciam constantemente na imprensa, seja nas colunas sociais, seja nas crônicas, ou em anúncios publicitários, dando a impressão de que mesmo sendo uma cidade pequena, Florianópolis tinha muitas opções de diversão. Já os usos que as camadas populares faziam da noite eram simplesmente ignorados pela imprensa, como se a noite para essas pessoas fosse apenas de sono. Quando muito, apareciam nas crônicas de Osvaldo Melo, do jornal *O Estado*, como exemplos da vagabundagem urbana que precisava ser controlada, mas este é um outro problema, que será discutido a frente.

Como já foi mostrado anteriormente, as medidas higienistas do início do século XX deram à Florianópolis uma possibilidade maior de desfrute da noite, mas sob o olhar vigilante das normas morais de conduta. A Guarda dos Vigilantes Noturnos da Capital, criada em 1937, tinha o intuito de zelar pela ordem e fazer valer o regimento do Código de Posturas. Seus olhos eram voltados ao divertimento urbano – muito próximo das desordens e tensões que a cidade “propiciava”. Sua função era a de recolher bêbados à Cadeia Pública; fiscalizar horários de fechamento dos estabelecimentos comerciais, sobretudo de bares e cafés; impedir que estes estabelecimentos vendessem bebidas alcóolicas às pessoas já embriagadas; e principalmente, dispersar qualquer tipo de ajuntamento público que se formasse sem a devida licença do chefe de polícia¹⁰⁵.



Fig. 2. “No Bar e Café Expresso”, 1954

Em 1950 Florianópolis já contava com um grande número de cafés, confeitarias e bares – os primeiros, estabelecimentos comuns na Europa já no final do século XIX;

¹⁰⁵ Regimento Interno da Guarda dos Vigilantes Noturnos de Florianópolis, 1937. Caixa 03, 55.2. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

enquanto os últimos, casas comerciais destinadas principalmente ao consumo de

bebidas alcoólicas, surgiram como herança do *american way of life*, que no período entre guerras proliferou pelo mundo ocidental¹⁰⁶. Aqui, ambos os estabelecimentos serviram como substitutos morais das antigas tabernas, que foram desaparecendo gradativamente do espaço urbano central da cidade a partir das reformas urbano-higienistas já citadas¹⁰⁷.

BAR E CAFÉ SÃO CRISTÓVÃO
Praça 15 de Novembro n. 26
Florianópolis

O que se pode perceber neste momento, que nesta mudança está em jogo não apenas a denominação desses estabelecimentos, mas sim a mudança de uma situação, já que as tabernas e os botequins, casas freqüentadas principalmente por populares, traziam o estigma do atraso, da barbárie e da necrose da cidade desordenada. Diferentemente destes, as confeitarias, os bares e os cafés eram casas comerciais que estavam destinadas às distrações e às sociabilidades das camadas médias e da elite cidadina e compartilhavam com as normas de uma assepsia pública, já que as práticas de cortesia e limpeza deveriam ser as mais regradas possíveis.

BEBIDAS
Nacionais e Estrangeiras

DOCES
Salames — Pastéis — Almôndegas

FRIOS
Pães frescos de cortesia e outros

LEITE NATURAL
Sêvido diariamente

Na revista local *Bússola*, eram freqüentes os anúncios de tais estabelecimentos: “Bar e Snooker Silveira – grande sortimento de BEBIDAS nacionais e estrangeiras”¹⁰⁸, “Café Glória – O PROPRIETÁRIO avisa a sua distinta freqüência que no decorrer do mês de maio p. vindouro inaugurará a PADARIA “São Cristovão, sita á rua Emílio Blum nº 31, nesta cidade”¹⁰⁹. Assim como também eram comuns os anúncios de bebidas, principalmente as produzidas na Pólgia, como o da “Cerveja Antartica, a amiga dos amigos” e a Ouro Pilsen “a preferida do catarinenses”, ambas com fábrica em Joinville.

Sabemos que uma publicação periódica, como é a da revista, vive principalmente do dinheiro ganho através da publicidade. Analisando cinco anos da Revista Bússola* é possível constatar que em todos os volumes anúncios

¹⁰⁶ Cf. BODY-GENDROT, Sophie. *Uma vida privada francesa segundo o modelo americano*. In.: PROST, Antonie & VINCENT, Gérard. **História da Vida Privada 5**. Da Primeira Guerra a nossos dias. [trad. Denise Bottmann]. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. pp. 529–579.

¹⁰⁷ Sobre isto ver: ARAÚJO, Hermetes. Op. Cit. p.37 - 60

¹⁰⁸ **Revista Bússola**. Ano 1. N ° 1. Florianópolis, dezembro de 1950. [grifo no original].

¹⁰⁹ Idem.

¹¹⁰ Ibidem. [grifo no original]

¹¹¹ **Revista Bússola**. Ano 1. N ° 2. Florianópolis, jan/fev de 1951.

* Série documental arquivada na sessão de Obras Raras na Universidade Federal de Santa Catarina.

referentes à bares, confeitarias e cafés da cidade estão presentes, o que num raciocínio breve, nos leva a confirmar a existência de uma rede de estabelecimentos voltados à “cultura de bar”, à boemia e mesmo ao convívio noturno na cidade. Outra constatação: todos se localizavam na região central, seja na ilha, seja no continente¹¹². É claro que os bares e cafés anunciados tratavam-se de ambientes para pessoas com um poder aquisitivo mais elevado. Não podemos nos esquecer que um dos “efeitos” da modernidade higienizadora das primeiras décadas do século XX foi o que permitiu os usos “sadios” das ruas e da noite para um público familiar e ordeiro, assim como também sua frequência nos estabelecimentos acima citados. Enquanto isso, em bairros populares mais afastados do centro, pouco afetados por tais medidas, continuaram com suas diversões dos botecos, das vendas, dos armazéns e das eventuais festas religiosas. O uso da noite como uma

¹¹² O território correspondente à cidade de Florianópolis se divide em duas partes, a insular – relativa à Ilha de Santa Catarina – e a continental. Os bairros do lado continental da cidade eram, nas décadas de 40 e 50, bastantes desenvolvidos economicamente e em muitos casos bem mais urbanizados que muitos bairros da ilha. Segundo alguns historiadores, isto se deve à presença do porto na bacia continental e a sua proximidade com as cidades vizinhas, o que auxiliava nas trocas comerciais. De qualquer modo, a atividade comercial no continente era bastante intensa, o que de certa forma ajuda a explicar o grande número de bares, cafés, restaurantes e snookers naquela região.

atividade sadia e moralmente possível aparece assimilado às práticas como a ida ao bar, ao piano-bar, os clubes sociais, aos cafés e restaurantes.

Além das informações mais óbvias que esses anúncios publicitários trazem, como localização, horário de funcionamento e atrativos gastronômicos oferecidos pelos estabelecimentos, é evidenciado um dado que aos nossos olhos contemporâneos mostra-se curioso: os nomes dos seus proprietários (muitas vezes em letras garrafais!). A exposição desse item revela que as relações sociais existentes nessa época na cidade ainda eram calcadas nos laços familiares, na importância do sobrenome, na hierarquia social. Há uma verticalização das relações, comum às sociedades tradicionais, que valoriza o “ser conhecido” não apenas como estratégia de identificação, mas como estratégia de poder. Assim, não apenas os proprietários dessas casas comerciais faziam-se conhecidos, como também as pessoas que as freqüentavam eram rostos familiares.

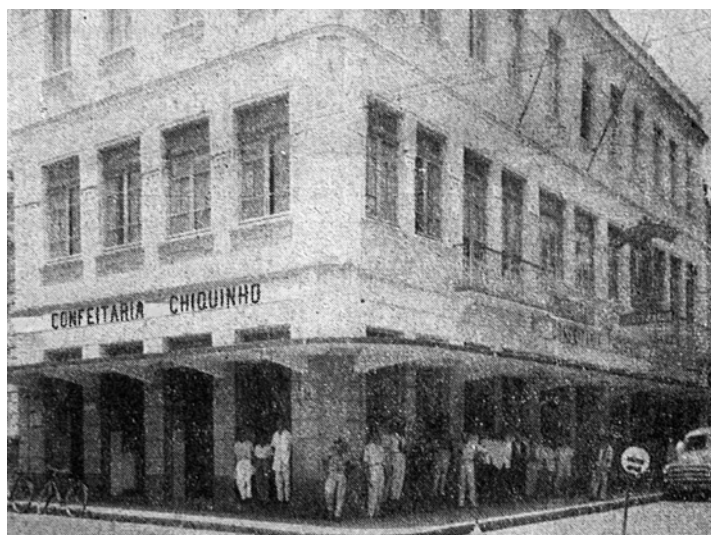


Fig. 6 - Confeitaria do Chiquinho. A Gazeta 10/04/54.

Dentre esses novos estabelecimentos, chama-nos atenção a Confeitaria Chiquinho, “a mais tradicional de Florianópolis”, localizada, à Rua Felipe Schmidt. Em 1954, quando completou 50 anos, ela era a mais antiga casa comercial deste ramo na cidade, portanto não foi fruto da expansão dos divertimentos citadinos ocorridos a partir da segunda metade do século XX, mas teve de se

adaptar a eles. Sua história confunde-se com o

processo de transformações urbanas e simultâneas transformações nas condutas e nas sociabilidades de seus habitantes, ocorridas em

Florianópolis desde sua inauguração, em 1904, até seu fechamento em dezembro de 1967. Em seu início, num prédio térreo à Rua da República¹¹³, a confeitaria atendia um público seletivo de senhores, rapazes, moças e senhoras sempre acompanhadas, tendo seu horário limitado às primeiras horas da noite. Segundo memórias de um cronista que escrevia para o jornal *A Gazeta*, em 1954, quando a confeitaria comemorava seus 50 anos,

Ali reuniam-se as rodas literárias que deram o que fazer aqui na província. A orquestra organizada por Hugo Freiesleben em que figuravam pessoas da nossa melhor sociedade como Sebastião Vieira e João Barbosa, situada num coreto em um canto no alto, vinha no compasso alegre de uma valsa abafar os ânimos exaltados pelas tertúlias literárias. A orquestra do Sr. Hugo Freiesleben marcou época e encantava as noites do Chiquinho¹¹⁴

Além de ter feito parte da produção cultural da cidade no início do século, seja por ser palco de apresentações musicais ou por ser cenário das discussões literárias que no período floresciam impulsionadas pelo realismo literário, do qual participaram figuras proeminentes como Altino Flores, Othon Gama D'Eça e José Artur Boiteux, a confeitaria reverberava a “ânsia” modernizante que a cidade vivia. Em 1924, o “Chiquinho” ganhava um novo prédio, elegante e moderno, a mais alta construção de Florianópolis, e dizia a matéria do jornal já citado, “a mais alta do estado inteiro”. Era uma construção de três pavimentos, na qual a confeitaria funcionava no andar térreo; enquanto que estava em atividade um requintado restaurante, onde se ofereciam banquetes oficiais; e no segundo andar era onde estava estabelecido o escritório da firma, no entanto mais tarde passou a ser a sede da Rádio Guarujá e o Cine Central. Mas não apenas seu prédio tornou-se mais moderno, como também o atendimento e a lista de iguarias oferecidas aos clientes sofreram alterações significativas com o passar dos anos. O cardápio, que era antes voltado aos doces e tortas finas e de preparo complicado e que combinavam com os licores refinados da época, foi ganhando a simplicidade de salgadinhos, empadas (que ficaram famosas) e lanches rápidos, enquanto que a sofisticação dos pratos antigos era possível apenas por encomendas. Atendendo as aspirações da cidade “moderna” dos modismos dos anos 50,

a Confeitaria do Chiquinho estendeu seus ramos e negócios a vários setores. A cigarraria e charutaria é uma das mais bem sortidas da cidade e com maior variedade de cigarros de todas as marcas e tipos. A sorveteria é outro ponto alto da casa (...). Depois segue-se seu balcão de aperitivos onde são a todo o instante servidos aos apressados fregueses as mais variadas bebidas e conhaques...¹¹⁵

¹¹³ Antiga nome da Rua Felipe Schmidt.

¹¹⁴ **A Gazeta**. Florianópolis, 10/04/54. P. 6 e2.

¹¹⁵ **A Gazeta**. Florianópolis, 10/04/54. P. 6 e2.

A medida que a cidade foi crescendo e o tempo tornou-se mais preciso e precioso, tudo, inclusive os divertimentos, necessitava de mais velocidade. Como vemos na citação acima, em 1954 os fregueses já eram adjetivados como apressados e o atendimento também ganhou velocidade. As bebidas eram servidas com agilidade, enquanto que a comida já esperava pronta no balcão, que conservava a temperatura ideal conforme a natureza de cada prato. Assim como o “Chiquinho”, outros estabelecimentos que pululavam na cidade a partir da década de 50 tinham a preocupação de dar aos seus fregueses um atendimento moderno, que era traduzido em presteza, rapidez e higiene – qualidades que não poderiam faltar a nenhuma casa comercial que pretendia cair nas graças do público.

O fechamento da Confeitaria Chiquinho, em 1967, foi visto por alguns com uma certa melancolia e saudosismo. Em janeiro de 1968, Raul Caldas Filho publica no Jornal *O Estado* a crônica intitulada “A empada, ah, a empada!”¹¹⁶, quando, voltando de uma longa viagem ao Rio de Janeiro, soube que para sua infelicidade a confeitaria onde se fazia “a melhor empada que já provará” havia sido fechada. Antes dele, o poeta local Hermes da Fonseca também publicou no jornal *A Gazeta*, o poema “O Chiquinho vai fechar” a propósito do fim das atividades da antiga confeitaria, o que para ele foi uma consequência infeliz, mas inevitável, do progresso pelo qual a cidade vinha passando, como é possível ler abaixo:

Era uma casinha verde, baixinha e de beral;
como que, do nosso mundo, era ela a capital...
de mármore eram as mesas, e de palhinha as cadeiras;
assim era o Chiquinho das nossas horas fagueiras.

Ali se estava à vontade;
Na distante mocidade,
- velhos tempos que lá vão -
Era, a querida casinha
Como pequena irmãzinha,
Que traz no coração.

Mas, era cheia a um só tempo, de encanto e amargura
(como diria Bilac: esplendor e sepultura)
Uns carpir suas mágoas iam, outros iam ali para sonhar
Com suas bem-amadas, felizes se embriagar...

(...) O nosso segundo lar – (embora paradoxal)
No coração às vezes, sentia-se aljofarado,
E noutras, atravessado por acertado punhal.
Com empadas afamadas...
- deliciosas empadas -
Provocavam nostalgia...(.)
Os vinhos velhos gelados
Lá do estrangeiro importados

¹¹⁶ **O Estado**. Caderno 2 d'O Estado de 14/01/1968.

Era tudo uma beleza
Assim era o Chiquinho
Onde a gente era feliz...

(...) Mudaram os tempos, porém, e o Chiquinho cresceu....
a casinha pequenina, ficou mais perto do céu;
cresceu apenas por fora, por dentro se apequenou,
tudo aquilo que era bom com o crescer se acabou.

Mas não podemos lutar contra o surto do progresso.
Contra as leis da evolução,
Embora profundamente,
Sentamos cá no recesso,
Dolorido o coração.
Temos que concordar...
(e não há que relutar)
Com a quebra da tradição.
O Chiquinho vai fechar...
O restaurante e o bar;
Concedamos perdão,
Inda que seja arrombar,
As portas do nosso lar,
- Doce lar do coração!¹¹⁷

¹¹⁷ “O Chiquinho vai fechar”. FONSECA, Hermes Gomes da. In.: **A Gazeta**, dezembro de 1967. (recorte de jornal moldurado e fixado no café das Livrarias Catarinense, que funciona no antigo prédio da Confeitaria).



Fig. 7: Interior da Confeitaria Chiquinho, 1964

Mais do que propriamente a venda de bebidas, estabelecimentos como a Confeitaria Chiquinho, o Ponto Chic e o Bar do Quidoca eram responsáveis por uma grande parcela do lazer noturno existente na cidade até a década de 60. No entanto, é importante ressaltar que durante as noites prevaleciam nesses espaços as relações sociais entre homens e a foto abaixo serve para ilustrar esta situação. Pelas normas de polidez e civilidade da época, as “moças de família” não podiam se expor em tais ambientes, mal saíam durante a noite e quando saíam era para encontros sociais distintos em casa de família ou clube, como os saraus, ou concertos.

O cronista Raul Caldas Fº lembra que poucas mulheres participavam dessas atividades, mas “aí já não eram mais muito bem vistas, não é?, existiam, mas aí eram pessoas assim, mais mal faladas, como se dizia na época”. Segundo ele, “a sociedade se fechava nos clubes, então tinha o Doze, que era ali na João Pinto, e o Lira, tá aí até hoje”, e a única maneira de se aproximar publicamente das senhoritas se dava em bailes organizados especialmente para isto. “Aí esses

eram os bailes, geralmente fins de semana. Aí aos domingos tinha o encontro dos brotinhos, que era só para o pessoal mais jovem, era mais para um pessoal *société*, né, da elite da cidade”¹¹⁸

Essas casas comerciais não eram apenas locais de passagem onde se bebia um café, ou um “aperitivo” e logo se ia embora. Numa cidade ainda pequena, a clientela era feita de fregueses habituais, conhecidos, que faziam desses locais pontos de encontro e de conversa, onde os mais diversos assuntos, sejam eles públicos ou pessoais, entravam em pauta. Embora não se tenham dados precisos sobre o aumento do número desses estabelecimentos, observa-se através das pesquisas em periódicos que este número cresceu consideravelmente, a partir do final da década de 50, principalmente nas ruas adjacentes à Praça XV, onde antes a Confeitaria do Chiquinho reinava absoluta. Uma “cultura de bar” começava cada vez mais a fazer parte do cotidiano da cidade e não apenas nas “horas livres” da noite, mas também durante o dia, quando o público que freqüentava era diferente do noturno.

A palavra “Bar” ganha aqui uma conotação genérica, não significando apenas o estabelecimento bar, mas também os cafés, as confeitarias, os Snookers, entre outras casas comerciais ligadas a comercialização de bebidas à varejo. Assim, a expressão “cultura de bar” ganha uma conotação bem mais ampla, servindo para designar uma série de práticas sociais bastante próximas, que ocorrem, no entanto, em espaços diferentes. Mesmo porque neste momento a fronteira entre um estabelecimento e outro torna-se muito tênue: confeitarias e cafés servem bebidas alcóolicas, seus horários são estendidos noite a fora e conforme o pedido dos fregueses, influenciados pela moda do *snooker*, uma mesa de sinuca pode ser instalada, etc. Na década de 40 as confeitarias e os cafés da cidade apresentavam-se como elegantes estabelecimentos que fechavam suas portas cedo da noite devido a precariedade da eletrificação; eram novidades “importadas” das grandes capitais, e freqüentá-los era sinal de urbanidade e civilidade. Já no final da década 50 essas casas se tornam comuns, sem o glamour dos tempos áureos e mais acessíveis às camadas médias do que antigamente. O que importa é que esses locais geraram uma sociabilidade própria desse momento histórico.

O crescimento no número de tais estabelecimentos também é apontado nas crônicas. Em 1962, quando Osmar Silva publica suas crônicas que anos antes já haviam sido veiculadas na Rádio Diário da Manhã, a cidade já lucrava com esses estabelecimentos – “Abrem-se os cafés... e o cafezinho quente com ou sem espuma, o grande vício dos brasileiros depois do bicho, começa a render cruzeiros para os felizes proprietários”¹¹⁹. Estas casas comerciais

¹¹⁸ Entrevista com Raul Caldas Filho, jornalista, cedida a autora em 15 de junho de 2001.

¹¹⁹ SILVA, Osmar. O dia da Preguiça. In.: **Coquetel de Crônicas**. Florianópolis: edição do autor, 1962. P. 47.

serviam não apenas para “abastecer” trabalhadores e boêmios, como também para distraí-los, diverti-los em suas horas vazias de serviço, ou mesmo burlar o horário do expediente.

Mais relevante do que o aspecto econômico desses estabelecimentos para a cidade, é a rede de relações sociais que eles revelam. Não podemos ser ingênuos em achar que esses locais eram de fato democráticos, ou o que ricos e pobres eram vistos da mesma maneira e freqüentavam os mesmos espaços. Embora não se tenha notícia de nenhum estabelecimento que proibia explicitamente a entrada de indivíduos de poucas posses, esta proibição estava implícita nos preços das bebidas, nos ambientes requintados, nas bebidas importadas, na exigência de determinados trajes. Em geral, os bares mais caros eram os que funcionavam em anexo aos hotéis, como era o caso do Piano-bar do Querência e do Lux Hotel. A respeito deste último, Raul Caldas F^o recorda: “quando fizeram o Lux, aí com uma freqüência mais elitizada, com mais políticos, jornalistas Ratatulha não ia ali (!), até porque era mais na base do uísque, mais caro e tal”¹²⁰. Outra diversão que também selecionava o público era o cinema, que em determinadas sessões só permitia a entrada de cavalheiros trajados de paletó, a fim de manter o “nível” de seus freqüentadores e evitar maiores problemas, medida esta que de maneira nenhuma impedia a depredação e o vandalismo. Indignado, um cronista critica no jornal *O Estado*, de 1965, o processo seletivo para a entrada nos cinemas baseado nos trajes, o que segundo ele era inábil. Apesar de sua crítica à exigência do uso de paletó para a entrada em determinadas sessões, ele não dispensa totalmente a seleção, porém exige um novo formato para o controle da entrada, que não seja necessariamente o baseado nos trajes: “quando falamos em processo de seleção, não nos referimos, por exemplo, a obrigatoriedade do uso do paletó nas sessões noturnas. Não se pode avaliar o grau de cultura e educação de um indivíduo pelo fato de ele usar ou não paletó.”¹²¹

Torna-se evidente que um dos aspectos da cultura noturna em Florianópolis era o que Philippe Ariés chama de “sociabilidades restritas”, no qual as trocas de experiências estão limitadas a certas condições econômicas, étnicas ou culturais¹²², e assim cada grupo define seus lugares de convívio e suas práticas nesses lugares. Entendendo o espaço, segundo o conceito de Michel de Certeau, que o define como um “lugar praticado”¹²³, podemos concluir que freqüentando espaços de divertimentos restritos, os diferentes grupos sociais estabeleciam diferentes relações com a noite, com a cidade e com os outros grupos. O que estava em jogo, muitas vezes, era a manutenção de uma rede de poder já existente.

¹²⁰ Entrevista com Raul Caldas Filho, concedida a autora em 15 de junho de 2001. (Grifo meu)

¹²¹ “Florianópolis e os cinemas” In.: **O Estado**. Florianópolis, 05/10/1965. P. 5.

¹²² ARIÉS, Philippe. Por uma história da vida privada. In.: ARIÉS, Philippe & DUBY, Georges. **História da Vida Privada**: da renascença ao século das luzes. V. III. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. P.15-17

Essa diferenciação de práticas e espaços entre os grupos sociais nas décadas de 50 e 60 era explicitada nas ruas da cidade e imprensa, e ainda aparece presente na memória de seus cidadãos. Sustentava-se no fato de que as relações sociais na cidade davam-se num eixo vertical, hierarquizado, onde as diferenças sociais eram marcadas de forma muito explícita¹²⁴. A grosso modo, podemos dizer que uma das estratégias de poder das elites fundava-se na afirmação da sua diferença. Assim, construíram no decorrer dos anos seus próprios espaços noturnos de diversão, como o *American-bar* do Querência, na rua Jerônimo Coelho, que permaneceu no topo da lista dos mais elegantes desde o final da década de 50, quando foi inaugurado, até meados dos anos 70; o Piano-bar do Lux Hotel, na Felipe Schmidt; o Rosa Bar, na Praça XV; o Elite, na Trajano; o Café Rio Branco, ou Quidoca, na Felipe Schmidt, entre outros.

Mesmo quando falamos em elite não podemos pensar de modo algum que estamos tratando de um grupo homogêneo. Florianópolis, na segunda metade do século XX, vivia sob o poder político de dois grupos distintos e rivais ligados a oligarquias tradicionais da região: os Ramos e os Konder-Bornhausen – que por sua vez, estavam ligados aos partidos políticos PSD e UDN, respectivamente¹²⁵. Esta divisão não se limitava, no entanto, aos espaços políticos por excelência e reverberava nas mais diversas esferas sociais. Desta forma, os espaços de sociabilidades da cidade eram transformados em palcos de disputas pelo poder, na medida em que eram convertidos em territórios partidários e a “cultura de bar” ganhava um aspecto político muito forte. Em determinados bares, cafés, confeitarias e clubes sociais a frequência partidária era transformada em atrativo (ou repulsa) aos fregueses. De acordo com Aldirio Simões, o bar Meu Cantinho “era sectário, era político, então era o bar da UDN. (...) e ali eram altíssimas as discussões, mas tudo num nível intelectual”¹²⁶.

O caráter partidário de algumas dessas casas comerciais não significava, porém, a proibição explícita da entrada de determinados indivíduos. No entanto, eles tinham suas funções e significações redimensionadas, o que

¹²³ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 5ª ed. São Paulo: Vozes, 2000. P.202.

¹²⁴ Não estou afirmando aqui, que hoje não exista mais as distinções sociais. Elas existem mas em relação aos divertimentos urbano de Florianópolis foram se tornando menos acentuadas a partir do final da década de 60. Na medida em que a cidade foi crescendo, se tornando anônima devido ao grande número de migrantes, e que a classe média foi se afirmando pelo seu potencial consumidor, vemos que as diversões noturnas se tornam menos “fixas” socialmente, sendo determinadas não mais (somente) pelo poder da tradição, mas principalmente pelo poder do consumo. É sintomático que a partir deste período os clubes sociais comecem a perder sua importância entre os jovens e as boates surjam como alternativa.

¹²⁵ Segundo Reinaldo Lindolfo Lohn, essas duas linhas oligárquicas vinham disputando o poder em Santa Catarina desde a República Velha, no entanto, nas décadas de 60 e 50 é que tal disputa se tornou mais acirrada, limitando a esses dois blocos qualquer possibilidade de poder político no Estado. De acordo com este autor, “praticamente não havia alternativa viável de poder fora dos dois grandes grupos conservadores que dominavam o Estado”. LOHN, Reinaldo. **Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana**. Florianópolis, 1950 a 1970. Porto Alegre: UFRGS, 2002. [Tese de Doutorado em História]

contribuía sutilmente para a seleção dos fregueses. A partir dessas “fronteiras” estabelecidas pela prática cotidiana de se frequentar determinado bar ou café por ser lá que se encontram os pares políticos, percebemos que a rivalidade existente na cidade entre UDN e PSD, sobretudo na década 50, não estava apenas no embate das idéias. A disputa simbólica se alimentava da materialidade cultural da cidade, e vice e versa. Assim, casas de comércio, times de futebol, jornais, clubes sociais, eram associados aos partidos porque mantinham com eles relações muito próximas, principalmente devido a troca de favores, prática muito comum na política catarinense, mas também pelos laços afetivos que o convívio acabava proporcionando.

Para o historiador Reinaldo Lohn, o que estava em jogo não era apenas a luta por espaços de influência, mas pela manutenção do poder das antigas oligarquias, já que com o crescimento da cidade novos atores políticos (muitos vindos de outras cidades e estados) se fortaleciam e ameaçavam o poder instituído. Na década de 50, começava em Florianópolis uma série de transformações urbanas que foram marcadas pela elaboração do primeiro Plano Diretor, de 1952, encomendado pelo então prefeito Paulo Fontes, da UDN. Segundo Lohn, começa aqui um processo de instauração de uma “cultura do futuro”, na qual o futuro da cidade “tornou-se uma forma de intervenção política e como tal foi alvo de disputas e confrontos”¹²⁷. Neste caso, decidir o destino de Florianópolis, como propunha o primeiro Plano, era mais do que controlar a população ou intervir no modo de vida de seus habitantes. O “devir” da cidade envolvia investimentos e o fortalecimento das relações de poder existentes, que na época “encomendaram o futuro” de acordo com seus interesses.

Aspirando a industrialização (produção) de Florianópolis, a centralização das atividades comerciais, governamentais e universitárias na região do centro e estimulando o desenvolvimento portuário (intercâmbio da produção), uma das características principais desse plano era o caráter acessório do turismo para o desenvolvimento da cidade. De acordo com os arquitetos e urbanistas que o elaboraram, “não pensamos que tal função [turística] possa adquirir primazia sobre a função econômica de produção e de intercâmbio, única capaz, ao nosso ver, de sustentar uma grande urbe.”¹²⁸ No entanto, após o mandato de Paulo Fontes, o PSD volta à prefeitura em Florianópolis, em 1955, e o projeto do Plano Diretor é abandonado. Um novo futuro começa a ser elaborado para a Capital dos catarinenses e diversas ações políticas dos “donos do cidade” – expressão cunhada por Lohn para designar o poder oligárquico que tinha em suas mãos rádios, jornais, empresas e principalmente grandes propriedades de terra – insistem no turismo como única possibilidade do desenvolvimento de Florianópolis. Uma

¹²⁶Entrevista com Aldírio Simões, concedida a autora em 28/07/01.

¹²⁷ LOHN, Reinaldo. Op. Cit. p. 238.

¹²⁸ PAIVA, Edvaldo; RIBEIRO, Demétrio & GRAEF, Edgar. **Florianópolis: Plano Diretor**. Porto Alegre: IOERGS, 1952. P. 19

prática discursiva tornou-se presente não apenas no campo político, mas em todas as esferas da cidade, inclusive em espaços como bares, confeitarias e cafés, já que o próprio destino deste ramo comercial estava em jogo. Segundo Reinaldo Lohn,

há a criação de uma identidade associada ao discurso do futuro, na medida em que alguns grupos sociais, os mais interessados na expansão turística e na lucratividade daí recorrente, passavam a construir-se e a se apresentarem como portadores do novo e capazes de indicarem os rumos da cidade ao longo de uma escala temporal imposta. (...) O discurso sobre o futuro constituiu identidades na Florianópolis dos anos 50 e 60 do século XX, propondo-se como ponto de referência a partir do qual os sujeitos sociais e históricos deveriam posicionar-se ou avaliar-se.¹²⁹

Esse processo de posicionamento dos sujeitos sociais era vivido com grande energia na “cultura de bar” da cidade. Quando perguntei ao Sr. Agapito Katicips, proprietário de um dos bares mais tradicionais da cidade, o “Bar Katicips” localizado na Av Trompowsky, se havia posicionamento político em seu estabelecimento, ele respondeu enfático: “Lá era do governo, sempre o PSD (risos). E do outro lado era a UDN, que era do Miguel Kistar. No outro lado da rua, na outra esquina (risos).”¹³⁰

Apesar de o Bar Katicips não ser um ambiente requintado como os citados anteriormente, mantendo a simplicidade do antigo armazém que antes ali funcionava, com um balcão e poucas mesas e cadeiras limitadas pelo pequeno espaço que o bar possuía, muitos políticos, jornalistas e pessoas influentes na cidade o freqüentavam. No contexto da rivalidade política que transbordava para os espaços de sociabilidades, sua importância talvez esteja mais na sua localização: ao lado do Colégio Catarinense, onde estudavam os filhos das elites locais e onde recebeu formação grande parte dos políticos da cidade e do estado. Assim, o “Katicips” era o ambiente onde os alunos estendiam seus horários após as aulas, ficavam conversando e de certa forma fortalecendo laços afetivos mas também políticos. De acordo com o Sr. Agapito, as rodas que se formavam para discutir assuntos políticos eram constantes e muitas vezes se tratava de ex-alunos do Colégio Catarinense, que mesmo após de formados continuavam freqüentando o seu bar:

[Política?] Ô minha filha, era o que mais se falava...o Esperidião Amin, quando era secretário da Educação, ele a meia-noite saía da Secretaria e ia lá tomar a cervejinha dele, [comer] um queijo. Era assíduo freguês lá do bar o Esperidião, o “Dão”. Eles ficavam conversando escondido e baixinho, era uma maçonaria, como diz o outro, era tudo escondido: “saí esse, vai aquele” e tu sabes como é, né?. Quando o Esperidião saiu pra prefeito, saiu um papo lá (...). O Antônio Bucão Vianna, quando saiu pra deputado tava lá. O único candidato da UDN que tinha propaganda dele lá dentro do bar foi o Antônio Bulcão Vianna, e o Piazza. Foram os dois da UDN com

¹²⁹ LOHN, Reinaldo. Op. Cit. p. 268.

¹³⁰ Entrevista com Agapito Katicips, concedida a autora em 02 de julho de 2001.

propaganda política deles no bar pregada no vidro. Era amigo deles, eram freguês do bar, né?¹³¹.

Como vemos, é possível mapear os estabelecimentos comerciais conforme o público que o frequenta, porque Florianópolis sendo ainda uma cidade pequena, tem suas relações sociais baseadas numa estrutura tradicional de sociedade, na qual as diferenças muito bem delineadas, produzem territorialidades fixas. Vemos aqui que ao mesmo tempo que as experiências são coletivizadas, são também restritas a determinados grupos, limitadas a uma cultura de classe. Essa característica torna-se ainda mais evidente nas formas de sociabilidade proporcionadas pelos clubes sociais, que propõem aglutinar em seus espaços apenas as famílias tradicionais da cidade, que tomaram para si a tarefa de guardar a moral e os bons costumes.

2.3 – Os Clubes Sociais

Os clubes sociais devem ser entendidos como um ramo de diversão diferente dos bares, pois tratavam-se de associações as quais pessoas com interesses comuns (políticos, étnicos, econômicos, religiosos, culturais e familiares) se reuniam para sociabilizar um modo de vida muito particular, de maneira a marcar uma diferenciação social em relação ao resto da comunidade e reproduzir, através das gerações, essa diferenciação. A associação a um clube era também o compromisso de comungar com suas regras morais e com sua tradição, por isso os clubes mantinham um caráter familiar, pois era no seio da família que valores e tradições eram transmitidos. Ao se associar a um clube, o indivíduo comprometia a si e a sua família a cumprir as regulamentações e as normas impostas por esta sociedade, daí que as sociabilidades promovidas por esses clubes tinham as marcas indeléveis da restrição, da distinção e da clivagem social.

Os principais clubes sociais de Florianópolis nas décadas de 50 e 60 do século XX eram o Clube Doze de Agosto, o Lira Tênis Clube e o Democrata Clube (com curta duração). Essas agremiações promoviam para seus sócios atividades que iam desde torneios esportivos até saraus literários, concertos musicais e grandiosas noites de bailes, jantares e festas. Embora tais associações zelassem pela tradição local, para ser considerada tradicional e compartilhar desta sociabilidade restrita, uma família não precisava necessariamente ter uma longa trajetória histórica na cidade, mas se assim fosse, melhor. Indispensável mesmo para fazer parte do seleto grupo dos guardiões dos valores morais era a condição financeira da família, que precisava ser boa pois as estratégias de associação como compra de títulos e pagamento de mensalidades impediam que famílias pobres se agremiassem. É aí que se fixa a fronteira que não permite a associação de toda e qualquer família historicamente arraigada à cidade, só daquelas que

¹³¹ Idem.

tinham condições financeiras favoráveis. Acessíveis apenas aos sócios, esses clubes se fechavam ao resto da sociedade e reproduziam nesses espaços um modo de vida burguês e civilizado. Mas tão importante quanto a reprodução de um modo de vida diferenciado da maioria dos habitantes de Florianópolis, eram as relações estabelecidas entre os freqüentadores dos clubes que garantiam os contatos sociais e a criação de laços afetivos entre as famílias sócias, que casavam seus filhos com pretendentes colhidos entre os sócios. Daí, uma nova família se formava, o clube ganhava novos sócios que dariam continuidade à tradição e às riquezas, assim os poderes políticos dessas famílias continuariam nas mesmas mãos.

Os clubes sociais eram o que Florianópolis tinha de mais “nobre” na sua cultura em matéria de divertimentos. Reservados estritamente às elite e às camadas médias-altas florianopolitana, tinham normas muito rígidas para o ingresso (entre elas a proibição da entrada de negros), acrescida da necessidade de compra de um título de sócio, que era vitalício e se estendia a toda família do proprietário. Porém esses títulos, que simbolicamente lembram os antigos títulos de nobreza, tinham um valor altíssimo, só acessível a quem tivesse condições financeiras favoráveis, pois havia ainda a necessidade de se desembolsar quantias extras para auxiliar na manutenção das casas, na realização de festas, etc.. Essas associações apresentavam uma proposta de lazer diferente da dos bares e cafés; promoviam bailes, recitais e *soirées* exclusivas para a integração das famílias tradicionais da cidade. Tais ocasiões eram regradas por normas de condutas bastante rígidas, no sentido de moralizar a juventude dos dois sexos que lá se fazia presente.

Entre os clubes existentes em Florianópolis no período estudado, dois destacam-se por agregarem maior número de sócios e por terem uma história mais longa na cidade: O Lira Tênis Clube e o Clube 12 de Agosto, ambos existentes até hoje. Qualquer que fosse a festa, reunião, jantar, concerto, enfim, qualquer atividade que esses dois clubes promovessem, esta servia de matéria para as colunas sociais dos jornais da cidade. Para se ter uma idéia da importância dada a essas atividades na imprensa, no início da década de 60 só o jornal *O Estado* contava com três colunas sociais: “As Sociais”, “Acontecimentos Sociais” e “Radar na Sociedade”, distribuídas entre as oito páginas que continha o periódico. Esta última, assinada por Zury Machado, foi a única que chegou aos anos 70 e manteve intactas as suas características.

No entanto, nenhum acontecimento mobilizava tanto a “sociedade” florianopolitana quanto o aniversário do Clube Doze de Agosto. Os jornais já começavam a falar dos preparativos para o grande baile semanas antes de ele acontecer.

José Diniz, em uma crônica escrita em comemoração dos júbilos do distinto clube publicada no jornal *O Estado* de 1957, lembrava que agosto,

Era o mês das costureiras, dos alfaiates e dos figurinos. O comércio de fazendas, de rendas, de fita, vivia dias de azáfama e houvesse mãos para medir as nossas encantadoras conterrâneas, divinas de inteligência e de virtudes, exibiam, impecáveis, com o apurado requinte parisiense, o esplendor da sua formosura e os vestidos desenhados ou confeccionados por legítimas artistas.
(...) E como eram belas, de enfeitar, as damas da alta sociedade de nossa terra. Quando escrevo ‘sociedade’, mas reverencio o nosso passado, ressaltando o pudor e a dignidade, sem mistura, da legítima ‘haute-gomme’, com o conhecido e selecionado número de elegâncias, e não ‘chatreuse’ com cachaça no mesmo cristal.¹³²

A obtenção de um título de sócio de clube era o desejo de muitos dos que ascendiam economicamente, como uma estratégia de se integrar de fato à elite da cidade, mas essa integração não era apenas simbólica, pelo status que o título proporcionava a seu dono. Como dito acima, a participação das atividades promovidas por esses espaços garantiam contatos afetivos, políticos e comerciais, o que poderia reverter positivamente para os sócios.

Numa época em que as opções de divertimentos noturnos para as camadas médias e altas de Florianópolis estavam reduzidas à “cultura de bar” - masculinizada e muitas vezes sob o estigma da vadiagem -, aos poucos e precários cinemas e a um único teatro, ser sócio de um clube era a alternativa para ter acesso à cultura, no sentido erudito da palavra, ao lazer e a divertimentos considerados sadios, porque associados à civilidade, a erudição e ao refinamento. Longe de serem estigmatizados, relacionados à imoralidade ou ao ócio, os clubes, segundo Colombo Salles, propunham atividades “sadias” e moralmente voltadas para enobrecimento do espírito e por extensão da sociedade. Em ocasião das festividades comemorativas do primeiro centenário do Clube Doze, em 1972, o então governador discursou em prol de tais agremiações, já que estas estariam “dentro de uma visão sociologicamente sadia de uma cidade, além dos círculos concêntricos sociais, econômicos e financeiros que a compõem, [as cidades] devem contar com centros de reuniões – verdadeiros jardins do espírito – onde seus componentes venham a se dedicar as mais variadas formas de lazer construtivos.”¹³³

Confeitarias, bares, cafés, clubes, boemia, serestas, saraus, tertúlias, reuniões sociais... Essas eram algumas das diversões noturnas possíveis em Florianópolis na década de 60. Como já foi justificado anteriormente, é claro que se trata de uma cultura de classe média e alta, já que o cotidiano noturno das classes populares não interessava muito aos jornais. Para uma cidade pequena, essas opções pareciam ser suficientes: cada qual vivenciava com seus

¹³² DINIZ, José. “Reserva moral da nossa terra” In.: **O Estado**. Florianópolis. 15 de Agosto de 1957. p. 2 e 7.

pares em seus espaços de diversão e assim os diferentes grupos sociais marcavam suas territorialidades sem muitas infiltrações.

No entanto, o cenário onde estavam se dando essas relações com a noite começava a mudar, os personagens também mudavam e as relações com a noite se transformam. 60 é a década em que Florianópolis sofre inúmeras alterações urbanas com a finalidade de torná-la uma capital moderna e alcançar, dessa maneira, as benesses do capitalismo. Nesta cidade que não cessava em mudar, vemos partir de algumas pessoas ligadas à elite, aos jornais e a uma nova classe média que despontava, um discurso que criticava a “vida noturna” na cidade. Pode-se dizer que diante de tantas transformações, as opções de divertimentos noturnos começavam a ser vistas por alguns como insuficientes e prosaicas – para não dizer “provincianas”, palavra usada freqüentemente nos textos jornalísticos da época – e até os intocáveis clubes sociais tornam-se alvo de críticas por oferecerem atividades retrógradas. Esse processo que se deu de forma gradativa, porém veloz, compôs um panorama no qual se tornou possível a emergência de uma nova forma de relação com a noite e com os divertimentos urbanos.

¹³³ SALLES, Colombo. Discurso de Colombo. Extraído do **Jornal O Estado**, 12/08/1972. P. 8.

3. Entre a negação e o estímulo:

Transformações na vida noturna

Entrou pela janela do clube. A cabeça estava um tanto leve de bebida. Primeiro, cantava demoradamente o porteiro. Este respondera agressivo, autoritário, sem olhar: - Você não entra! Você não tem gravata!

(...)

Uma aragem fresca voava pela noite calma. Aspirou fundo. A cidade dormia silenciosamente, lá embaixo. Cidade pequena, sem vida noturna. Ele sabia a cidade de cor. Casas baixas, ruas estreitas. Na frente, o Morro, com seus negros, suas misérias, suas brigas, suas macumbas.¹³⁴

Alguns *flashes* descrevem a situação: primeiro, o homem já embriagado tenta entrar no clube, mas é impedido pelo porteiro por não estar socialmente trajado; depois, já no final do conto, esse mesmo homem, também em *flashes*, olha e descreve sua cidade como se mirasse um cartão postal clivado por diferenças geográficas que são também sociais, só que ao contrário do turista que flerta com o desconhecido e se admira, para ele nada é novo, tudo é modorrento e sem graça, a cidade lhe é pouco.

Publicado em 1952 pela Revista Sul, este conto de Silveira de Souza intitulado “Busca”, apresenta um outro aspecto da vida noturna em Florianópolis: a sua insuficiência, a carência de novidades, a falta de outras opções para se viver a noite e o desejo de se sair em *busca* do novo. A mesmice dos clubes e sua formalidade incomodava o protagonista do conto acima, assim como o marasmo artístico e cultural e a monotonia urbana de Florianópolis na década de 50 enfadavam muitos moradores. Em diversos momentos integrantes da classe artística e cultural, em especial do Grupo Sul, se rebelaram contra a falta de novidades e como podiam tentavam criar alternativas culturais para a cidade, seja organizando revistas literárias como a “Sul”¹³⁵, seja montando mostras artísticas como a “1ª Exposição de Pinturas e Desenhos de Motivos Catarinenses”¹³⁶, em 1957, ou até mesmo produzindo cinema com a realização do primeiro longa-metragem catarinense “O Preço da Ilusão”, também em 1957.

¹³⁴ SILVEIRA DE SOUZA, João. *Busca*. In.: **SUL**, Revista do Círculo de Arte Moderna. Ano V, nº 17. Florianópolis, outubro de 1952. p.71-73.

¹³⁵ A **Sul** – Revista do Círculo de Arte Moderna – foi criada em 1948 por jovens escritores locais (ligados ao Grupo Sul) e tinha como intuito promover a discussão filosófica, literária e cultural em Florianópolis, além de divulgar obras de artistas plásticos ligados ao modernismo e a valorização da cultura local.

¹³⁶ Trata-se de uma exposição com desenhos e pinturas de dois artistas novatos, porém promissores: Hassis, ilustrador da Revista Sul, e Mayer Filho. Ver.: CARNEIRO, Glauco. **Florianópolis: Roteiro da Ilha Encantada**. Florianópolis: Expressão, 1987. P. 220.

No entanto, não podemos dizer que o desejo de Silveira de Souza e de seus companheiros era o mesmo da maioria da população. Quando este conto foi publicado, a presença de discursos contra o atraso urbano de Florianópolis era ainda descontínua e raras eram as queixas contra a falta do que se fazer à noite. Nos jornais nada se falava nesse sentido, ao contrário, jorravam elogios aos clubes sociais que promoviam atividades quase que diárias aos seus sócios. Nessa época, este tipo de crítica partia principalmente de alguns jovens da classe média alta que podiam completar seus estudos em outras cidades, como o Rio de Janeiro, ou que tinham contato com os que lá estiveram e conheceram as muitas opções oferecidas pelas noites cariocas. Laila Freyesleben foi uma dessas jovens que viveu a experiência de passear por grandes centros urbanos, onde pôde conviver com “o movimento intenso e constante de transeuntes e veículos, a iluminação profusa e polícroma, as múltiplas diversões e situações imprevistas”¹³⁷, e apesar disto preferiu a pacatez de sua “ilha abençoada”.

No entanto, nas décadas seguintes, as críticas acerca das opções de divertimentos noturnos tornaram-se freqüentes entre muitos moradores. Estas eram veiculadas principalmente nos jornais locais, fazendo emergir diferentes discursos que vinham desqualificar a “vida noturna” de Florianópolis e seus desdobramentos. Atacavam fundamentalmente aquelas sociabilidades relacionadas às transgressões ocorridas durante a noite e à chamada “boemia marginal”. Esta última, alvo constante das jornais, acontecia principalmente nas ruas adjacentes ao porto da cidade, assim como outros espaços considerados “decadentes”, e atraía pessoas de poucas posses, ou moralmente estigmatizadas, como prostitutas, marinheiros, caixeiros-viajantes. Mas não devemos ser ingênuos em acreditar que pessoas “respeitadas” e com dinheiro não freqüentassem tais ambientes, muitos depoimentos colhidos para realização deste trabalho são enfáticos em afirmar o contrário, no entanto, por pertencerem às camadas mais abastadas tais pessoas não estavam sob o signo do estigma e não eram citadas nessas críticas jornalísticas.¹³⁸

3. 1 – Territórios de transgressão

Florianópolis viveu na década de 60 a disseminação de uma polifonia discursiva preocupada com as transformações sociais e urbanas da cidade. Essas práticas discursivas, ora extremamente críticas, ora entusiasmadas em relação ao futuro, ou ainda, profundamente nostálgicas, reverberavam uma série de mudanças materiais e

¹³⁷ FREYESLEBEN, Laila. Op. Cit. p. 26.

¹³⁸ Para saber mais sobre isto ver a dissertação de mestrado NONNENMACHER, Marilange. “**Um lugar sem memória**”: Rua Conselheiro Mafra no século XX. Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado em História]

imateriais que vinham ocorrendo na cidade, desde aspectos infra-estruturais de redefinição dos espaços construídos e/ou naturais, até mudanças nas subjetividades individuais e coletivas, eclodindo em novas atitudes perante a noite.

Dentre a diversidade discursiva desse período, chamam-nos atenção as críticas contra os excessos envolvendo a noite, comuns principalmente na coluna “Nossa Capital”, do jornal *O Estado*, assinada por Osvaldo Melo. Aqui os excessos tinham nomes bastante conhecidos e estigmatizados como vagabundagem, desordem e vadiagem e eram vistos como uma das grandes pragas de Florianópolis, ao mesmo tempo vítimas e culpados pelo atraso político, econômico e cultural da Capital. As crônicas que tratavam desses “excessos noturnos” – registrados pela imprensa de modo comedido, pois ainda não existiam colunas policiais como hoje conhecemos – além de denunciar as ações dos malandros e delinquentes, associavam-nas com a cultura de bar e com a vida noturna. Em sua coluna diária, Osvaldo Melo não apenas denunciava as desordens ocorridas na noite anterior, como também se propunha a resolver o problema, seja cobrando das autoridades responsáveis medidas para conter a vadiagem, seja chamando a sociedade civil a tomar uma atitude, como na passagem abaixo:

Continua o quebra-quebra de lâmpadas – E a turma desenfreada dos desalmados que vivem a noite e até mesmo de dia, alvejando as lâmpadas da iluminação pública, continua sua ofensiva de destruir a Cidade(...). Policiamento escassíssimo, embora o trabalho do coronel Trojilio Melo para obter recursos com que possa agir contra os meliantes. Guarda noturna reduzidíssima no número de pessoas para atender o serviço que lhe está afeto.

E Florianópolis, desta maneira, largada a sua triste sorte, assiste sem que possa defender-se, essas cenas e outras mais, cada qual mais vergonhosa, de que se tornou centro e vítima. Não sabemos para quem mais apelar. O melhor mesmo e o mais acertado, será a formação de turma de populares, que se encarreguem de dar cabo a este deprimente estado de coisas, para dar caça a esses destruidores, agindo por conta própria...¹³⁹

Propondo “justiça com as próprias mãos”, Osvaldo Melo se volta contra o “outro” desajustado e soturno – que ora é o mendigo, ora é o imigrante, ora é o negro, ora são as prostitutas, ora são os jovens – e convoca os leitores a fazerem o mesmo: educar ou tirar de circulação esses indivíduos que destróem “nossa capital” durante a noite. Outro jornalista que costumava criticar os excessos da noite de Florianópolis era Manoel de Menezes, em seu jornal *A Verdade*. Sempre num tom denunciativo e moralista Manoel de Menezes publicava constantemente diversas matérias criticando determinados aspectos da vida noturna de Florianópolis. Em 1954, por exemplo, foi

¹³⁹ MELO, Osvaldo. *O Estado*. Florianópolis, 10/06/1960. p. 2

publicada uma matéria de meia página com um título em letras garrafais: “ATÉ PARECE A LAPA! Os ébrios e loucos perambulam pelas calçadas de Florianópolis”¹⁴⁰.

Determinadas casas noturnas, que Menezes chamava de “cabarets” para associá-las à prostituição, também eram assuntos correntemente polemizados em *A Verdade*. Na capa da edição de 08/11/54 vemos destacada a notícia de uma confusão ocorrida em uma casa de prostituição localizada na Rua Almirante Lamego: “O PAU COMEU DIRETO! Fecha ou não fecha o cabaret?”¹⁴¹ Neste texto, além Menezes relatar a confusão, julga moralmente o proprietário do estabelecimento, chamando-o de cafajeste, cretino e alertando a população para “esse tipo de indivíduo que atualmente está em contato direto com nossa sociedade”¹⁴². Além disso, texto proclama a ação das autoridades através da pessoa do Coronel Trojilio Melo, delegado da Ordem Pública e Social, no sentido de fechar o *cabaret* de José Pedro Guimarães, pois, segundo Menezes, este contribuía para a proliferação da desordem e a da imoralidade em Florianópolis. Um ano após essa notícia, o assunto do *cabaret* da Rua Almirante continuava na pauta de discussões de *A Verdade* e, em função do seu fechamento, vemos, novamente na capa, a chamada para a notícia:

“PÚSTULAS À VISTA! O *cabaret* da rua Almirante Lamego era um antro, por isso que, com seu fechamento, Manoel de Menezes conquistou mais uma retumbante vitória para A VERDADE, e o descanso para muito coração aflito de mãe e de esposa.”¹⁴³

Perversão, corrupção, criminalidade, vagabundagem, entre outros temas considerados imorais, eram os assuntos mais frequentes no tablóide sensacionalista de Manoel de Menezes. Como o foco do jornal eram tais desvios, e como estes ocorriam em grande parte durante a noite, em bares ou em ruas decadentes de Florianópolis, temos em *A Verdade* um manancial de informações a respeito das transgressões acontecidas na vida noturna e na cultura de bar local. Ao contrário dos outros jornais locais, que davam pouca importância aos acontecimentos do “submundo” florianopolitano, *A Verdade*, que se apresentava como um instrumento de defesa da moral e dos bons costumes, tinha como preocupação principal o registro e o julgamento das transgressões éticas, morais, legais e sexuais que ocorriam em Florianópolis. Por seu caráter moralista, era também quem mais exigia mudanças, através da repressão policial, nessas práticas desviantes que ocorriam durante a noite e que sujavam o nome de

¹⁴⁰ Jornal **A Verdade**. Florianópolis: 08/11/1954. P. 2

¹⁴¹ Jornal **A Verdade**. Florianópolis: 08/11/1954. Capa.

¹⁴² Idem

Florianópolis. Como exemplo temos a matéria que segue abaixo, publicada na capa da edição de 28 de novembro de 1955:

PROSTITUTAS E INVERTIDOS em bacanais despudorados ao ar livre!
 Cenas imorais no Centro da cidade – a polícia deve processar esse vagabundos!
 De um tempos para cá é vergonhoso o desenvolvimento escandaloso da prostituição e inversão sexual em nossa Capital. Já não se pode, a certas horas da noite, transitar por algumas zonas o perímetro citadino, sem que se depare com cenas deprimentes.
 INQUIETAÇÃO DAS FAMÍLIAS – Florianópolis, que sempre gozou do conceito de ser a cidade mais moralista do país, está sendo postergada a plano inferior ante a atitude de certos indivíduos que, agarrados furiosamente a vis prostitutas, se entregam a cenas amorosas que muito deprimem os nossos costumes e foros de cidade civilizada e decente.
 À noite, principalmente, uma família não pode mais sair de casa(...) porque terá que presenciar espetáculos vergonhosos (...). Cabe a polícia desenvolver uma ação mais eficiente e enérgica a fim de reprimir nesses logradouros públicos, as expansões amorosas de prostitutas e assexuados, fazendo-os recolher às delegacias e instaurando contra esses pervertidos e tais mulheres o [...] processo criminal.¹⁴⁴

O olhar singular do jornalista ou do cronista para as tensões da cidade noturna era também compartilhado por outras pessoas (principalmente os leitores) e junto da questão urbana, vemos emergir outras construções relativas principalmente a questão do controle social. Entendendo aqui o jornal como um “equipamento coletivo de subjetivação”¹⁴⁵ – conceito usado por Félix Guattari para definir as máquinas materiais e imateriais de produção de subjetividades individuais e coletivas – podemos perceber o quão significativos eram para os leitores esses textos de Osvaldo Melo e Manoel de Menezes. Além de serem dispositivos produtores de sentidos e desejos, também enunciavam – direta ou indiretamente – valores e costumes comuns àquela sociedade que não estavam restritos apenas ao cronista, sendo peremptórios para a proposição de novas formas de sociabilidades urbanas. Em suma, a crônica jornalística por mais que fosse uma visão particular do articulista, era também uma voz responsável pela enunciação e pelo engendrar de uma subjetividade que era coletiva. Assim, compartilhando dos mesmos sentimentos de Osvaldo Melo e estando também indignado com certos agrupamentos de desocupados em frente aos cafés e bares, um leitor escreve à sua coluna um apelo à Polícia de Costumes e tem sua carta publicada na íntegra, sendo transformada na crônica do dia:

... Há muito desejava lembrar para sua coluna, um velho hábito aliás, muito arraigado no nosso ilhéu. Trata-se, Sr. Melo, das costumeiras ‘rodinhas’ às portas dos cafés e outros estabelecimentos comerciais. Praça XV, Felipe Schmidt, Trajano, principalmente. Cinco ou mais pessoas, agrupadas no meio do passeio, ocupando assim, inteiramente, o espaço para a passagem dos pedestres. (...) O que faz a chamada

¹⁴³ Jornal **A Verdade**. Florianópolis, 28/02/1955. Capa.

¹⁴⁴ Jornal **A Verdade**. Florianópolis, 28/11/1955. Capa e p. 2.

¹⁴⁵ GUATTARI, Félix. “Da produção de subjetividade” [tradução de Suely Rolnik] Mimeo, 1986.

Polícia de Costumes? Ou então, não a temos ainda por aqui. Nas capitais dos estados de todo país, esse serviço é feito por policiais educados que sabem tratar o ‘cidadão’, chamando delicadamente sua atenção...¹⁴⁶

É possível que as ditas “rodinhas”, que angustiavam o leitor em 1960, sejam resquícios dos antigos *footings*, que eram moda nas primeiras décadas do século XX. Percebemos então que, com o passar dos anos, as mudanças urbanas e o progressivo crescimento do número de automóveis agregaram novos valores às antigas práticas. As “rodinhas”, um “velho hábito arraigado ao nosso ilhéu”, transformaram-se em um mau costume, em falta de educação e passaram a ser vistas como sinal de atraso. Assim como outras formas de sociabilidades que ocorriam no espaço público, as “rodinhas” precisavam ser combatidas e para tanto, o escritor sugere que policiais habilitados educassem os “cidadãos”, para que eles compreendessem e respeitassem a nova divisão dos espaços, na qual as estradas eram para os carros e as calçadas serviriam à passagem dos pedestres, por isso não poderiam ser ocupadas.

Apesar de todo o empenho das autoridades nas primeiras décadas do século XX em higienizar e moralizar Florianópolis, o espaço urbano continuou sendo lar de indivíduos considerados “socialmente inaptos”¹⁴⁷. Tais reformas urbanas, que retiraram do Centro grande parcela da população pobre (na sua maioria negros, descendentes de escravos), foram responsáveis também pelo crescimento populacional desordenado¹⁴⁸ dos morros que circundavam o Centro e por uma racialização geográfica dos espaços, fazendo surgir culturas “guetificadas”. A partir dessa guetificação cultural o Centro – civilizado, branco, moralizado e lar das famílias mais abastadas – ficou ilhado pelos morros – pobres, marginalizados e lares de grande parcela da população negra de Florianópolis – mas não deixou de ser local de passagem de seus antigos moradores, nem de ser espaço de agregação de indivíduos e de práticas consideradas desajustadas.

¹⁴⁶ MELO, Osvaldo. “Ronda pela cidade – carta de um leitor”. In.: **O Estado**. Florianópolis, 04/06/1960. P. 2
Grifo da autora

¹⁴⁷ Segundo Maria Izilda Santos de Matos, o conceito de ‘socialmente inapto’ foi difundido nas primeiras décadas do século XX através do discurso eugenista, e se refere principalmente aos portadores de deficiências físicas e mentais, doenças venéreas, homossexuais, prostitutas, alcoólatras, vagabundos e criminosos. Essas pessoas deveriam ser controladas, e na medida do possível, ser retiradas de circulação (enclausuradas em instituições como hospícios, hospitais, prisões) para que assim não atrapalhassem a evolução moral dos indivíduos “normais”. MATOS, Maria Izilda. Op. Cit. p. 47.

¹⁴⁸ É importante frisar que o “crescimento desordenado” é um problema que irá surgir no Urbanismo a partir da década de 30 do século XX, com os CIAMs (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna). Diferentemente das reformas urbanas que irão ocorrer na cidade nas décadas de 60 e 70, nas quais o saber técnico e social do urbanista tinha um papel fundamental para ordenar a cidade, as reformas ocorridas no início do século ainda não estavam pautadas pelo Urbanismo, mas sim pelo saber médico-higienista, que via a cidade como um organismo doente que precisava ser tratado.

Os jornais locais, em especial *A Verdade*, e os processos-crimes nos apontam para algumas regiões moralmente perigosas da época, entre as quais estavam os altos das ruas Conselheiro Mafra, Rua Francisco Tolentino, Cais Frederico Rola e as adjacências da Alfândega. Nesses lugares, segundo denúncia feita pelo jornalista Manoel de Menezes, em 1955, “prostitutas reles e marmanjos de masculinidade duvidosa se entregavam às mais desavergonhadas cenas de amor, pouco se importando com as famílias que por ali transitavam”¹⁴⁹. Tais locais, que ficavam nas imediações do porto já em decadência e que foi definitivamente desativado e aterrado no início da década de 70¹⁵⁰, eram marcados por estigmas devido, principalmente, a atividade portuária lá desenvolvida durante décadas. Ali, muitas prostitutas faziam seu “ponto” e ali também funcionavam alguns “inferninhos”¹⁵¹ – bares e boates onde prostitutas encontravam seus clientes – freqüentados por gente de todas as camadas sociais, como a Pensão São Pedro, mais conhecida como Pensão Kowalsky. O dito estabelecimento era famoso até a década de 60 pela sua fama de funcionar como uma espécie de motel – casa comercial destinada a prática de sexo que ainda não existia na cidade¹⁵². A pensão Kowalsky fazia parte dos diversos trajetos noturnos do centro da cidade, pois era para lá que muitos casais se encaminhavam após os encontros públicos nos chamados “inferninhos”. Nela, eram alugados quartos a preços relativamente acessíveis – atividade comercial até então proibida por lei – para que na intimidade de um espaço privado estes casais pudessem manter relações sexuais.

Devido a sua localização bem no centro da cidade, ao constante movimento de casais nas altas horas da noite e aos eventuais tumultos e brigas que causavam perturbação da ordem pública, a casa era alvo de muitas reclamações por parte dos moradores e por isso também ponto de convergência dos olhares vigilantes da polícia. Em 1963 foi movido um processo contra Pedro Hinkel, proprietário da casa, por propiciar a prostituição e manter local “destinado a encontro para fins libidinosos”. O processo diz respeito a uma prisão em flagrante sofrida por Pedro Hinkel meses antes, em 31/10/62, e consta nos autos do inquérito que,

Dada a palavra ao condutor do flagrante, o Tenente Sérgio de Medeiros Araújo (...), disse: que aproximadamente às onze e trinta horas de hoje, o declarante estava fazendo uma ronda e, nesta hora da noite, ao passar pela pensão ‘KOWALSKI’, viu um casal subindo as escadas que levam ao interior (...); encontrando lá, a presença de

¹⁴⁹ Jornal **A Verdade**. Florianópolis, 28/11/1955. P. 2

¹⁵⁰ Em 1972 é dado início a construção do Aterro da Baía Sul, ocupando toda a área onde antes funcionava o porto. Cf.: SANTOS, Paulo César dos. **Espaço e Memória: o Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis**. Florianópolis: UFSC, 1997. [Dissertação de Mestrado]

¹⁵¹ A expressão “inferninho” serve para designar os estabelecimentos comerciais marginais, principalmente localizados próximos da zona portuária e com ligação com a prostituição, jogos e outros crimes.

¹⁵² O primeiro motel da cidade foi o Meimbipe, criado em 1975 e localizado na SC-401, à caminho das praias do norte. Na época este local era bastante distante do Centro e não existiam muitas casas por perto, garantindo a privacidade dos casais. Apesar de atualmente Florianópolis contar com motéis mais luxuosos, quando foi criado o Meimbipe era um ambiente requintado, um luxo para poucos.

vários casais , nos quartos , semi-nús, na prática de atos libidinosos (...), ao dar voz de prisão ao senhor Kowalski, este falou ao declarante que ‘tinha de se virar, alugando quarto para casais’; que (...) o senhor Kowalski ofereceu ao declarante a quantia de Cr\$ 500,00 para que o depoente não desse crédito ao que estava acontecendo (...). Em seguida, foi ouvida a segunda testemunha: Osman Cruz, (...) que disse: que foi dormir, hoje, às onze horas quase, com Enedina de tal; que chegando a pensão ‘Kowalski’, onde fora dormir com Enedina, pediu ao senhor Kowalski para que alugasse um quarto para ambos; que, ao preço de trezentos cruzeiros, o senhor Kowalski alugou o quarto ao declarante para algumas horas; que manteve relação sexuais dentro do quarto da ‘Pensão Kowalski’, uma vez e estava dormindo quando a polícia chegou (...) Ouvida a terceira testemunha, Irineu José Pereira (...), disse que: hoje, cerca das onze e dez da noite, o declarante, em companhia de Edi de tal, dirigiram-se à ‘Pensão Kowalski’, a fim de manter relações sexuais; que, o declarante pagou trezentos cruzeiros para o aluguel de quarto e para Edi, depois daria algum dinheiro; que foi Edi quem lhe disse que seria fácil alugar um quarto na dita Pensão; que Edi faz ponto na ‘Churrascaria São Jorge’, sita no Estreito, onde o declarante a apanhou (...) Ouvida a quarta testemunha, Adir dos Santos, vulga Edi, disse: que (...) já dormiu muitas noites na ‘Pensão Kowalski’ (...); que nas vezes que foi até a ‘Pensão Kowalski’, lá mantinha relações sexuais, não tendo podido desta vez praticar tais relações, dada a falta de tempo, com a chegada da polícia.¹⁵³

Este flagrante revela um outro aspecto da vida noturna de Florianópolis: a sua associação com a prostituição e a convergência entre geografias de diversões e de prazeres, produzindo territórios de transgressão. Segundo estudos da historiadora Marilange Nonnenmacher sobre a rua Conselheiro Mafra, a imagem desta rua e de seus arredores (região portuária) era disseminada nos jornais como degradante, não apenas por ser uma zona de prostituição, mas também por abrigar parcelas pobres da população. Assim, algumas pessoas “receosas de se colocarem em ‘vias de difamação’ ao percorrerem esses espaços, buscavam alternativas para contorná-los, promovendo uma segregação espacial e uma estigmatização do lugar dentro da dimensão urbana.”¹⁵⁴

Aspectos da história da vida noturna em Florianópolis estão imbricados a outras histórias: a dos prazeres, da ilegalidade e da transgressão. A Pensão Kowalsky, assim como outras pensões que existiam nas imediações do porto, aparentemente não tinha nada de ilegal pois funcionava como dormitório para pessoas que vinham de fora da cidade, como marinheiros e feirantes – o que era permitido. No entanto, as atividades em que ela estava envolvida, como a prostituição e o “aluguel de quarto para casais”, estas sim, eram consideradas ilegítimas perante a lei. Falar de sexo ou fazê-lo fora do ambiente doméstico era motivo de coerção por parte das autoridades. A intimidade deveria ficar reservada a esfera privada, coisa que não acontecia na Pensão Kowalsky, pois quando os casais eram vistos subindo as escadarias, já se sabia (ou se pressupunha) o que iam fazer. Aliás, apesar da sua ilegalidade a atividade da pensão nem era tão obscura assim. Segundo declaração de Procópio Pires, comissário de Polícia, a

¹⁵³ **Processo nº 7/63**. Caixa 119. Fls 7. 1ª Vara criminal. Arquivo do Fórum de Florianópolis..

¹⁵⁴ NONNENMACHER, Marilange. “**Um lugar sem memória**”: Rua Conselheiro Mafra no século XX.

“Pensão Kowalski” era conhecida nesta cidade como um *rendez-vous*, como uma casa, que habitualmente à noite (...) recebia casais para fins libidinosos”¹⁵⁵. Dentre as entrevistas recolhidas para esta pesquisa também era recorrente a lembrança da pensão e o estigma que a envolvia. Quando pergunto a Raul Caldas Fº sobre a boemia existente na Rua Conselheiro Mafra, ele lembra:

Ali era um negócio mais pesado, né? Aqui no Mercado tinha a Pensão Kowalski, que as pessoas alugavam quartos e tal, mas aí não eram locais, assim, muito recomendáveis para as pessoas de família (risos). Não eram nem inferninho, alugavam o quarto e pronto, ali era para valer (mais risos)¹⁵⁶

Outros lugares situados na região do porto ficaram famosos pela associação com a prostituição, como o “Bar da Vera”, o “Bar da Sarita” e o “Bar do Luiz, onde se encontravam moças selecionadas”¹⁵⁷. Também eram recorrentes as confusões no “Bambu Bar”, localizado na rua Tenente Silveira. Neste local, definido pelo jornalista Antunes Severo como “um cabaré, uma zona, um inferninho”¹⁵⁸, ocorriam diversas confusões e numa delas e o próprio Severo lembra de ter participado. De acordo com Raul Caldas Filho, outro local onde eram comuns as brigas era o “Bar do Kido”, que funcionava atrás do Instituto Estadual de Educação. Segundo Caldas “lá era onde se reuniam os jovens violentos da cidade”¹⁵⁹.

De acordo com os processos-crimes pesquisados, os estabelecimentos onde ocorriam brigas com maior frequência eram o “Bar Alvorada”, de propriedade dos irmãos Taufik e Edmundo Amim, localizado na rua Felipe Schmidt; e o “Bar Universal”, sito na rua Jerônimo Coelho, famoso por permanecer aberto em determinadas épocas do ano durante as 24 horas do dia. “Não tinha nem portas” lembra Raul Caldas Fº¹⁶⁰. Ambos os bares, cenários de muitos conflitos que tiveram seus desfechos na delegacia, faziam parte de um percurso invisível de divertimentos noturnos, que se não era “secreto”, era compartilhado apenas entre os que se aventuravam na noite¹⁶¹. Neste caso, os processos-crimes além de mapearem os locais onde ocorriam os conflitos, nos servem também como fontes

Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado em História]. P.98.

¹⁵⁵ Idem. Fls 9

¹⁵⁶ Entrevista com Raul Caldas Fº concedida a autora em 15 de junho de 2001.

¹⁵⁷ NONNENMACHER, Mariliange. Op. Cit. p. 93.

¹⁵⁸ Entrevista com Antunes Severo concedida a autora em 15/04/2001.

¹⁵⁹ “Bares e Boêmios Incríveis”. In.: DC Documentos – Florianópolis: Origens e Destinos de uma cidade à beira-mar. Nº 23. Florianópolis: Diário Catarinense, 23/03/1998. p. 7.

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ Esta questão será melhor desdobrada mais a frente, quando será discutido a visibilidade que os jornais da década de 70 davam à “cultura de bar”, através da divulgação de roteiros e dicas para curtir a noite na cidade.

reveladoras desses percursos, apresentando o que Michel de Certeau chama de “geografias de ações”¹⁶², ou seja, apresentando como os espaços eram praticados, organizados e sentidos.

A maioria dos crimes registrados na 1ª Vara Criminal de Florianópolis, durante a década de 60 foram de agressão (Art. 129 do Código Penal) e ocorreram em bares e cafés da região do Centro ou no Sub-distrito do Estreito, parte continental da cidade¹⁶³. Os relatos desses crimes refazem caminhos e trajetos comuns entre os boêmios da cidade, como no Processo nº 37/65, que diz respeito a um crime de agressão ocorrido em 2/09/65, por volta das 23h. Segundo depoimento do ofendido, Raynoldo Oliveira dos Santos,

aproximadamente as 22h, o declarante que é motorista de táxi, foi procurado pelo senhor João Galdino Figueiredo e um primo deste, de nome Nivaldo, a fim de irem com o automóvel do declarante, até a localidade de Coqueiros. No trajeto, passaram no Bar Alvorada, sendo que aí fizeram uma parada, aonde Figueiredo e Nivaldo tomaram um aperitivo. Desse bar dirigiram-se ao Bar Universal, onde não somente o sr. Figueiredo tomou outro aperitivo, porém, já nessa altura Nivaldo e seu primo Figueiredo, estavam embriagados, pois, quando tomaram o automóvel do declarante no ponto, eles já estavam alcoolizados.... Daí porque o ofendido chamou Figueiredo de ladrão, Nivaldo começou a briga¹⁶⁴

O uso de táxis para percorrer trajetos de maiores distâncias, por exemplo entre os bares do Centro e bares de Coqueiros e Estreito (ambos os bairros próximos do Centro, porém localizados na parte continental da cidade) era comum, já que a posse de automóvel ainda era muito restrita e este era o meio mais rápido e fácil de se transportar de um local ao outro. Fácil, no entanto caro. Nem todas as pessoas podiam pagar pela “corrida” e ainda ter dinheiro para comer e beber nos bares em que iam. Por isso, a maioria desses trajetos eram percorridos à pé e ficavam limitados a pequenas distâncias. Como no caso em que Antônio Pádua Machado saiu, já embriagado, do Bar Nippon e foi promover arruaças em frente ao Lux Hotel, onde funcionava um requintado piano-bar. Consta no inquérito que,

Aos quinze dias do mês de setembro do ano próximo passado, cerca das 22h, nesta Capital, no trajeto da Rua Felipe Schmidt, o denunciado, Antônio de Pádua Machado, após ter tomado alguns aperitivos no “Bar Nippon Lanches”, dirigiu-se, em companhia de um colega seu até as imediações do “Lux Hotel”, onde começou a

¹⁶² CERTEAU, Michel. Op. Cit. p.200.

¹⁶³ Alguns trapiches e atracadouros do Porto de Florianópolis estavam localizados no sub-distrito do Estreito, o que dava aquela região um grande número de estabelecimentos comerciais, principalmente bares e cafés. Na pesquisa dos processos-crime foi possível levantar alguns, desses lugares que foram cenários de contravenções: Bar Brasília, Bar e Café Estiva, Churrascaria São Jorge, Bar Paulista, Bar Santa Catarina, Churrascaria Rio Sulense, Bar do Estreito, Bar e Lanchonete Penha, Bar e Café Glória, entre outros. No interior da Ilha também havia registros criminais, mas com um número muito inferior se comparado a região do Centro e do sub-distrito do Estreito, além disso, a incidência de crimes envolvendo arma branca, ou arma de fogo, era maior na região central.

¹⁶⁴ **Processo nº: 37/65.** Caixa 124. 1ª Vara Criminal. Arquivo do Fórum de Florianópolis.

importunar os circunstantes, falando em altas vozes e gesticulando de maneira exaltada.¹⁶⁵

O desfecho dessa história deu-se na delegacia, com a prisão do acusado por perturbação à ordem e desacato à autoridade. Aqui, evidencia-se a tendência de uma ordem burguesa e produtiva que tende a transformar o espaço público, a rua, em um lugar asséptico, produtivo, livre de tensões e também do ócio e da bebida, inimigos nº 1 do trabalho. No entanto, apesar da ação policial que pretendia manter a ordem através da vigilância e repressão aos que ameaçassem o bem-estar urbano, as pessoas não cessavam de reinventar esses espaços, escapando desta conformação. Os relatos do espaço presentes nos depoimentos das vítimas, dos acusados, ou de testemunhas mostram como em torno da sociabilidade noturna de bar existiam mapas e percursos mais ou menos comuns aos que se aventuravam nas noites da cidade, dando sentido a um outro mundo, que não o mundo ordenado pelo trabalho. Apontam lugares ligados entre si por vias que são também “‘modalidades’ que precisam o tipo de passagem que conduz de um lugar ao outro”¹⁶⁶.

Antes de passarmos a um outro ponto, cabe comentar um último processo referente a uma briga que teve seu início no interior do Bar e Lanchonete Vic's, apenas com discussão verbal, e seu desfecho na rua Felipe Schmidt, há alguns metros do bar, onde os envolvidos caminhavam em direção ao Café Nacional. A briga começou porque o proprietário queria fechar o estabelecimento, mas os fregueses não admitiam, começando assim o bate-boca. Indignados, os fregueses decidiram procurar um outro bar, mas no caminho foram seguidos pelo proprietário da lanchonete, que de carro foi ao encontro deles. Mais uma vez a rua Felipe Schmidt foi cenário de brigas, que constantemente punham em risco a ordem pública. Mas o mais interessante neste processo é que no mandato de Notificação e Intimação das testemunhas há uma observação do delegado pedindo que se intime as testemunhas não em suas casas ou locais de trabalho – procedimento mais comum –, mas nos bares, por serem eles indivíduos que passam “grande parte do seu tempo nesses locais”. Assim, cada qual deveria ser intimado no respectivo estabelecimento: “Celso Eduardo Flores Lino: Rua Jerônimo Coelho – Cristal Lanches; Altamiro Peixoto: Rua Felipe Schmidt – Bar Alvorada; Hélio Caetano de Brito: Rua Felipe Schmidt – “Lanchonete Nacional”; José Rufino Pereira: Rua Felipe Schmidt – “Vic's Lanchonete”¹⁶⁷. Esta situação faz remeter a uma colocação de Merleau-Ponty, na qual ele diz que a “existência é espacial”¹⁶⁸. Ou seja, tanto na visão do delegado de polícia, como na de cronistas e

¹⁶⁵ **Processo n.º 74/68.** Caixa 130B. 1ª Vara Criminal. Arquivo do Fórum de Florianópolis.

¹⁶⁶ CERTEAU, Michel. Op. Cit. p.200.

¹⁶⁷ Processo n.º: 12/67. Caixa 128 (fls56 do processo).

¹⁶⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. Apud. Certeau, Michel. Op. Cit. p. 202.

peças comuns, esses indivíduos tinham sua existência associada diretamente aos lugares que freqüentavam, como se fizessem parte da paisagem e a paisagem parte deles. E de fato faziam. É isto que denomina o que Merleau-Ponty chama de “espaço antropológico” – o tipo de vida que se dá aos espaços. A partir daí fica fácil de entender a criação de estigmas por parte de quem não compartilhava dessas práticas e não vivenciava da mesma forma esses espaços. Suas relações com o mundo eram outras e suas experiências também.

Este mapa noturno compreende os lugares destinados a certos divertimentos, como bares, cafés, boates, *snookers*, como também lugares inusitados, que em princípio teriam outro fim mas que foram apropriados e territorializados por determinados grupos, como ruas e praças, e assim resignificados. Maurício Amorim, jornalista, lembra que quando os divertimentos da cidade, passeios e o *footing*,¹⁶⁹ se davam nos arredores da Praça XV havia uma “sutíl” divisão social dos espaços, na qual o lado da Felipe Schmidt era percorrido pelas moças e moços das “melhores famílias, enquanto as [moças] menos favorecidas ficavam pelo jardim [Oliveira Belo], onde encontravam os marinheiros de passagem pela Ilha.”¹⁷⁰ Este esquadramento social dos espaços da Praça XV não está presente apenas na memória de alguns moradores da cidade, mas também estava presente nas crônicas que Osvaldo Melo escrevia diariamente ao jornal *O Estado*, nas quais ele freqüentemente desqualificava o grupo que se encontrava no interior da praça, junto ao Jardim Oliveira Belo, que segundo ele era o “local predileto para ajuntamento de menores que transformam aquele jardim em ponto de vadiagem dia e noite.”¹⁷¹

3.2 – A noite como um prolongamento do dia

De fato, todos esses excessos envolvendo a noite, como brigas, arruaças, ajuntamentos, precisavam ser combatidos, a fim de transformar a noite num espaço mais seguro às pessoas de bem, já que a questão noturna vinha inserida numa questão maior: a gestão do espaço urbano. Por isso, uma das formas de se melhorar o controle sobre a cidade noturna era através do aperfeiçoamento da iluminação pública, promessa de campanha do governador Celso Ramos. Preocupado com a industrialização de Santa Catarina, Celso Ramos, que governou o estado entre os

¹⁶⁹ *Footing* era uma expressão bastante usada nas décadas de 40 e 50 e servia para designar o passeio que moças e rapazes faziam pelas ruas da cidade, principalmente a Rua Felipe Schmidt, e no qual tinham a oportunidade de flertar, paquerar e até conseguir relacionamentos mais sérios como namoros e casamentos, no entanto tudo era regrado de muita descrição.

¹⁷⁰ “Bares e Boêmios Incríveis”. In.: **DC Documentos** – Florianópolis: Origens e Destinos de uma cidade à beira-mar. N° 23. Florianópolis: Diário Catarinense, 23/03/1998. P. 3.

¹⁷¹ MELO, Osvaldo. “Princípio de semana: perguntas inocentes”. In.: **O Estado**. Florianópolis, 05/05/1962. P.2

anos de 1961 e 1965, tinha como prioridade de seu governo a modernização e a ampliação do setor elétrico, principalmente no que dizia respeito às cidades do interior as quais sofriam com a precariedade do sistema. No entanto, apesar da sua condição de capital do Estado, em Florianópolis a distribuição de energia elétrica deixava muito a desejar, não alcançando os bairros mais afastados do Centro e comprometendo inclusive a iluminação pública de locais onde se tinha energia elétrica.

Apesar de o cronista Osvaldo Melo escrever para um jornal que se posicionava claramente a favor dos governos estadual e municipal, eram costumeiras as críticas que fazia à falta de iluminação no Centro que, segundo ele, assim como a da Praça XV, “era péssima e completamente desatualizada” e por isso precisava urgentemente “ser renovada, melhorada, digna de ser de uma Capital..¹⁷²”. Logo, a má iluminação do Centro, juntamente com a falta de policiamento nas ruas, começou a ser associada à criminalidade e aos ajuntamentos de vadios e bêbados. Paralelo a isto, evidenciava-se nos jornais a construção de um processo de levantamento da auto estima da Capital e muitas foram as ações políticas neste sentido¹⁷³.

Um novo tempo era anunciado e a energia elétrica seria a grande redentora da cidade, esta traria grande parte da modernização e do progresso necessários e, inclusive, acabaria com a criminalidade e com ajuntamento de vadios. Mais do que isto, o melhoramento da iluminação pública e da distribuição da eletricidade possibilitaria um uso mais produtivo da noite, seja estendendo os horários de trabalho e ampliando a estrutura de casas noturnas já existentes; seja possibilitando mais horas de lazer aos trabalhadores que, assim, poderiam usufruir melhor desta “nova” rede de estabelecimentos voltados à diversão noturna que vinha se instalando na cidade, como era o caso do “Bar Pitoco”, inaugurado em 1955. A notícia da inauguração do referido bar apontava como alguns de seus atrativos uma máquina de fazer o delicioso “creme-café”, além de uma completa aparelhagem moderna, tudo no estilo americano, como vemos abaixo:

Terça-feira passada, foi inaugurado em nossa cidade, mais um bar, instalado na Rua Felipe Schmidt, (...) e complementemente aparelhado com os requintes mais modernos e em estilo americano. Trata-se do Bar Pitoco... Está portanto de parabéns a nossa cidade, com a abertura de mais esse bar, que irá se juntar aos tantos outros que já contribuem grandemente para o progresso desta Capital¹⁷⁴

¹⁷² MELO, Osvaldo. In.: **O Estado**. Florianópolis, 28/06/1960. P. 2

¹⁷³ Dentre essas ações políticas destaca-se a implementação de toda uma infra-estrutura voltada ao turismo, e simultânea a essas ações percebe-se a construção de um discurso a respeito da vocação turística da cidade. Cf.: LOHN, Reinaldo. Op. Cit.

¹⁷⁴ Jornal **A Verdade**. Florianópolis, 17/01/1955. P. 2

Na coluna de Osvaldo Melo, toda a novidade que vinha associada ao progresso técnico era positivada. A simples instalação de um luminoso era comemorada como se fosse uma grande obra, como se a cidade estivesse saindo das trevas do atraso: “Já se encontra desde ontem à noite brilhando na faixada do prédio Hoepcke, à Rua Felipe Schmidt o bonito luminoso LEITESOL”¹⁷⁵. Este louvor à técnica não se limitava apenas à Florianópolis, mas fazia parte de ideal nacional da política desenvolvimentista iniciada na década de 50. De acordo com Renato Ortiz, os avanços da técnica trazidos e propiciados pela indústria tinham uma missão não apenas civilizadora, como também definidora do que era “moderno” e do que era “atrasado”. No primeiro caso, estava associada à vida urbana, enquanto no segundo se relacionava tudo que estava associado ao mundo rural¹⁷⁶.

Neste processo de posituação de uma cultura técnica em detrimento de uma outra ligada aos hábitos e costumes antigos, a prática da boemia e da ida aos bares e botecos sem muita infra-estrutura moderna, como eletrodomésticos, máquinas para tirar chopp e letreiros em neón, também passa a ser desqualificada através de uma associação com a cultura rural. Em 1956 Adolfo Boos Jr. publica o conto “Noite”, no qual narra a história de um menino que mora no interior da Ilha (no bairro da Lagoa da Conceição), mas para ajudar sua família precisa trabalhar de jardineiro no Centro da cidade, onde passa a morar. O menino, que nunca havia saído de sua comunidade, estranha o contato com a cidade e só irá se sentir à vontade quando passa por uma das ruas “decadentes” do centro de Florianópolis e avista um bar:

a inquietação aumentava, à proporção que iam entrando na cidade (...). A visão de homens mal vestidos encostados ao balcão lembrou-lhe a venda de seu Isaac, na Lagoa. Não havia diferença entre aqueles homens e os que freqüentavam o boteco do judeu, perto da sua casa. Por um momento diminuiu a sua inquietação, pensando que ia viver entre gente igual ao pai e a mãe. Poucos passos além, começaram a surgir casas bonitas, gramados imensos, bem cuidados (...). – Pai, que é jardim?...¹⁷⁷

O novo comportamento urbano, que já começaria a ser gestado mesmo antes da década de 60, transformou a relação dos homens e mulheres com a noite e muitas foram as ações do governo que contribuíram neste sentido. Um dos principais empreendimentos deu-se em 1962, quando por uma determinação do Governador a ELFFA (Empresa de luz e força de Florianópolis) reformou toda a iluminação do Centro. Esta também era a meta de José Hülse, o então engenheiro presidente da SOLTECA (Sociedade Termoelétrica de Capivari), empresa responsável pelo abastecimento da energia elétrica e pela transmissão das telecomunicações no Estado. Em telegrama enviado ao governador Celso Ramos e publicado na capa do jornal *O Estado*, Hülse promete “regular abastecimento energia

¹⁷⁵ MELO, Osvaldo. “*Luminosos LEITESOL*”. In.: **O Estado**. Florianópolis, 07/04/1960. P. 2

¹⁷⁶ ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

elétrica Capital Estado”¹⁷⁸. O aumento do potencial elétrico do estado era meta também do governo federal, que via em Santa Catarina grandes possibilidades nesse setor devido a abundância dos rios em seu território. Assim, em 1959 foi organizado pela Companhia Brasileira de Engenharia o “Plano de Eletrificação do Estado de Santa Catarina”¹⁷⁹, que se tratava de um estudo hidrográfico da região catarinense a fim de especular sobre seu potencial energético. Tal estudo se tornou uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento econômico do estado, pois na política desenvolvimentista federal a eletricidade estava na ordem do dia, significando a possibilidade de instalações de novas indústrias. Em última instância, a energia elétrica e os produtos advindos dela se confundiriam com a modernidade, de modo que ganhavam status diante da população em geral, modificando consideravelmente o modo do vida cotidiano das pessoas.

A partir daí entende-se o porquê das cobranças para o melhoramento da iluminação de Florianópolis. Além da maior segurança que a claridade ofereceria, a iluminação foi transformada em signo de modernidade, assim viu-se crescer um discurso que desqualificava as práticas noturnas que se davam em espaços “anti-modernos” e que qualificava as práticas nas quais os “produtos” da eletricidade estavam presentes. No processo de execução das obras de modernização da iluminação pública Centro de Florianópolis o Jardim Oliveira Belo – onde segundo Osvaldo Melo aglomeravam-se vagabundos devido a falta de iluminação – foi um dos primeiros locais a serem reformados. A partir daí começou a operação “Uma rua por dia”, na qual as antigas lâmpadas incandescentes foram substituídas pelas modernas lâmpadas de mercúrio (luz branca), declarando guerra a escuridão e fazendo de Florianópolis “a cidade mais iluminada do Estado”, já que a “luz clara de mercúrio, transformava cada lâmpada de centenas de velas em vários pequenos neóns”¹⁸⁰.

Outra medida que veio no sentido de tornar as ruas de Florianópolis mais seguras foi a instalação, em 05/05/62, da Rádio Patrulha, cuja a tecnologia necessária veio de São Paulo. A novidade rendeu uma mudança na programação da Rádio Guarujá, que passou a noticiar no programa “Hora do Despertador”, de Dakir Polidoro, os crimes registrados durante a noite pela Rádio Patrulha. O cronista Osvaldo Melo foi um dos grandes entusiastas desta novidade, divulgando constantemente em sua coluna diária, notícias referentes às muitas atividades da “RP” e defendendo a sua necessidade para o sossego dos florianopolitanos:

¹⁷⁷ BOOS JR, Adolfo. *A Noite*. In.: **Teodora & Cia** – Contos. Florianópolis: Sul, 1956. p. 55-61.

¹⁷⁸ **O Estado**. Florianópolis, 09/05/62. p.1

¹⁷⁹ O “Plano de Eletrificação do Estado de Santa Catarina”, obra que reúne em 9 volumes um estudo detalhado da hidrografia catarinense, previa a construção da usina hidrelétrica do Chapecózinho, no Oeste do estado, o que propiciaria maior produção e melhor distribuição de energia elétrica para o sul do país. Setor de Obras Raras da Universidade Federal de Santa Catarina.

¹⁸⁰ “Melhorada a Iluminação do Centro” In.: **O Estado**. Florianópolis, 09/05/62. P 1. MELO, Osvaldo.

Ouvimos então taquaranas e desaprovações à existência da Rádio Patrulha, julgando desnecessária à nossa Capital.

Para desfazer e eliminar completamente esses destemperados ataques, basta acompanhar os serviços que a RP vem realmente prestando a nossa população (...).

Casos de locomoção para as maternidades de senhoras pobres que necessitam ser atendidas com urgência (...), já para não citar, o que realmente cabe à RP, como prisões de ladrões assaltando residências familiares, repressão a vagabundagem que vive à solta pelas ruas centrais e arrabaldes da Capital, além de outros serviços afetos ao bem estar da ordem pública e social.¹⁸¹

Apesar de todas as críticas que partiam da imprensa envolvendo a noite e a “cultura de bar”, vemos simultaneamente um determinado aspecto dessa cultura ser publicizado e vangloriado através do rádio. Trata-se do “Bar da Noite”, um programa de auditório que ia ao ar todas as sextas-feiras à noite pela Rádio Diário da Manhã, uma espécie de rádio-novela que encenava o cotidiano de um bar fictício cujo o nome era o mesmo do programa. O formato do Bar da Noite apresentava uma narrativa linear: o locutor, que era também o personagem principal da trama, chegava ao bar e comentava com uma certa melancolia na voz os assuntos do dia como se estivesse conversando com alguém que não respondia, mas que compartilhava suas angústias: o ouvinte. Seu “diálogo” era entrecortado por músicas que muitas vezes estavam relacionadas ao tema da conversa e essas músicas entravam como forma de pedidos que o próprio locutor fazia aos músicos do bar. O encerramento do programa coincidia com o fim do expediente do bar e o apagar do letreiro luminoso, o qual o homem lamentava, ao mesmo tempo em que provocava em si e no público ouvinte a expectativa para a próxima “ida” ao Bar da Noite.

No entanto, as presenças do piano, da cantora e do garçom revelam que não se tratava de um estabelecimento qualquer, mas um sofisticado piano-bar, onde o personagem ia após o trabalho, para encontrar os amigos e relaxar. E revela também, que a prática sugerida pelo programa não é a antiga boemia, estando mais próxima do que chamamos hoje de *happy hours*. O Bar da Noite era um ambiente asséptico, nele não havia desordens, imoralidades e tudo funcionava bem: o garçom era prestativo, a cantora Neide Maria Rosa – famosa artista que costumava se apresentar no *american bar* do Querência Hotel – era da melhor qualidade e o cliente recebia toda a atenção. Como quem acabava de entrar no ambiente, o locutor cumprimentava os ouvintes – companheiros e fregueses virtuais do mesmo bar:

Alô amigos, companheiros, boa noite. Aliás para nós, só não é boa noite quando não tem Bar da Noite. Sabe lá o que é a gente olhar de longe, procurar um luminoso e

“Uma rua por dia”. In.: **O Estado**. Florianópolis, 15/08/1962. P. 2

¹⁸¹ MELO, Osvaldo. “Rádio Patrulha”. Coluna Nossa Capital. In.: **O Estado**. Florianópolis, 16/05/1962. P. 2

encontrar um sentido. A gente passa o dia inteiro criando caso, aturando o fígado do patrão, arranjando o assunto para o Bar da Noite e depois, não tem o Bar da Noite. Hum! Sabe lá o que é a gente passar o dia inteiro misturando obrigações com as lembranças do Bar da Noite. Passar o dia inteiro sentindo falta do zum-zum, do cheiro do álcool, de ver o Juca [garçon] e seu vai-e-vem cheio de tristezas e alegrias. Da música gostosa... E a hora chega e a gente corre para o Bar da Noite e não tem Bar da Noite... Pois, felizmente, hoje tem Bar da Noite, lá está o luminoso, lá está a fumaça, lá está o cheiro de álcool, lá está o Juca. Entremos, amigos! Lá está a voz gostosa e macia da nossa Neide Maria, do nosso Totonho. Hoje tem Bar da Noite.¹⁸²

O programa, escrito e idealizado pelo radialista Cláudio Alvim Barbosa¹⁸³, foi um sucesso desde seu início em 1958 e, segundo depoimento do próprio autor, cedido ao jornalista Norberto Depizzolati em 1985, “o negócio foi pegando e a gente recebia carta até do Rio de Janeiro, de pessoas que ouviam porque a Rádio da Manhã tinha uma onda curta espetacular¹⁸⁴”. Os textos eram crônicas semanais do cotidiano urbano e moderno da cidade e apresentavam conversas recorrentes em bares como amor, futebol, trabalho e família, que eram teatralizados a partir da dinâmica dos três personagens eixos – o cliente, o garçon e a cantora – cada qual figurando um “*tipo*” característico da cultura de bar. A construção desses personagens/tipos se dava principalmente a partir do discurso do protagonista – o cliente – que era o único que falava de si e dos outros, evidenciando a tendência do criador do programa em atribuir a esses personagens características pré-existentes no imaginário da época acerca das pessoas que freqüentavam esse segmento de bar. Assim, o cliente fazia o *tipo* “homem trabalhador e em sintonia com os problemas de sua época”, que criava no Bar da Noite um sentido para sua existência tacanha. E a recíproca se tornava verdadeira: o sentido do Bar da Noite quem dava era ele, o bar dependia dele para acontecer e os ouvintes só tinham acesso ao seu olhar encantado, reforçado por uma sonoplastia que ajudava a ambientar o clima intimista descrito acima. No entanto, suas falas evidenciavam que ele era um homem trabalhador e que ia ao bar apenas após o trabalho, não faltando com suas obrigações e não deixando transparecer nenhum tipo de vício do alcoolismo. Por isso, não podemos dizer que este *tipo* criado por Zininho representa o antigo boêmio, pois em nada ele se aproxima do vagabundo, do errante, romântico inconformado ou improdutivo socialmente. Ir ao bar e tomar um “drink” surge neste contexto como um direito legítimo do trabalhador, uma atividade sadia de lazer e que tem uma função social, pois ajuda a aliviar as tensões do dia-a-dia, preparando o homem para mais uma jornada de trabalho. Assim,

¹⁸² “Bar da Noite”. Fonte sonora extraída do Arquivo Zininho, da Fundação Franklin Cascaes [FC-13, s/d]

¹⁸³ Cláudio Alvim Barbosa, também conhecido por Zininho, era radialista, músico e boêmio folclórico da cidade. É dele a autoria do hino oficial de Florianópolis, “Rancho de Amor à Ilha”, composto em 1965 e oficializado em 1968.

¹⁸⁴ Entrevista com Zininho concedida a Norberto Depizzolati em 15/06/90. Arquivo Zininho; Fundação Franklin Cascaes [FC-14]

vemos permeado no texto do “Bar da Noite” um discurso que positivava o lazer produtivo em detrimento do ócio improdutivo do boêmio. Aqui, ir a um bar sofisticado e comportar-se de modo comedido de forma a não atrapalhar na função produtiva do trabalho, tornou-se algo legítimo porque é uma atividade de lazer. Desta forma, através do personagem principal, vemos uma forma como se deu, naquele momento, a publicização de um modelo de comportamento para os frequentadores de bar, que vinha ao encontro dos discursos acerca do lazer e da produtividade.¹⁸⁵

Os outros dois personagens tinham uma participação mais passiva, ficando limitados às funções de atender o cliente servindo bebidas, ou cantando as canções desejadas por ele. Porém, também representavam *tipos*, aliás o *tipo* era a baliza de sustentação do programa dando ânimo às encenações. Segundo Zininho, foi a partir de sua admiração por Neide Maria Rosa e por achar que ela, com sua voz “quente e grave” representava bem o estereótipo de cantora da noite, que ele teve a idéia de criar o bar imaginário – “mas condicionado de a Neide cantar com aquela voz de cantora da noite¹⁸⁶.” O garçom também era estereotipado, fazendo o modelo extrovertido, atrapalhado, amigo e confidente dos clientes:

... ele sabia da história de cada um, de cada mesa, mas se tu perguntasse a história do outro ele não contava. Garçom do Bar da Noite era isso, sabia a história de todo mundo mas era o confidente geral. O Juca sabia tudo, mas não contava para ninguém.¹⁸⁷

Esse era o bar que todos que tinham rádio até 1966, último ano do programa, tinham acesso: um estabelecimento que se fosse real não seria para todos, mas sendo fictício poderia ser compartilhado por qualquer um. Mais do que promover o entretenimento, o programa disseminava um modelo ideal para a cultura noturna de Florianópolis, que neste período ainda era inalcançável para muitos, não só por questões financeiras, mas também porque os bares que mais se aproximavam deste modelo estavam localizados no centro da cidade, sendo distantes demais para quem morava no interior da ilha. Porém essa distância não era apenas geográfica, era também cultural,

¹⁸⁵ Segundo Denise Bernuzzi de Sant’Anna, a questão do lazer está diretamente ligada a idéia de tempo produtivo, na qual o lazer supõe o trabalho. A partir da década de 60 muitas políticas de lazer passaram a fazer parte da planilha do Estado e de empresas, com intuito de “colocar o trabalhador no/e a favor do sistema produtivo”. Assim como o trabalho se tornou um valor na sociedade capitalista, o lazer também foi valorizado, pois é um tempo produtivo. Ver; SANT’ANNA, Denise. **O prazer justificado** – história e lazer. (São Paulo 1969/1979). São Paulo: Marco Zero, 1992. P. 38-41.

¹⁸⁶ Entrevista com Zininho concedida a Norberto Depizzolati em 15/06/90. Arquivo Zininho; Fundação Franklin Cascaes [FC-14]

¹⁸⁷ Idem.

já que nas zonas periféricas as práticas de divertimentos noturnos ainda não estavam sob a chancela do lazer, estando mais próximas do ócio e das transgressões.

Ao contrário daqueles ambientes que precisavam ser controlados, vigiados, reprimidos e retirados do alcance do público por serem cenários de constantes crimes e confusões, como o Bar Universal e o Bar do Kido; ou daquelas aglomerações de vadios nas ruas, que tanto irritavam Osvaldo Melo; o Bar da Noite era um espaço moderno (reparem a presença do letreiro luminoso), disciplinado e que não remetia a nenhum tipo de tensão, por isso poderia ser publicizado através do principal meio de comunicação da época: o rádio. Este programa tornou público e acessível para homens e mulheres de diversas camadas sociais uma face da cultura de bar que antes era muito restrita (esta restrição era social, sexista e geográfica). E, em certa medida, ajudou a educar este mesmo público, mostrando-lhe os comportamentos aceitáveis para a cultura de bar, dentro das concepções produtiva da teoria do lazer. Por isso, os aspectos negativos que cercavam esta cultura de bar, como as confusões, as bebedeiras e outras situações imponderáveis, simplesmente foram deixados de lado. O que veio à público foi a domesticação do espaço de beber e das sociabilidades de bar, num ambiente idealizado e freqüentado por personagens também idealizados, mas que correspondiam a uma nova assepsia dos comportamentos urbanos.

Outro aspecto deste programa diz respeito à publicização comedida dos afetos amorosos. Assim como as correspondências epistolares do século XVIII estudadas por Jürgen Habermans, o Bar da Noite propiciava a exteriorização dos sentimentos mais íntimos. Seja através da fala do personagem principal, que exteriorizava aspectos subjetivos de sua vida e apresentando publicamente “os derrames provenientes do coração”¹⁸⁸, seja através das músicas cantadas que evocavam os mais diversos sentimentos, mostrando que falar de amor era uma prática presente não apenas na “cultura de bar”, como também nas ondas do dial¹⁸⁹.

Mesmo sendo o Bar da Noite um ambiente imaginário e por isso só freqüentado por fregueses virtuais, a sua existência e duração pode ser entendida como um sintoma das transformações urbanas que vinham ocorrendo em Florianópolis. Com o Bar da Noite, recria-se o campo de possibilidades para as sociabilidades noturnas das quais as camadas médias da população, que vinham crescendo consideravelmente no período, poderiam usufruir sem estarem cometendo nenhuma infração moral, pois o que antes era considerado ócio, agora está sob o signo do lazer. O programa Bar da Noite marca uma nova relação com a noite, na qual determinados tipos de bares passam a ser

¹⁸⁸ HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. [trad. Flávio Kothe]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p. 65.

¹⁸⁹ Sobre esse assunto ver também. MACHADO, Aldonei. **A cidade no dial** – Florianópolis nas ondas médias e curtas do rádio. (déc. 40 e 50). Florianópolis: UFSC, 1999.

lugares familiares e saudáveis, já que ligados ao lazer, e refúgios para os problemas cotidianos – lugares não de busca de euforia, alienação ou vícios, mas de reflexão e descanso para o próximo dia de trabalho.

Ao contrário da antiga boemia que vagava pela rua, este novo formato de diversão se dá em um local fechado. Outra diferença é a profissionalização desse espaço, contando com garçons e músicos contratados, bastante diferentes dos seresteiros que geralmente tocavam por prazer ou por bebida, apesar de continuar o gosto por músicas do tipo “dor de cotovelo”. Neste novo espaço as mulheres poderiam entrar acompanhadas de seus parceiros sem medo de serem estigmatizadas, pois era um ambiente familiar. Dentro desta nova lógica, os anúncios publicitários inovaram: se na década de 50 o anúncio da cerveja Antactica não trazia nenhuma imagem de bar, apenas a foto da garrafa junto do slogan “amiga dos *amigos*”¹⁹⁰, em 1967, a propaganda da mesma bebida traz um desenho em que estão, em primeiro plano, casais felizes e sorridentes conversando em mesas de bar (não há aqui nenhuma mulher sozinha)¹⁹¹. Já na publicidade ao lado, podemos observar aspectos da profissionalização dos bares. O bar e



Fig. 8: Anúncio Corujão Center. Jornal O Estado, 1968.

restaurante Corujão Center exibia aos seus clientes um ambiente agradável (leia-se asséptico) e familiar (leia-se disciplinado), por isso, a presença de mulheres desacompanhadas era proibida. Esta permissão poderia causar má impressão entre as camadas médias para as quais o estabelecimento estava voltado, associando o local à prostituição – e esta imagem seu proprietário não desejava passar.

As razões para o programa ter saído do ar em 1966 permaneceram obscuras na pesquisa. Nada foi encontrado sobre isso nos documentos pesquisados nem nos depoimentos colhidos. Um esgotamento da antiga cultura de bar processou-se na cidade e a própria emergência do Bar da Noite pode ser entendida como parte deste processo. O fato é que não apenas o bar da ficção deixou de existir, como muitos outros estabelecimentos reais fecharam suas portas ou tiveram que se adaptar às inúmeras mudanças ocorridas na cidade e nos costumes e gostos de seus habitantes. O pulsar da vida noturna foi aos poucos se distanciando do antigo circuito masculinizado que margeava a Praça XV. Novas territorialidades foram criadas e, junto a isto, novas formas de se relacionar com o tempo e com espaço urbano emergiram. O processo de modernização iniciado em Florianópolis na década de 50, e

¹⁹⁰ Revista Bússola. N.º 2 ano 1. Florianópolis, jan/fev de 1952.

¹⁹¹ Jornal O Estado. Florianópolis: 22/11/1967. P. 3.

acentuado a partir da segunda metade da década de 60, normatizou outras práticas de diversões noturnas, implicando em novos usos do espaço urbano e do tempo noturno.

3. 3 – O Moderno, a classe média e a noite

Estudos de diversos historiadores apontam a década de 50 do século XX como um marco divisor para as camadas médias brasileiras. Com o crescimento de uma indústria nacional voltada para bens de produção a procura de mão-de-obra cresceu assustadoramente, proporcionando um aumento expressivo das camadas médias: assalariados e consumidores. Associado a isto, ocorreu paulatinamente nesta década uma mecanização das atividades agrícolas e um ostensivo êxodo rural, fazendo das cidades verdadeiros pólos atrativos à população rural que se viu expulsa do campo. Assim, as camadas médias tornaram-se significativas nos grandes centros urbanos, contribuindo para o consumo desses bens produzidos pela indústria e estimulando a produção nacional.¹⁹²

A grosso modo, esse movimento explica o crescimento urbano no Brasil na segunda metade do século XX e, em certa instância, serve para explicar determinadas transformações ocorridas em Florianópolis. No entanto, o modelo deve ser ajustável a realidade local. Diferentemente das grandes cidades brasileiras Florianópolis não contava com indústrias de grande porte, nem com um comércio significativo. A função portuária, que se desenvolvera no início do século, estava nos anos 50 em plena decadência, além disso, sua população era a menor entre as capitais brasileiras, contando com cerca de 67 mil habitantes¹⁹³. Ainda lhe restava a função administrativa do Estado, mas mesmo esta era questionada, pois já que a cidade nada produzia, não era justo que recebesse as benesses por ser uma capital.

De acordo com Reinaldo Lohn, o final da década de 50 foi para a cidade o momento de sua afirmação como capital. Acompanhando a política nacional desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, “a época parecia inspirar certas exaltações ao progresso e ao desenvolvimento e indicava para Florianópolis que, mais do que em qualquer outro momento, a fórmula para o futuro seria o turismo”¹⁹⁴. A sua condição de Capital confiava à Florianópolis a função de vitrine de Santa Catarina. Portanto, a cidade teria que ser modernizada para estar a altura de um estado que se dizia moderno, e a falta de indústrias – carro-chefe da política desenvolvimentista – veio a ser

¹⁹² FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. **“Liberdade é uma calça velha azul e desbotada”**. Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954 – 1964). São Paulo: Hucitec, 1998.

¹⁹³ MICELI, Sérgio. *Anos de Transição – as capitais brasileiras*. In.: **Coleção Nosso Século – 1930/1945**. São Paulo: Abril Cultural, 1980

¹⁹⁴ LOHN, Reinaldo. Op.Cit. p. 256.

contornada mais tarde através do incentivo ao turismo, que crescia como alternativa de lazer em todo o mundo, sendo o grande filão do “mercado do tempo livre” que despontava no Brasil daquela época.

No entanto, a implementação do turismo não se deu de uma hora para outra e muito menos sem conflitos. Como já foi dito anteriormente, o futuro da cidade “tornou-se uma forma de intervenção política”¹⁹⁵. Assim, existiam os que vislumbravam um futuro para Florianópolis sem a exploração turística de seus recursos naturais – como é o caso dos idealizadores do Plano Diretor de 1952 – e os que pretendiam que a cidade exercesse sua “vocação turística” – como é o caso dos governos municipal de Osmar Cunha (1955) e estadual de Celso Ramos (1961), que incentivaram de todas as formas o turismo. Para essa empreitada se tornar real observamos, primeiramente, a configuração de um discurso sobre o “atraso” de Florianópolis por parte de políticos e intelectuais. Simultâneo a isso, vemos a construção de uma imagem gloriosa do futuro da capital, marcado pelo potencial que a cidade teria se desenvolvesse o turismo. Era comum ver circular na imprensa do período textos como este:

Difícilmente se encontrará, em toda vasta orla atlântica do Brasil, maior e mais serena beleza que a da Ilha de Santa Catarina. Suas praias, a amenidade do clima, o passado histórico, o equilíbrio da classe média, são condições que tornam nossa capital de possível atração turística (...). É certo que necessitamos da ampliação da indústria hoteleira, de melhor calçamento, de um centro noturno de atração. Como as coisas estão, é que não é possível pensar em turismo. O turista virá a Florianópolis para se irritar...¹⁹⁶

Como vemos na crítica acima, o jornal *O Estado* transformou-se num instrumento fundamental para a construção da “vocação” turística da Capital. No entanto, o estímulo ao turismo exigia uma série de melhoramentos que deviam partir de órgãos públicos como também privados, tais como a construção de estradas, a ampliação da rede hoteleira e, principalmente, a constituição de um centro noturno de atração. Diante dessa colocação – e como esta houve muitas outras – surge o seguinte questionamento: será que esse centro noturno de atração já não estava constituído na região central de Florianópolis, bem representado pela “Felipe Schmidt, a rua dos cafés e confeitarias (...) dos *footings* e das conversas fiadas”¹⁹⁷, que juntamente com as ruas próximas propiciava um roteiro de divertimentos noturnos?

Não temos uma resposta absoluta a esta pergunta. No entanto, através de uma análise diacronica da imprensa local vê-se crescer, a partir do final da década de 60, o número de crônicas que remetiam aos problemas da

¹⁹⁵ Idem, 238.

¹⁹⁶ **O Estado**. Florianópolis, 29/03/56. p. 5. [grifo meu]

¹⁹⁷ SILVA, Osmar. “Florianópolis em branco e preto”. In.: **Coquetel de Crônicas**. Florianópolis: ed. do autor, 1962. p. 25.

vida noturna da cidade, seja por sua precariedade, seja pela sua falta. Assim, podemos supor que as essas opções existentes na região central foram se tornando insuficientes para a cidade que se pretendia.

Para esta futura Florianópolis turística o Centro já não era a região mais importante, mas sim os bairros que fossem atrativos aos turistas, neste caso os que tivessem praias ou outra exuberância oferecida pela natureza. Neste momento o processo de “cercamento” e de apropriação privada das terras comunais do interior da ilha, que havia começado por volta da década de 30, entrava numa nova fase: a introdução de equipamentos urbanos em áreas que até então não eram urbanizadas como estradas calçadas, luz elétrica, loteamentos de luxo, restaurantes, hotéis, bares, supermercados, entre outros. Tal apropriação além de incrementar a especulação imobiliária, contribuindo para o aumento do número de empresas que agenciavam a compra e a venda contratual e legal dos terrenos, acabou por expulsar a antiga população que habitava esses espaços. Se antes o modo de vida associado a estas regiões era rural e costumeiro, caracterizado relações informais entre as pessoas e por um modo de produção voltado à subsistência, como plantações de pequenas roças, criação de gado solto nas pastagens e a pesca artesanal, com a implantação dessas mudanças que visavam o desenvolvimento do turismo, um novo modo de vida capitalista e urbano foi gradativamente sendo imposto, o que resultou numa mudança de costumes da população local. Com isto esta população “não só não se utilizou mais do campo, como teve que sair (...), passando a exercer, principalmente os mais jovens, trabalhos nas áreas urbanas da capital. Enfim, sumiram os engenhos, a produção agrícola, a criação comunal”.¹⁹⁸

Ao contrário do 1º Plano Diretor Municipal – que previa que a região central fosse um ponto de convergência de diversas atividades humanas, como as propiciadas pela universidade, pelo centro cívico, pelos centros culturais e comerciais e pela reunião dos locais de diversões e espetáculos¹⁹⁹ – o projeto turístico, que foi tornando-se real principalmente a partir do governo estadual de Celso Ramos, em 1961, previa a descentralização dessas atividades. Assim, o Centro foi aos poucos deixando de ser o ponto de sociabilidade noturna de Florianópolis. A construção da Universidade Federal de Santa Catarina, que teve seu *campus* instalado no bairro da Trindade em 1961²⁰⁰ pode ser entendida como um marco nesse processo de descentralização. Após a instalação da

¹⁹⁸ CAMPOS, Nazareno José de. **Terras Comunais na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: FCC/UFSC, 1991. De acordo com este autor, algumas pessoas ligadas ao poder político local foram as principais responsáveis por esse processo de apropriação e implementação de novos usos às terras comunais. O político e empresário Aderbal Ramos da Silva foi um dos que lucrou com isto, comprando grande parte dos terrenos da praia de Jurerê a preços baixos e se apropriando de outros, junto da praia. Mais tarde, em 1957, criou Jurerê Imobiliária, que loteou e revendeu os terrenos, fazendo daquela região um condomínio de luxo.

¹⁹⁹ Plano Diretor de Florianópolis. Op. Cit. p. 16 e 23.

²⁰⁰ Embora a inauguração da cidade universitária tenha se dado apenas em 1961, a lei que sancionou sua localização data de 1954 e foi assinada pelo então governador Irineu Bornhausen, indo de encontro a idéia

UFSC numa região onde antes havia uma chácara, vê-se o gradativo desenvolvimento urbano dessa área estimulado pela a construção civil, pelo comércio e até pela cosmopolitização daquela zona, já que muitos estudantes e professores que vinham de outras cidades preferiam morar nas redondezas da universidade²⁰¹.

Mais tarde, em 1975, aquela região veio a se desenvolver ainda mais com a instalação das Centrais Elétricas do Sul do País, a ELETROSUL. Junto a esta empresa foram construídos alguns condomínios de classe-média alta para atender aos funcionários que vinham transferidos de outras cidades e estados e aquele espaço, que até então era habitado por uma população antiga, de poucas posses e ligada a um modo de vida rural, tornou-se urbanizada e foi transformada em área nobre. Segundo Silvia Lenzi, ex-diretora do IPUF, a introdução na cidade de um grande número de pessoas vindas de fora e com alto poder aquisitivo inflacionou o mercado imobiliário e o comércio da região. Além disso, ela ainda afirma que esses novos moradores, mais de 3000 funcionários com nível superior e que recebiam bons salários se comparado a média salarial local, imprimiram uma “nova mentalidade à cidade, talvez mais empreendedora”. Sua análise deste processo se dá da seguinte maneira: “o pessoal que vem de fora fica meio deslumbrado com a beleza da paisagem e a sensação que se tem é que houve um despertar, mais estimulado por essa gente, em aproveitar esse potencial para o turismo, em proporção maior do que a do próprio pessoal da ilha”²⁰²

Florianópolis foi então aos poucos se modernizando e alastrando sua urbanização em direção ao interior da Ilha, principalmente rumo à região norte. Assim, vemos ainda na década de 60 um cenário marcado pela coexistência de elementos da cultura tradicional – pejorativamente chamada de provinciana, responsável pelo atraso da cidade – juntamente com elementos modernizantes, como a presença de arranha-céus, a popularização do automóvel, o movimento constante na Rua Felipe Schmidt, a televisão, etc. Segundo estudos de Nereu do Vale Pereira, a partir de 1962 a indústria da construção civil cresce assustadoramente com uma tendência a “destruir o velho para construir o novo”²⁰³. De modo geral, a imprensa do período via esse “bota abaixo” com bons olhos, pois não era simplesmente a destruição da antiga cidade que se processava, mas sim o erguimento de uma nova Florianópolis. Em 1958, em ocasião da demolição do Café e Bar Gato Preto²⁰⁴, localizado na Praça XV de

proposta pelo Plano Diretor de 1952, que previa sua localização no centro de Florianópolis. Cf.: FONTES, Henrique da Silva. **Pensamentos, palavras e obras**: 2º Caderno da Cidade Universitária. Florianópolis: Ed. do Autor, 1962. P. 14.

²⁰¹ Nereu do Vale Pereira aponta para um crescimento de 82% da população no bairro da Trindade entre os anos de 1966 e 1968. PEREIRA, Nereu. Op. Cit. p. 105.

²⁰² Silvia Lenzi. Entrevista concedida a Glauco Carneiro. In.: CARNEIRO, Glauco. **Florianópolis: Roteiro da Ilha Encantada**. Florianópolis: Expressão, 1987. P. 203.

²⁰³ PEREIRA, Nereu. Op. Cit. p. 79.

²⁰⁴ Salim Miguel conta que nos anos em que o Grupo Sul se formava, ou seja, final da década de 40, o Gato Preto, juntamente com o Poema Bar e o Miramar eram locais onde “passavam suas horas” e “emendavam a

Novembro e que na década de 40 era ponto de encontro de intelectuais e políticos locais, Osvaldo Melo publicou em todo o espaço de sua coluna um texto entusiasmado, comentando e glorificando o fato. Segundo ele:

“Gato Preto no chão: Mostra a antiga Desterro”

As picaretas do DOP fizeram o serviço rápido. Puseram no chão o Gato Preto. (...) Agora naquele vasto espaço vazio o panorama modificou-se inteiramente. É completamente outro panorama mostrando-nos a velharia da Antiga Desterro (...). Horríveis janelinhas sem vidros, sobrado à Dom João VI, telhados estragados, de bicas, ainda do tempo de quando por ali, mais abaixo, existia a velha cadeia.. (...) Um atestado deprimente para o atraso da Capital.

A Prefeitura Municipal poderia em tal situação tomar medidas severas no sentido de fazer vir abaixo aquela velharia, que ainda continua a entravar o progresso urbanístico da cidade, mantendo-se de pé, exatamente, quanto tudo se procura fazer para modernizar Florianópolis.

Agora, com o “Gato” demolido e as obras que estão sendo executadas para dar outro aspecto à Praça, aquela coisa horrível e horripilante tem de desaparecer. Não é mais possível a continuação daqueles monstros enfeando a capital. Não é mais possível que aqueles pardieiros continuem a escarnecer do progresso, resistindo-o ferozmente e dando mostra do carrancismo e teimosia daqueles que nada, absolutamente nada, querem com o surto progressista da Capital. Em todos os seus setores...²⁰⁵

A associação da persistência de determinadas práticas noturnas, assim como de alguns espaços de sociabilidades, com o atraso e o enfeamento da capital era latente. Além da demolição do Gato Preto, tal ânsia que permitiu a construção de prédios de maiores gabaritos destruiu outros locais de sociabilidades noturnas existentes no centro, como o Rosa Bar, em 1962, e mais tarde, em 1974, o prédio do Trapiche Municipal, onde funcionava o Bar Miramar. Porém, esta prática de demolir o “velho”, que ainda não tinha recebido o *status* de patrimônio histórico, era quase sempre bem-vinda pela imprensa, em especial por Osvaldo Melo que, orgulhoso, anunciava a construção de mais um arranha-céu na cidade:

Banco Nacional de Minas Gerais – mais outro grande estabelecimento bancário funcionará na praça de Florianópolis: O Banco Nacional de Minas Gerais, este com instalações modernas onde antes funcionava o Rosa Bar, na Praça XV. (...)

Como se vê, Florianópolis está atraindo cada vez mais essas importantes organizações bancárias como índice do nosso progresso comercial e industrial. (...) E tudo isso é progresso a vista, não há dúvida...²⁰⁶

noite com o amanhecer”. In.: BORTOLINI, Nancy Therezinha (org.). **Museu de Arte de Santa Catarina**. Biografia de um museu. Itajaí: UNIVALI: Florianópolis, : FCC, 2002 p. 18.

²⁰⁵ MELO, Osvaldo. “Gato Preto no Chão mostra a antiga Desterro”. In.: **Jornal O Estado**. Florianópolis. 05/06/1958. p. 2.

²⁰⁶ MELO, Osvaldo. Coluna Nossa Capital. In.: **O Estado**. Florianópolis, 16/05/1962. P. 2

Dois anos antes, quando a loteria “Talão do Milhão” era moda na cidade, Osvaldo Melo era enfático ao afirmar que caso fosse ele o sorteado “compraria o Miramar e derrubava!”²⁰⁷. A perseguição do cronista contra alguns prédios antigos da cidade era tamanha – destacam-se aqui os edifícios onde antes funcionavam bares – que em outro momento Osvaldo Melo publica o seguinte apelo em sua coluna: Eis o nosso renovado apelo:



Fig. 9. Fachada do Trapiche Municipal, em 1968. Aqui funcionava o Bar Miramar. Este prédio, construído em 1924 foi demolido em 1974.

Também o velho casario que na mesma Praça nos dá notícia picareta, a fim de que se aproveite tornando mais decente e artístico o local para apresentação de uma linda edificação, que tire dali aquela velharia irritante e feíssima. E, afinal, o Miramar... O que vale é que eu vou ganhar o Milhão e então vocês vão ver quanto vale de verdade o talão.²⁰⁸

Além de gerir inúmeras transformações urbanas, a década de 60 também foi cenário da instalação de um mercado de bens culturais que seria consolidado na década seguinte²⁰⁹. Segundo Reinaldo Lohn, a instalação deste novo mercado em Florianópolis deveu-se principalmente pelo poder de compra das camadas médias, que entre o prestígio da antiga ordem tradicional e o prestígio da ascensão social, optaram pelo segundo, fortalecendo sobremaneira o mercado consumidor de

bens culturais, entre os quais se destacavam os produtos advindos das indústrias da diversão e do lazer. Este comportamento urbano da classe média sugeria também novas formas de morar, nas quais tornou-se *status* viver em apartamento; novas formas de consumir, nas quais a compra de eletrodomésticos e automóveis estavam na ordem do dia; e acima de tudo, novas maneiras de se relacionar com a noite. Neste ponto, é possível

²⁰⁷ MELO, Osvaldo. “Talão do milhão”. In.: **O Estado**. Florianópolis, 01/06/1960. P. 2

²⁰⁸ MELO, Osvaldo. **O Estado**. Florianópolis, 07/06/1960. P. 2

²⁰⁹ ORTIZ, Renato. Op. Cit. p. 16.

perceber algumas das razões pelas quais as atividades oferecidas pelos clubes sociais, assim como os encontros no Piano-bar do Querência Hotel, já fora de moda no final da década de 60, tornaram-se insuficientes à classe média e alta. Além disso, vê-se que a antiga boemia andarilha dos seresteiros perdia o sentido, pois ir de um lugar ao outro com o automóvel havia se tornado mais viável. Os antigos bares que ainda sobreviviam estavam estigmatizados, e a seresta tornou-se dificultada pela altura dos edifícios e pelo desinteresse da população pela música acústica tocada ao vivo, provocado pela popularização dos aparelhos de som domésticos. Assim, a prática da seresta, tão comum na década de 50, vai sendo esquecida e até inviabilizada. Seu Maneca, músico que atualmente tem 68 anos e que se auto-intitula boêmio desde seus tempos de juventude, vê tais transformações com certa melancolia e tristeza. Segundo ele, a tecnologia e o progresso foram os grandes responsáveis pelo declínio da seresta,

porque aí começaram a aparecer os tocas-fitas *hi-fi*, e a tecnologia perfeita foi aperfeiçoando a música, e não dá pra competir né? A gente sabe disso. O progresso tá aí, não adianta a gente querer fugir, por mais que a gente goste [de fazer seresta], realmente fica difícil. E aí vai acabando, até que quem sabe um dia a gente renasça das cinzas (risos). Pra fazer seresta tem que ter lua, e não se vê mais nem a lua com a claridade aí dos holofotes, fica difícil.²¹⁰

A popularização do uso de automóveis, juntamente com a construção de estradas para o interior da ilha, foi um dos pontos fundamentais para a mudança da “cultura de bar” em Florianópolis. Com carro era possível ir mais longe e fugir da “mesmice” do centro. Em outro depoimento colhido para a feitura deste trabalho, a entrevistada de 69 anos, Preta Severo, conta que as pessoas da turma com quem saía possuíam automóveis e por isso não precisavam ficar nos bares do centro. Segundo ela, na década de 70:

Nós fomos os desbravadores dos bares da Joaquina! É, naquela época não havia praticamente nada lá, só tinha um barracão, na beira da praia, onde hoje é o Cris Hotel. Tinha uma geladeira, onde eles vinham buscar uma barra de gelo, assim, botavam embrulhada num cepilho para permanecer tudo gelado. Então, a gente chegava lá, tinha um garçom, daí a gente dizia: ‘escuta, vamos comê peixe frito?’, então ele dizia: vocês tomam conta do bar, eu vou pescar. Aí a gente ficava ali tomando cachaça, ele pegava a rede, ia no costão, voltava, trazia o peixe, limpava ali mesmo, a gente arrumava, comia ali mesmo, depois tocava música, cantava. Dependendo do clima e de quem tava por ali.²¹¹

O uso intenso do automóvel exigia mudanças nas estradas e ruas da cidade, que continuavam com a estrutura colonial. “A consequência do crescimento é o trânsito”, diz um cronista do jornal *O Estado*, e “suas mil e

²¹⁰ Manoel Joaquim da Costa (Seu Maneca). Entrevista concedida à autora em 02/05/2001.

²¹¹ Preta Severo. Entrevista cedida a autora em 15/04/01. Joaquina é uma praia que fica aproximadamente a 20 km do Centro de Florianópolis. Na década de 70 ela passou a ser freqüentada por surfistas e em 80 se transformou numa praia internacionalmente conhecida graças aos campeonatos de surf existentes lá.

uma dificuldades”²¹². Assim, os acidentes eram corriqueiros e as reclamações praticamente diárias. As medidas provisórias para melhorar a situação se tornavam insuficientes diante do grande número de automóveis que circulava pela cidade, além disso a antiga ponte Hercílio Luz já não suportava mais o tráfego de 16 mil carros por dia²¹³, e já se começava a reclamar a construção de uma nova ponte e de um novo sistema viário. Em breve, Florianópolis iria ganhar a avenida Beira Mar Norte (1972) que ligaria o Centro aos bairros do norte da cidade, um aterro de 600 mil metros quadrados, que serviria de ligação direta entre a Beira Mar e o Centro(1974) e, enfim, uma nova ponte, a Colombo Salles (1975), que iria melhorar a ligação entre a ilha ao continente e à BR-101.

Essa cultura do automóvel impingiu uma nova maneira de se relacionar com o espaço urbano proporcionando novos usos do tempo. Na medida em que a cidade se voltava para atender às necessidades advindas do automóvel, as atividades pedestres sofreram uma redução e, as sociabilidades que antes ocorriam nesses espaços também entraram em decadência. Ao mesmo tempo, a “liberdade” e a velocidade propiciada por essas máquinas pareciam propostas mais interessantes na sociedade do “tempo é dinheiro”, na qual as lentidões passaram a ser oprimidas e desqualificadas. Cada vez mais, a rua tornou-se um espaço do automóvel e a vida

²¹² “Nós e o trânsito”. **O Estado**. Florianópolis, 22/12/65 p 4.

²¹³ “Os problemas urbanos”. **O Estado**. Florianópolis, 09/01/70 P. 4

social que antes ocorria nas ruas, gradativamente foi sendo transferida para espaços fechados. Assim, a prática dos antigos boêmios de caminhar pelas ruas da cidade cantando à lua perde o sentido e o antigo *footing* é substituído pelo passeio de carro.

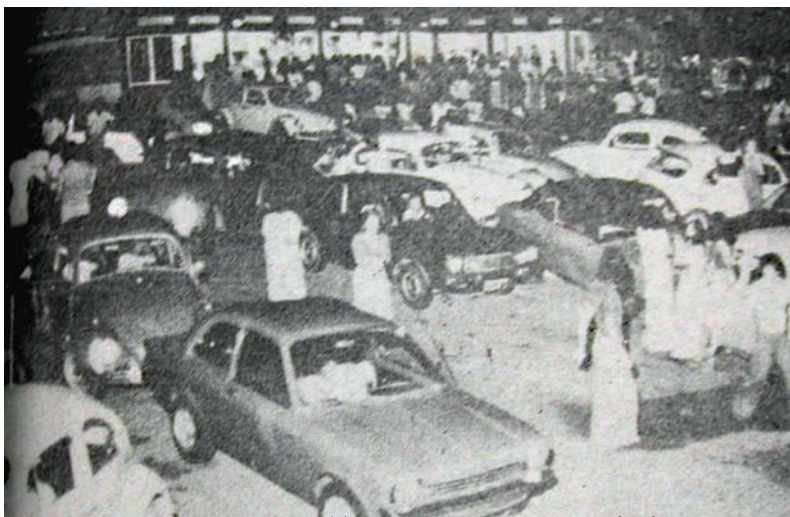


Fig. 10. Estacionamento do BarTritão. Jornal O Estado, 19/01/1975.

Ao lado vemos o estacionamento de um famoso bar da década de 70, o Tritão, que agregava grande parte da juventude de Florianópolis. Já no início dos anos 70 os principais pontos de encontros da juventude não estavam mais localizados nos arredores da Praça XV, este bar por exemplo, localizava-se em Coqueiros, parte continental da cidade, o que obrigava aos frequentadores que morassem na Ilha, o uso do automóvel.

Na foto é possível observar a grande quantidade de veículos estacionados, fazendo do próprio estacionamento um local de sociabilidade noturna

Essa nova “engenharia dos fluxos”²¹⁴ na qual a tecnologia e a velocidade são fundamentais, é percebida e descrita por um cronista local, que em 1968, publica “Atribulações de um motorizado”, crônica que fala da nova forma de se relacionar com a cidade. Reparem que o percurso percorrido aqui de automóvel era o mesmo que antes se fazia à pé, nos *footings* ou nos circuito de bares. No entanto, a prática da “paquera”, que se diferencia do antigo *footing*, está submetida a outras regras, distintas do lento caminhar intercalado por pausas e conversas em confeitarias, bares e cafés:

Arrancou em primeira, do seu pacato mundo para um outro, explosivo, sobre quatro rodas. O modesto fusca sempre dava conta do recado, enguiçava poucas vezes e servia muito. É verdade que não impressionava na hora da ‘paquera’ pois as gatas preferem os *Karman-Ghias*, *Interlagos*, *Galaxie* e pés de borracha do gênero, muito mais esnobes e chamativos. (...) Por causa deste *handicap* a favorecer os inimigos tinha de caprichar no aperfeiçoamento da técnica, sempre cultivada, mas nunca assaz bem explorada da paquera em alto estilo. O macete arranjado, além do charminho pessoal baseado nas roupas moderninhas, nem sempre vista pelos objetivos, foi uma buzina estilizada, rouca e excêntrica que funcionava como infalível chamariz de broto (...).

²¹⁴ SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**. No loop da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 62.

Todas as suas conquistas, as perenes e as fugazes, haviam começado invariavelmente assim: a buzina, o olhar, o flerte, o sinal aberto, a cantada irresistível, até a vitória final. (...).

Naquele dia, com o melhor dos panos no couro, topete e demais acessórios em forma, saiu a paquerar feliz da vida, ouvindo Mirian Makiba cantar ‘Pata pata’ no transistorizado. Desceu a Praça XV em banho-maria, engrenando uma branda segundinha, sem se esquecer de acertar o relógio ao passar pela catedral: 5 da tarde, bem a hora de assestar a espingarda e começar a caçada. Sinal para a direita, indicando que vai entrar na Felipe Schmidt, a nossa cosmopolita *Carnaby Street*. (..)

Dá uma espiadela no panorama e, nem sombra do ‘demo’ da minissaia. Arrisca a Conselheiro Mafra. Nas imediações com o Mercado, onde a ‘Conselheiro’ ainda é estreita, um Fenemê descarrega ananazes. Buzinas mil (...) ²¹⁵

É de um novo mundo, ou de uma nova forma de se relacionar com o mundo, que a crônica acima trata.

Florianópolis entrava, definitivamente, no ritmo de otimização e aceleração do tempo, no qual os “mecanismos de velocidade” interfeririam de maneira decisiva nas relações sociais. Trata-se da substituição do *footing* pela paquera; da troca da lentidão, no primeiro caso, pela aceleração promovida pela máquina, no segundo. Mas diz respeito, principalmente, ao “arrancar” de um mundo para outro, ou seja, a produção de uma nova subjetividade imbricada na introdução de novos equipamentos objetivos, como carros, auto-estradas, aparelhos de som mais potentes, etc. O problema da produção de uma nova subjetividade que correspondesse ao momento histórico vivido era constantemente percebido pelos cronistas. Em um texto publicado em 1962, Osmar Silva, refletia sobre a moda da paquera, ou o *flirt*, que se tornava popular entre os jovens de Florianópolis na década de 60. Segundo ele, tal prática subverteu o amor, pois se antes, com o namoro, “a jovem namorava um só rapaz como prova de sua sinceridade e constância”, com a paquera “[ela] passou a flertar a torto e a direito, por ser o bom tom social” ²¹⁶, tornando as relações afetivas mais efêmeras e inconstantes.

Com o crescimento de uma classe média trabalhadora vemos surgir, em fins da década de 60, itinerários de coisas para se fazer na cidade que estão para além do tempo de trabalho. Este crescimento inseria-se na problemática do tempo livre e do lazer ²¹⁷, na qual uma série de discursos institucionais, políticos e sociológicos, exaltavam a

²¹⁵ . RAMOS, Sérgio da Costa. “*Atribulações de um motorizado*”. In.: Caderno 2. **O Estado**. Florianópolis, 07/01/1968. p.4.

²¹⁶ SILVA, Osmar. “Namoro na Janela”. In.: **Coquetel de Crônicas**. Florianópolis: edição do autor, 1962. P. 75.

²¹⁷ São importantes as discussões acerca do tempo livre e do lazer trazidas por Joffre Dumazedier. Segundo este autor, o tempo ipsativo seria um momento de libertação para o trabalhador, tempo em que ele escaparia das “determinações de outros tempos sociais, do trabalho, das obrigações familiares e dos compromissos sociais voluntários (...) um tempo que não é somente do dinheiro”. No entanto, esta visão sofre duras críticas de Jean Baudrillard. Para ele o tempo livre não é outra coisa senão um tempo de consumo. Para Denise Santa’Anna, outra pesquisadora do tempo livre, o lazer foi uma forma de disciplinar o tempo de não trabalho, tornando-o produtivo, pois o corpo descansado mostra-se mais produtivo para o trabalho. VER.: DUMAZEDIER, Joffre. **A Revolução Cultural do Tempo Livre**. São Paulo: Studio Nobel/Sesc, 1994. P.

importância do aspecto lúdico e do “cuidado de si” através do emprego produtivo deste tempo, quase que considerado “excedente” pela sociedade do trabalho. As discussões mais aprofundadas sobre o lazer datavam da segunda metade do século XIX. Tais debates se davam entre personalidades do meio intelectual, sobretudo filantropos, humanistas e religiosos, que tinham como meta a moralização deste tempo e que para isto, propunham atividades com intuito de vigiá-lo, controlá-lo e medicalizá-lo. Em muitos países da Europa, estudiosos dedicaram-se à investigação científica e à produção de um discurso que visava controlar este tempo e logo surgiram as clivagens entre o que era considerado lazer e o que era considerado ócio. O Lazer racional deveria ser enriquecedor para a alma, como atividades de canto para as senhoras; a caça, muito difundida na Inglaterra entre jovens e homens de meia idade; as viagens de navio; entre outros divertimentos burgueses. Em contrapartida, a ida às tabernas, o combate entre animais, jogos de azar, atividades ligadas principalmente às camadas populares, passaram a ser consideradas sem finalidades morais e por isso pouco respeitáveis. O lazer popular era definido como sendo ocioso e o ócio começa a se configurar como um inimigo do espírito, que precisa ser modelado.

A partir da segunda metade do século XX, uma mudança em relação ao tempo livre se impunha. Gradativamente ele perdeu a sua função moralizante, passando a se transformar num tempo destinado principalmente ao consumo e à produção. Trata-se do modelo americano de lazer que após a Segunda Guerra se estabelece em todo mundo ocidental. Este novo lazer trouxe em seu bojo a idéia de “desejo de distração (*play*, *recreation*) traduzido no surto da diversão de massas, ligado ao novo poder das indústrias das férias”²¹⁸ Segundo Alain Corbin, foi a partir deste momento que a ideologia do lazer racional, proposta no século XIX, entrou em crise, dando lugar à indústria de diversão de massas.

Desta forma, os novos conteúdos de lazer estavam na ordem no dia nas décadas de 60 e 70 – esta não era uma particularidade de Florianópolis, estendia-se a todo o mundo capitalista – e assim vemos surgir diversas críticas a respeito da falta desses conteúdos na cidade. Além de se exigir do governo uma infra-estrutura para o lazer, exigia-se de empresários do tempo livre uma profissionalização das atividades que ofereciam. Neste sentido, é significativo o texto que o jornalista César Valente publicou no jornal *O Estado*, em 1975:

“As Grandes Lições (1): O Bar”

Há muitas maneiras de a gente se divertir nesta ilha de sol e mar. A natureza deixou muitas coisas sensacionais, algumas delas ainda aproveitáveis, já que não foram completamente destruídas pelo ‘novo homo economicus’ que andou loteando muita

49; BAUDRILLARD, **A Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995; & SANTA’ANNA, Denise. Op. cit.

²¹⁸ CORBIN, Alain. Op. Cit. p. 8

praia e muito bosque por aí. Bom, só falta mesmo nesta ilha é um barzinho. Não precisava ser um bar grande, mas teria que ser um grande bar (...)

ATENDIMENTO E O AMBIENTE: Teria que ser à moda da casa. Simples e direto (...) um ou dois garçons, boa gente, discretos, limpos e simpáticos. (...) O ambiente, ah, o ambiente é fundamental. Tem que ser quente, gostoso. Para isso não precisa ser a meia luz, obrigatoriamente, mas com luz forte fica bem mais difícil. Muita penumbra é estupidez. (...) E as mesas tem que ser do tamanho certo. Nem grandes nem pequenas. Devem ser suficientes para um casal ou para uma montoeira de amigos.

A música, sempre. Ela tem várias utilidades, a primeira, fundamental nesse tipo de barzinho é não permitir que a conversa de uma mesa seja ouvida facilmente em outra mesa. Mas as pessoas de uma mesma mesa devem poder conversar entre si sem gritar, a meia voz. (...) A música faz parte da decoração por isso é crime grave improvisar a seleção musical, ou improvisar em qualquer outra parte da decoração.

A BEBIDA E A COMIDA: O Chopp é fundamental, branco e preto. Tanto a Braham, quanto a Antartica-Polar dão cursos grátis de como tirar da melhor maneira um excelente chopp. Não custa contratar um barman que tenha feito esse curso. (...) Afinal, bar é antes de tudo, imagem, costume, prestígio, qualidade, coisas que as lanchonetes de fórmica não conhecem nem nunca saberão o que é. As comidinhas também são importantes. Tem que ter tudo o que seja possível em matéria de aperitivos. E sempre ser criativo.

ONDE? Esse barzinho deve ser fácil de encontrar e fácil para deixar o carro. E principalmente não precisa ter hora para fechar. (...)

Bar, como já se disse, é costume, hábito. E aqui em Florianópolis o pessoal não está habituado a ir em bater-papo num barzinho de chopp. Primeiro porque barzinho cheira a 'boate' ou uisqueria e não é nada disso. Depois porque tem medo de ser explorado. E finalmente, porque meninas de família não costumam ir a bares.

Mas tudo isso pode mudar se aparecer um empresário com visão suficiente e sensibilidade para a coisa. E se alguém for montar um barzinho desses, me avise.²¹⁹

Como vemos no texto acima, só a natureza da ilha era vista como insuficiente para a existência de uma vida noturna. Exigia-se a existência de uma estrutura mercadológica profissionalizada que pudesse oferecer conforto e privacidade às pessoas, a fim de distraí-las nas horas em que não estavam trabalhando. O jornalista, como em um texto prescritivo, orientava os empresários de como deveriam ser os estabelecimentos dos quais a cidade estava carente, indicando desde como precisava ser o ambiente, até o curso que os garçons deveriam fazer para tirar um bom chope e atender bem os clientes. O estabelecimento também deveria estar bem localizado, o que não significava necessariamente junto do Centro, pois os clientes iriam até o local de carro e, por isso, era preciso que o “barzinho” contasse também com estacionamento. Em um local como estes, em que casais e/ou amigos se sentiriam em casa, as moças de família poderiam ir sem medo de serem estigmatizadas, porque o “hábito”, o “costume” de ir a “barzinhos de chope” já começara a fazer parte da cultura noturna de Florianópolis.

Além de uma mudança de hábitos, outras mudanças urbanas ocorreram no sentido de deixar Florianópolis em uma capital mais moderna. Se na década de 60 vemos emergir uma prática discursiva que desqualificava

²¹⁹ VALENTE, César. “As grandes lições (1): o Bar”. In.: Jornal **O Estado**, 27/09/1975. P. 12

Florianópolis pelo seu “atraso” e “provincianismo”, nos anos 70, há uma inversão nesses discursos. Na medida em que a cidade começava a receber grandes obras como o aterro da Baía Sul, a ponte Colombo Salles, a Avenida Beira-Mar Norte e as ligações com os balneários²²⁰, a Capital catarinense passou a ser descrita por muitos cronistas como uma metrópole, chegando ao exagero ser comparada com Nova York, como no texto abaixo:

Broodway, Times Square, Via Veneto, Wall Street... logradouros, parques, ruas ou praças que a simples enunciação identificam, instantaneamente, as respectivas cidades. Assim também, apenas a menção “Rua FelipeSchmidt-Praça XV” faz lembrar, incontinente, a capital Barriga-Verde (...). Aí reside o centro vital, agitado, trepidante, nervoso, orgânico da cidade. “Felipe Schmidt-Praça XV: Capital de Florianópolis, e daí... capital de Santa Catarina (...) Engraxate, vendedor de loteria, Governador, jogador de futebol, funcionário público, homossexual, (...) senhoras contrárias à mini-saia e garota já passando na micro-saia; banca de revista e jornais “Armstrong conquista a Lua”, Biafra: “fome dizima milhares de inocentes”, são manchetes do dia (...) “Rua Felipe-Schmidt-Praça XV! ²²¹

Um outro elemento que veio colaborar para essa visão de modernização e sintonia para com os acontecimentos ocorridos no resto do mundo, foi a pavimentação da BR-101 em 1971, que contribuiu para quebrar do isolamento da cidade em relação ao resto do território estadual e, principalmente, para o desenvolvimento do turismo. Essas mudanças, que em grande parte ocorreram devido ao “Projeto Catarinense de Desenvolvimento”²²², criado pelo governador Colombo Salles em 1971, logo se tornaram tema das crônicas jornalísticas. Fazendo um balanço da década de 60, o cronista Paulo da Costa Ramos lembrou-se de comentar acerca do progresso ocorrido naquela década. Segundo ele, entre os fatores dessa evolução estavam as melhorias ocorridas na polêmica BR-101. Assim, comentava:

a vida ficou fácil, isto tem que ser ouvido. (...) Mas que beleza – pensar que o progresso está tão a nossa mão, que só a esculhambação nos impede de colhê-lo. Para os que não tem fé, relembro apenas um fato: antigamente era ato de coragem viajar até Tijucas; tinha gente que ia à pé, para não estragar seu carro. Hoje é aquela moleza, o asfalto uma beleza, cheiro de posto Esso: é ou não é progresso?²²³

Tais reformas estavam dentro de uma política de fortalecimento da Capital do Estado e pretendiam tirá-la da sombra do provincianismo e do desmerecimento da sua condição de sede do governo estadual. Para isso, o envolvimento do governo federal foi fundamental, criando várias instituições que facilitavam o financiamento de

²²⁰ VAZ, Nelson Popini. Op. Cit. P. 51.

²²¹ **Revista Catarinense dos Municípios**. Nº 38, Março de 1975. P. 64.

²²² SALLES, Colombo M. Mensagem à Assembléia Legislativa – “Projeto Catarinense de Desenvolvimento”, 1971. Apud. OLEIAS, Valmir José. **O Lazer no Aterro da Baía Sul em Florianópolis**: O abandono de um grande projeto. Florianópolis: UFSC, 1994. Dissertação de Mestrado em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. p. 64.

²²³ RAMOS, Paulo da Costa. “60-70”.In.: **O Estado**. Florianópolis, 01/01/1970. P. 4

obras, entre as quais destaca-se o FINEP, órgão financiador da construção da segunda ponte. Foi esta mesma política que criou nove regiões metropolitanas em capitais estaduais espalhadas por todo país. No entanto, por ser considerada ainda uma cidade pequena e que precisava se desenvolver, Florianópolis não foi contemplada com o título de metrópole e com os bônus que este título lhe daria. Isto impôs uma situação de inferioridade não apenas perante as capitais de estados vizinhos que foram transformadas em regiões metropolitanas - Porto Alegre e Curitiba - mas também perante o resto do estado. A imagem de Florianópolis, como uma capital periférica e incapaz de integrar os interesses do Estado, saltava aos olhos. Segundo Maria Bernardete Ramos, neste momento houve um “empenho por parte das elites para a modernização do lugar e foram várias as estratégias e tentativas de reforma, valorizando o novo, o emergente e tornando o velho superado e antiquado.”²²⁴ Entre essas estratégias, estava o “Plano de Desenvolvimento da Grande Florianópolis”, elaborado pelo ESPLAN (Escritório Catarinense de Planejamento Integrado), em 1968. Dos vários objetivos apresentados neste plano, destaca-se a intenção de afirmar e fortalecer Florianópolis como capital, integrando-a com o resto do Estado:

Nosso grande objetivo é a integração do Estado de Santa Catarina, através do fortalecimento da região da Grande Florianópolis (...) Nossos estudos são de âmbito estadual, porque estaduais são nossos objetivos. Estamos certos, porém, de que será indireta a forma de integração do Estado. Há que se promover as condições básicas indispensáveis à criação do polo estadual de atração e esse polo, no nosso entender deverá ser logicamente a Capital catarinense.²²⁵

Neste contexto, a criação da micro-região da Grande Florianópolis serviria como possibilidade para a instalação de uma futura região metropolitana, o que significaria mais verba federal na região. Como podemos observar acima, o que estava sendo colocado em jogo era a imagem de Santa Catarina: “Além das funções institucionais de Capital, ela deve exercer as funções de centro de irradiação de uma imagem nova de renovação da sociedade catarinense”²²⁶. Os engenheiros da Esplan acreditavam que o fortalecimento da capital só seria possível através da criação da micro-região, o que propiciaria a integração do Estado:

Nosso grande objetivo é a integração do Estado de Santa Catarina, separado, por uma série de fatores econômicos, sociais, políticos e geográficos, muitas vezes estimulados e, mesmo, criados artificialmente em diversos e vigorosos núcleos, gravitando em

²²⁴ FLORES, Maria Bernardete Ramos. **A Farra do Boi**: palavras, sentidos e ficções. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. P. 66.

²²⁵ Plano de Desenvolvimento da Grande Florianópolis. ESPLAN, 1968. P. 17.

²²⁶ Idem. Parágrafo 3.1.

torno de pólos de atração dos vizinhos estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Nossos estudos são de âmbito estadual, porque estaduais são nossos objetivos. Estamos certos, porém, de que será de indireta a forma de integração do Estado. Há que se promover as condições básicas indispensáveis à criação de um pólo estadual de atração e esse pólo, no nosso entender, principalmente pela importância estratégica (...) deverá ser logicamente a Capital catarinense²²⁷.

Como podemos ver acima, afirmava-se definitivamente Florianópolis como capital do Estado, desaparecendo as críticas à “cidade-província”. Não seria apenas centro político de Santa Catarina, mas serviria de vitrine para esse estado que se propõe moderno. E, de acordo com o que foi visto até aqui, essa mesma perspectiva também aparece na imprensa. A partir dela, Florianópolis passou a ser mostrada como uma capital em transformação, rumo à urbanização metropolitana. Neste sentido, a matéria de capa do jornal *O Estado*, intitulada “Visão do passado” comenta os prós e os contras de tal processo:

O progresso que muda a paisagem – Florianópolis ganha aspecto de grande centro urbano, mas pode perder muito do seu encanto e do seu bucolismo atribuídos, que sempre a fizeram atraente aos olhos dos turistas. Não só de praias vivia a fama de Florianópolis, mas também de sua imagem singular de cidade: onde o passado de província se mescla com o futuro de metrópole. E não há quem não ache no progresso a face cruel do futuro.”²²⁸

Entre as décadas de 60 e 80 a população florianopolitana cresceu vertiginosamente²²⁹ e, como já foi dito anteriormente, este aumento deveu-se principalmente ao número de pessoas que vieram de cidades consideradas mais modernas – como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre – passando a habitar a capital dos catarinenses e trazendo novos costumes à cidade. Junto a isto, uma nova técnica que aterrava o mar, que rasgava estradas e as pavimentava com asfalto, propiciava a velocidade e estimulava a aceleração das relações sociais. Nesta nova cidade foram criados novos espaços para o divertimento. A partir da década de 70, novos itinerários de coisas para se fazer na cidade durante o tempo de não-trabalho começavam a emergir, estando diretamente ligados aos recém instalados equipamentos urbanos. Com a popularização dos carros, a construção de estradas e a introdução da eletricidade no interior da ilha, foi possível um deslocamento geográfico dos restaurantes e bares. Assim, surgiram novos lugares e novas formas de lazer, e não ócio, voltadas principalmente para uma nova “categoria social”²³⁰: os jovens.

²²⁷ Idem. P. 17.

²²⁸ Jornal **O Estado**. Florianópolis, 18/02/70 Capa.

²²⁹ De acordo com dados do IBGE, em 1960 Florianópolis contava com 97.827 habitantes e em 1980 este número cresce para 187.871 habitantes. Em 20 anos vemos a população da cidade praticamente duplicar, trazendo consigo todos os problemas relativos ao crescimento desordenado.

²³⁰ Segundo Maria Isabel de Almeida e Kátia Tracy os estudos acadêmicos que problematizavam as culturas

3.4 – Na noite à procura de diversão

Os jovens que costumam dedicar boa parte do tempo na Rua Felipe Schmidt e outras ‘rodas’ mais movimentadas do centro da cidade são de opinião de que Florianópolis, em matéria de divertimentos, é muito boa para velhos e casados’.

Por isso mesmo, a prática saudável da paquera é, para eles, a grande distração que a cidade oferece para os momentos de folga. (...). A maioria dos estudantes diz que ‘Florianópolis é um desastre em matéria de cinemas’. (...) – Boite só há a ‘Scorpions’ na Almirante Lamego, que ‘dá para quebrar o galho. Mas a gente não está sempre disposto a dançar, apenas. No Oscar, tão famoso, só se encontra gente velha e casada’ – afirmam os universitários.

‘ – E o Clube Doze, com diversas atrações?’ Indagou o repórter?

‘ – Se a gente quer curtir um negócio diferente não dá. Encontro sempre as mesmas caras e na boite, quando não dá velho tomando uísque, só se vê gurizada querendo aparecer’. Enquanto a cidade não evolui ou se modifica para atender especialmente os jovens, a ‘paquera’ no centro continuará sendo o programa preferido, embora para alguns signifique novos momentos de muita ‘fossa’ e isolamento.²³¹

A insuficiência de espaços de divertimentos voltados para a juventude é o tema da citação acima, extraída de um jornal local do ano de 1972. Textos como este, que evocavam o desejo da juventude em relação a vida noturna e pediam mudanças na estrutura de divertimentos pré-existent na cidade, para melhor se adaptarem ao gosto dos jovens, não foram encontrados nos jornais pesquisados antes do ano de 1965. A que se deveu a emergência dessa nova preocupação na imprensa de Florianópolis? Por que, ao contrário de anos anteriores, os jornais começaram a destinar colunas, matérias de página inteira, fotos e entrevistas aos jovens? Uma resposta definitiva a estas perguntas não temos, no entanto percebemos que este pequeno texto, exemplar de uma série de outros textos que versavam sobre o mesmo assunto, evidencia a presença de um novo “problema de época” em Florianópolis: a emergência da juventude como uma categoria subjetiva – e histórica – e a formação dos conteúdos subjetivos, que segmentarizavam e diferenciavam os “jovens” do restante da sociedade.

Através de uma breve análise dos jornais publicados entre meados dos anos 60 até final da década de 70 é possível observar inúmeros anúncios, colunas e matérias jornalísticas, notícias e outras informações destinadas especialmente à juventude. Tais dispositivos culturais, entendidos aqui como “equipamentos coletivos de

jovens se estabeleceram nos Estados Unidos e na Inglaterra a partir da década de 50. Na década de 70 estes trabalhos foram retomados no bojo da análise feminista, já que a juventude era vista como um problema familiar. . No Brasil, as pesquisas sobre as práticas espaciais dos jovens vem crescendo consideravelmente após os trabalhos de Gilberto Velho. ALMEIDA, Maria Isabel M. & TRACY, Kátia Maria de Almeida. **“Noites Nômades.”** Espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. P. 21.

²³¹ “Paquera é opção de jovem ilhéu”. **O Estado**. Florianópolis, 12/08/1972. p. 8. Grifos da autora

subjetivação”²³², enunciavam um novo modo de viver, de sentir e de desejar próprios da juventude. Assim, agiam no sentido de produzir e cristalizar subjetividades próprias deste momento histórico, contribuindo para o engendrar de sistemas de modelização, individualização e autoreferência dos jovens, produzindo territórios existenciais, “universos sensíveis, cognitivos, afetivos, estéticos, etc.”²³³ particulares a esta categoria subjetiva.

Mais do que os espaços em jornais já conquistados, os jovens desejavam mudanças na cidade e em seus habitantes de modo a exercerem suas subjetividades (individualidades) sem resistências. Por isso, em muitos textos, como o da citação acima, representantes dessa categoria expressavam seu desejo de mudança também em relação a vida noturna existente na cidade, que segundo eles, “em matéria de divertimentos, é muito boa para velhos e

Ao lado, vemos um anúncio publicitário de 1974, direcionado ao público jovem. Como estratégia para atrair esse segmento social para o consumo de leite, o anúncio lança mão de uma gíria comum entre os jovens da época – *caretice* – e também representa dois jovens trajados como hippies, fazendo uma referência à estética da contracultura, bastante popular entre os jovens dos anos 70.

Fig. 11: Publicidade leite. Jornal O Estado, 1974.



casados”. Tais desejos juvenis, juntamente com mudanças urbanas ocorridas em Florianópolis na década de 70, foram decisivas para a emergência de novas atitudes perante a noite.

Nesta parte do trabalho, falaremos de novas práticas noturnas que surgiram na cidade a partir de uma nova maneira de se relacionar com a noite proposta pela juventude. Neste caso, nosso interlocutor não é mais Osvaldo Melo ou Manoel de Menezes, é sim Beto Stodieck, que mais do que um cronista porta-voz da juventude classe-média ilhoa, era também um dos principais personagens da vida noturna de Florianópolis entre as décadas de 70 e 80. Mas antes de entrarmos nas questões referentes à “Coluna do Beto”, que começou a fazer parte do jornal *O Estado* em 1971, e na crítica de falta de opções de divertimentos para os jovens que ela tantas vezes evocava, é importante falarmos do aumento desta “categoria social” na cidade a partir da década de 60.

Com a instalação e a ampliação da Universidade Federal de Santa Catarina, o número de estudantes que se transferiu para a cidade fez crescer consideravelmente a parcela jovem da população, “desprovinciando”, segundo Glauco Carneiro, a Ilha de Santa Catarina e “dando-lhe ainda intensa carga política”²³⁴. Em 1972, a UFSC totalizava

²³² Conceito proposto por Félix Guatarri em “Da produção de Subjetividade”. Op. Cit.

²³³ GUATARRI, Félix. Idem.

²³⁴ CARNEIRO, Glauco. Op. Cit. p. 205.

4.930 alunos²³⁵, pessoas que juntamente aos professores, impingiam uma mentalidade nova para a cidade. A cultura jovem,

²³⁵ “Florianópolis Sempre”. In.: **Revista Catarinense dos Municípios**. N ° 20. Ano 3. Florianópolis, 1972. P. 37.

com sua tendência ao novo, assimilava as mudanças ocorridas na cidade de modo a impulsioná-las ainda mais.

No que diz respeito à sociabilidade noturna desses jovens, vemos ser criado em 1960 o Paineiras, “o clube da juventude”. Tratava-se de um clube com os mesmos moldes dos tradicionais clubes sociais da cidade, no qual, para freqüentá-lo as pessoas deveriam se associar e pagar mensalidades. Porém, seu diferencial estava no fato de ele ser um clube para moças e moços solteiros. Segundo Maurício Amorim, um dos fundadores do Paineiras, este clube foi fundado por jovens solteiros, sócios dos tradicionais Clube XII de Agosto e Lira Tênis Clube, que desejavam um espaço para dançar, beber e encontrar amigos e que não estivesse sob a égide moral e vigilante dos antigos clubes sociais. Ao contrário das normas rígidas do Doze e do Lira, que só permitiam a entrada de moços nos bailes se estes estivessem vestindo terno e gravatas, o Paineiras inovou permitindo uso do traje esporte. A inovação do “clube da juventude” – como era chamado o Paineiras – estava também no repertório musical, que incluía bandas de rock do momento como Beatles e os ídolos da Jovem Guarda.

A inauguração deste clube deu-se em 13 de março de 1960, com um baile em plena quaresma, que escandalizou a sociedade católica florianopolitana pois, de acordo com a tradição religiosa, era proibido dançar ou fazer festas durante este período. De acordo com Amorim, o primeiro presidente do Paineiras e um dos autores do estatuto do clube,

Até o surgimento do Paineiras, só se dançava em Florianópolis nos clubes e só se dançava de gravata (...) E nós que ficávamos esse período todo aguardando o carnaval, passado o carnaval, ninguém tinha mais nada para fazer, não existia as alternativas de hoje de danceterias, hoje, por exemplo, só na Avenida das Rendeiras tem 15 casas com música ao vivo, e nós não tínhamos. Daí nos resolvemos fazer um clube para que nós dançássemos sem gravata e quando nos desse vontade de dançar, tanto que acabou sendo um escândalo a inauguração do Paineiras porque nós o inauguramos em plena quaresma e se é que se pode chamar, numa soireé sport²³⁶

O clube voltado para um público classe média-alta, passou a ser um marco nas noites de Florianópolis, pois representava a ânsia daqueles jovens que já não aceitavam mais aquele antigo modo de sociabilidade regrado pela rigidez dos clubes sociais. Maurício Amorim recorda que, após algum tempo de o clube já estabelecido, o Lira afrouxou as normas para a entrada em seus bailes, permitindo o uso de traje sport/social e o Clube XII começou a realizar o Baile dos Brotinhos, que era um baile voltado para os jovens sócios.

A ânsia pelo novo tomou conta da cidade e o decorrer da década de 60 foi marcado por inúmeras atitudes culturais neste sentido. Em 1961 foi criada a SOE (Sociedade Estreitense de Oratória) por um grupo de estudantes ligados ao Curso de Direito da Universidade Federal, com intuito de promover atividades culturais como debates e

palestras, já que viam a cidade carente neste área. Alguns anos mais tarde, em 1965, “diante do marasmo cultural da cidade”, um grupo de jovens ligados ao meio artístico de Florianópolis criaram um mensário de arte e cultura intitulado *Ilha*, no qual eram debatidos os mais diversos assuntos como cinema, poesia, artes plásticas e música. Analisando do conteúdo e da forma deste mensário, podemos perceber o papel que a “cultura de bar” tinha junto ao público jovem, destinatário deste jornal. Além de trazer eventuais anúncios de bares, o *Ilha* apresentava uma coluna intitulada “Balcão”, que fazia referência a um balcão de bar, onde se conversavam os mais diversos assuntos. Ao contrário das outras colunas do jornal, que tinham um conteúdo hermético e restrito (cada autor fazia uma crítica específica a uma determinada arte), a coluna “Balcão” apresentava os mais diversos assuntos de maneira descontraída.

O *Ilha* teve uma duração efêmera, pouco mais do que um ano, no entanto um ano após seu término, em 1967, surgiu um outro jornal também voltado para assuntos culturais chamado *Imprensa Nova*. Este novo periódico contava com diversos textos assinados por jovens ligados à SOE e, como o próprio nome já propunha, veio para trazer o novo para a imprensa local dominada pelos antigos jornais *O Estado* e *A Gazeta*, diários que não traziam assuntos que interessassem a este novo público.

Assim, gradativamente a característica da imprensa da cidade foi mudando. No final da década de 60 o jornal *O Estado* criou um complemento cultural chamado “Caderno II” e contratou o jornalista Beto Stodieck para escrever algumas pequenas notas. Em 1971, Beto Stodieck recebeu uma coluna diária neste jornal onde escrevia fundamentalmente para o jovem público leitor da cidade, constituído principalmente por estudantes secundaristas e universitários. Foi neste momento, que a imprensa passou a ter um importante papel para a “cultura de bar” dos jovens de Florianópolis, contribuindo para uniformizar e unificar suas práticas de diversão. Se, antes de tais mudanças a vida noturna de Florianópolis, que acontecia fora dos clubes sociais, não seguia roteiros pré-determinados, com a inserção da “Coluna do Beto”, entre outras colunas, essa característica passou a mudar. Após 1970, vemos que a imprensa passou a se preocupar em divulgar roteiros comerciais de diversão, evidenciando assim, uma nova indústria do lazer que começava aparecer na cidade e que se organizava ao redor desses mecanismos de divulgação. Os anúncios publicitários de bares, que antes apareciam soltos, sem locais pré-determinados nas páginas do jornal, passaram a estar localizados junto

²³⁶ Entrevista com **Maurício Amorim**, concedida à autora em 18/05/2001.



das matérias apresentadas por Beto Stodieck. Ao contrário das antigas propagandas que traziam o nome dos proprietários – denotando uma relação de informalidade entre as pessoas, típica de cidades pequenas –, as publicidades agora eram anônimas. Além disso, não se preocupavam em envaidecer o estabelecimento comercial por sua higiene ou pelo seu ambiente familiar, mas sim pela tecnologia de som e luzes que ofereciam aos novos clientes.

Mais do que apresentar roteiros, Beto Stodieck fazia a crítica social dos lugares e das pessoas que os freqüentavam, passando a ditar moda entre os jovens. Assim, os estabelecimentos anunciados em sua coluna logo passavam a ser freqüentados pelo “beautiful people” de “Flops”²³⁷. Beto também foi um grande crítico da falta de opções de divertimento noturno na cidade para a juventude, comumente divulgando notas como esta: “Florianópolis, final de semana à noite ou é Capelinha, ou é Capelinha – não há opção.”²³⁸ Ou mesmo, dedicando todo o espaço de sua coluna a este tipo de queixa, como é o caso do seu texto publicado em 1976:

Na falta de onde se divertir, os desesperados e ouriçados florianopolitanos estão improvisando boates, das mais privêes (mesmo assim freqüentadíssimas), em suas casas, onde predominam altas fitas provenientes das boates do eixo Rio-São Paulo, os *New York City* e *Hippopotamus* da vida.

Aliás, a falta do que fazer nas noites ihoas (cada vez mais ilhadas) é papo de tudo quanto é roda. E todos são unânimes em concordar que Florianópolis está passando por uma de suas piores fases noturnas. Inclusive, há coisa de 20, 25 anos, por exemplo, a noite na ilha era considerada, levando-se em conta as proporções da cidade (então com uns 50 à 80 mil habitantes), excelente, onde pontificavam boates tais como a do Califa (Antônio Boabaid), Plaza e Sabino's. Hoje, com 250 mil pessoas vivendo no seu perímetro urbano, Florianópolis vê-se reduzida à minguada Capelinha... Uma pobreza, convenhamos – principalmente se levar em consideração que o florianopolitano é louco por um reboliço.²³⁹

Para criticar a falta de opções nas noites florianopolitanas, vemos Beto Stodieck lançando mão da estratégia de glamourização do passado, em detrimento do presente que, segundo ele, em relação a vida noturna, era “uma pobreza”. No texto acima, Stodieck apontava o ano de 1976 como uma das “piores fases noturnas” da cidade, o que acabou gerando reações por partes de alguns jovens, que tiveram transformar suas casas em boates *privêes*. Assim, em nome dos jovens da classe média e alta de Florianópolis, vemos mais uma vez a “Coluna do Beto” sendo transformada em um instrumento de denúncia à limitada estrutura noturna e pública de diversões existente em Florianópolis.

No entanto, para além das críticas à insuficiência de espaços destinados aos jovens, os textos de Beto Stodieck nos permitem observar informações bastante relevantes em relação às mudanças nos hábitos noturnos em Florianópolis. Através de sua coluna diária, é possível perceber que, na década de 70, as práticas de sociabilidade e de divertimento noturnos tornaram-se ainda mais dependentes das tecnologias de ponta da época, bem como de uma

²³⁷ Essas duas eram expressões utilizadas por Beto Stodieck na sua coluna na década de 60. A primeira definia os jovens da cidade., enquanto que a segunda era uma abreviação do nome Florianópolis, quando o apelido Floripa ainda não estava popularizado.

²³⁸ Coluna do Beto. **O Estado**. Florianópolis, 26/10/1973. P. 10. A “Capelinha” referida na nota, trata-se de uma boate, que foi instalada num prédio onde antes funcionava uma igreja, no bairro de Coqueiros.

²³⁹ STODIECK, Beto. “Na falta de coisa melhor”. In.: **O Estado**. Florianópolis, 11/09/1976. P. 12

infinidade de máquinas eletro-eletrônicas. É importante ressaltar, que tal dependência não se limitava à experiência vivida na Ilha de Santa Catarina. Como constatou Félix Guatarri, “os conteúdos da subjetividade contemporânea dependem, cada vez mais, de uma infinidade de sistemas maquínicos”²⁴⁰ e esse uso constante e evasivo de máquinas em nossa história recente, responsável pela produção de novas subjetividades, estava presente também no cotidiano vida noturna, contribuindo na promoção de novas formas de se relacionar com a noite.

Assim, continuando a análise da citação acima, vemos Stodieck fazendo referência ao uso de potentes aparelhos sonoros e das sofisticadas “fitas”, que haviam caído no gosto do público da época. O sucesso das “fitas” entre o público juvenil era tamanho, que toda a casa noturna que quisesse ter prestígio precisava contar com essa novidade tecnológica. “Até o Doze, tradicional reduto dos conjuntos, está optando pela fita como uma maneira mais prática, e provavelmente, mais econômica de entreter seus jovens freqüentadores”²⁴¹. A potência sonora também se tornava neste momento um atrativo, assim quanto maior fosse o poder das caixas de som, mais conceituado era o estabelecimento.

Outra mudança que ocorreu em relação aos divertimentos noturnos foi a popularização das boates aos moldes americanos, que pressupunham uma nova experiência sensorial entre os jovens. Tal mudança reverberou, inclusive, no significado desses estabelecimentos, que deixaram de significar cabaré, ou zona de prostituição. As boates da década de 70, com suas luzes piscando, suas músicas em volumes altíssimos e suas bebidas estimulantes, tornam-se atração na cidade e frequentá-las passou a ser visto como *status* social. O primeiro estabelecimento deste tipo foi a “Scorpions”, inaugurada ainda na década de 60 e a partir daí muitos outros apareceram. Inclusive os clubes sociais Doze de Agosto e Lira também criaram suas boates. Essas novas casas de diversão organizavam-se em torno de novos dispositivos de divertimento corporal e espiritual, promovendo novas formas de subjetivação entre os jovens. Tratavam-se de ambientes com pouca iluminação e com um frenético piscar de luzes coloridas. A música permanecia no coração desses divertimentos, mas agora ela ganhava velocidade rítmica exigindo do corpo uma agilidade de movimentos maior do que a das valsas e boleros dos antigos bailes em clubes. Esse novo ritmo “disco”

era realizado sem acompanhamento de outra pessoa, numa espécie de individuação da prática de dançar. Porém, ao mesmo tempo, observa-se uma uniformização das coreografias, popularizadas a partir do filme “Embalos de Nova York a Noite” fazendo com que todos dançassem de modo parecido e assim compartilhassem da mesma

²⁴⁰ GUATTARI, Félix. Da produção da subjetividade. In: GUATTARI, André (org). **Imagem máquina**. A era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro, 1994, p. 24-37. Segundo Guatarri, essa “máquino-depêndencia” é uma característica das subjetividades contemporâneas.

²⁴¹ STODIECK, Beto. “O sucesso das ‘fitas’ (Remember Watergate)”. In.: **O Estado**. Florianópolis, 12/09/1974, p. 12.



sociabilidade. Nas discotecas o corpo estava liberado para dançar livremente, mas o modismo dos “passinhos” e das coreografias, podem ser entendidos por nós como um dispositivo coercitivo que assegurava a cristalização da subjetividade, imposta também pela moda e pelos meios de comunicação, em especial a televisão.

Afim de estimular a velocidade e a agilidade corporal esses ambiente lançavam mão de inimagináveis tecnologias de luzes e som, como é possível perceber na matéria publicada no Jornal *O Estado*:

“O Rei das discotecas está em Florianópolis: Muitos planos”

Com o filme “Embalos de Sábado à noite”, foi lançado em Florianópolis o sucesso que as dicotecas já estão fazendo em todo o mundo. Mas a discoteca não é novidade nenhuma para quem montou as primeiras e mais importantes do país. Montou não é bem o termo, pois o trabalho de Dulthavio não é a montagem e sim o som e a iluminação, embora ele também seja um *expert* em decoração.

“A discoteca é representada hoje pelo clima de loucura que é capaz de oferecer a seus clientes”, diz ele, “não só em termos de espetáculo circense e teatral, mas também em efeitos de som e iluminação” (...). A maior novidade em efeitos de luz são os *lasers*. Compõe-se de um projetor acompanhado de uma caixa de controle para formas e cores. (...). Em termos de som, comenta ele “destacam-se os ‘boom-boxes’. Aparelhagem que aumenta tanto os baixos que faz vibrar as entranhas dos dançarinos”²⁴²...

O apelo a essas tecnologias, associado ao uso de bebidas e drogas estimulantes, como a cerveja, a cocaína e as “boletas” já não tão raras na cidade²⁴³, pressupunha uma nova relação dos indivíduos com os divertimentos. Nas décadas de 50 e 60 as pessoas tinham uma autonomia para “fazer” seus divertimentos de forma lenta e compondo com os elementos da natureza – os seresteiros por exemplo, se encontravam na rua e improvisavam o ambiente sem necessariamente exigir uma estrutura ligada à elaborados artifícios tecnológicos –, porém as opções eram poucas e as restrições muitas (as mulheres, por exemplo, eram proibidas de participar). Percebemos que, na década de 70, os indivíduos ganharam uma certa liberdade nas atitudes (as mulheres poderiam participar de diversas atividades noturnas sem correrem o risco de ficarem estigmatizadas, por exemplo) e mais opções de escolhas de casas noturnas. Porém, ao mesmo tempo estes mesmos indivíduos tornaram-se mais passivos em relação aos divertimentos, pois já não os “faziam”, na medida em que os locais, a ambientação, as músicas e até mesmo os roteiros, já estavam prontos. Essa passividade deveu-se principalmente à mecanização e industrialização das formas de se divertir, característica de uma cultura de massas. O uso cada vez maior de “tecnologias espetaculares” na vida noturna reduziu gradativamente a interação que existia antes entre os indivíduos e os divertimentos.

Em meados da década de 70, além da “Coluna do Beto” que roteirizava e julgava a vida noturna de Florianópolis, o jornal *O Estado* criou a coluna “Roteiro” que divulgava, mediante ao pagamento de notas por parte dos proprietários de estabelecimentos voltados à diversão, o que havia para se fazer diariamente nas noites da

²⁴² Jornal **O Estado**. Florianópolis, 03/08/1978. P. 12

²⁴³ Sobre isto ver as matérias: “Depois de ter várias prisões, a simpática Hippie foi presa aqui” In.: Nossa Capital, jornal **A Gazeta**, Florianópolis, 1969, p 2. E, “Polícia prende estudante carregando bolinhas”. In.: Jornal **O Estado**. Florianópolis, 22/02/1970.

cidade. Esta coluna era dirigida por um personagem chamado de “Guru” que orientava os novos comportamentos públicos diante da noite, mas também indicava onde ir e o que fazer, como no texto que segue a baixo:

Como em toda a sexta-feira, o Guru fala e diz: na subida da Felipe Schimidt, com muita gente no Paineiras para ver, ouvir e participar. E agora o negócio está funcionando na base dos 1500 watts de som, com quatro caixas novinhas, recém instaladas. O barulho começa às 22 horas e o Clube, segundo voz do Guru, está aceitando associados.

Amanhã – O “fervo” é na Capelinha de Itaguaçu, a mais badalada desta paróquia. Muita gente pela pista, “bira” e papo pelas mesas e, sobre tudo, uma luz discreta contracenando com um som de renovar os ânimos. A reunião começa às 22 horas e vai até as 04h30min, mais ou menos, que é para não cortar o embalo daquela boa beira-mar.

Domingo- é dia de festa no Quinze, no alto da Conselheiro Mafra...²⁴⁴

A coluna “Roteiro” apresentava uma descrição pormenorizada das casas noturnas da cidade, divulgando a hora em que abriam, quanto custaria o ingresso, que tipo de bebidas ofereciam, a localização desses espaços, o traje necessário e o tipo de ambiente: se era bar ou discoteca, neste caso divulgava ainda a potência do som oferecido. Essas casas comerciais eram localizadas, na sua grande maioria, longe do antigo trajeto de divertimento do centro da cidade, ou seja, ao redor da Praça XV. A “Capelinha” e o “Tritão” localizavam-se, desde o início da década de 70, no balneário de Coqueiros, enquanto o “Tubulão”, inaugurado em 1973 e que tinha na sua estrutura um *mix* de boate e bar com música ao vivo, situava-se na “avenida mais badalada da cidade”²⁴⁵, a Beira-Mar Norte, que havia sido recentemente pavimentada e onde mais tarde a boate Dizzi viria também a se instalar.

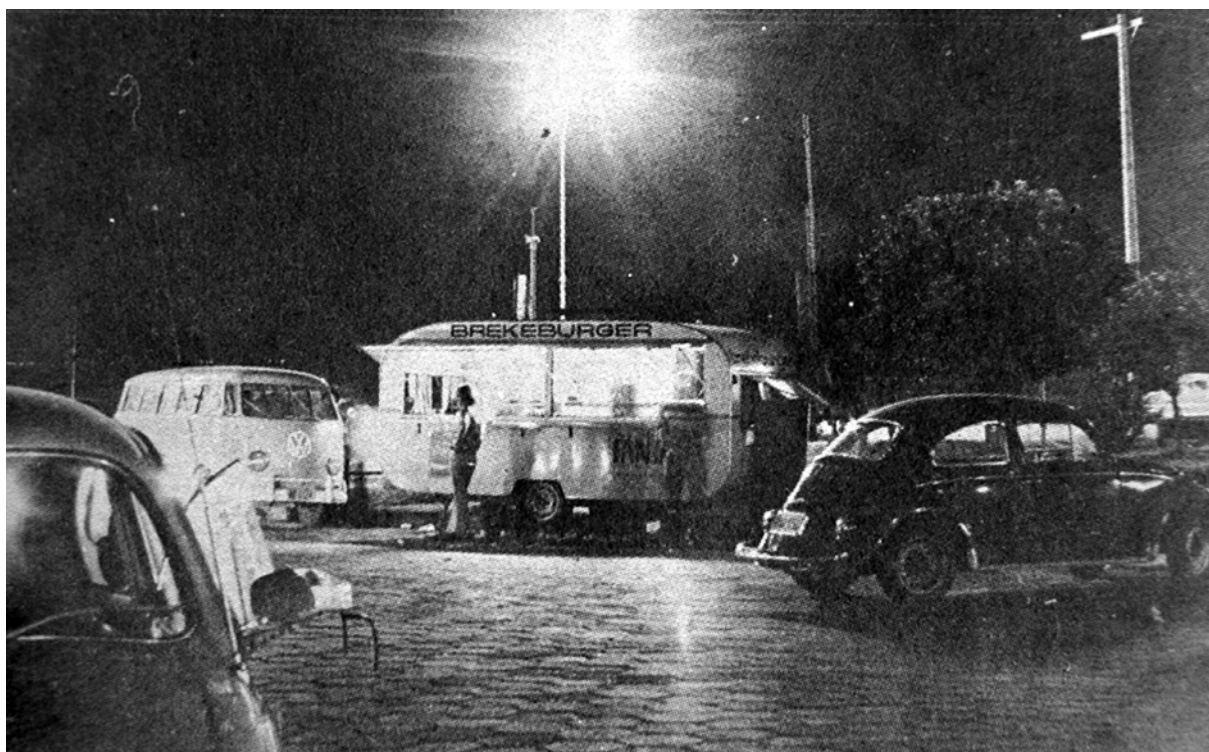
A partir da pavimentação da avenida Beira Mar Norte houve uma gradativa mudança na geografia dos divertimentos noturnos. A área, considerada nobre pela Secretaria de Obras da Prefeitura, foi transformada pela Lei Municipal nº 1096, de 1969, em zona residencial na qual só eram permitidas atividades comerciais voltadas ao lazer, como boates, bares, casas de chás, teatros, cinemas e hotéis²⁴⁶. Desta forma, para lá foram transferidos grande parte dos divertimentos de Florianópolis voltados às classes médias e altas, enquanto que espaços de divertimentos populares, como o Miramar, foram destruídos do cenário central²⁴⁷.

²⁴⁴ Coluna Roteiro. **Jornal O Estado**. Florianópolis, 30/10/1975. P. 12

²⁴⁵ “Tubulão. O bar de hoje” In.: Revista Catarinense dos Municípios. N.º 34, ano 4, Florianópolis, 1973. S/p.

²⁴⁶ “O que pensam os moradores do comércio na Beira-Mar”. **O Estado**, 04/10/1975. P. 16.

²⁴⁷ Segundo Paulo César dos Santos, o processo de urbanização pelo qual passou Florianópolis durante esses vinte anos, foi uma forma de romper com um passado que lembrava Desterro e sua ligação com o mar. Estavam construindo uma nova Florianópolis, não mais marítima, mas sim urbana. O mar não era mais um caminho, os caminhos agora, deveriam ser as pontes e as estradas. Assim urbanizada, a cidade se afirmou como capital moderna e até industrializada, se levamos em conta o turismo. SANTOS, Paulo César dos. Espaço e Memória: o aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis. Florianópolis: UFSC, 1997. (Dissertação de Mestrado em História).



É interessante notarmos que, justamente a partir de 1972, as opções de “coisas para se fazer” em Florianópolis cresceram consideravelmente. Com a construção da Avenida Beira Mar Norte, aquele local passou a contar com diversos barzinhos, chamando atenção para os break-burgers, como o “Pão por Deus”, que era uma espécie de *trailer*, ao estilo americano, que atendia os fregueses nos carros, fazendo dos estacionamentos destes locais, espaços de sociabilidades.

Como já foi discutido anteriormente, nesse processo de transformação das diversões os jornais tiveram um papel decisivos. Assim, os jornais contribuíram para a organização dos novos divertimentos, como também na orientação de novos comportamentos públicos no período, ditando o que fazer e criticando a falta de opções para os jovens, que segundo a Revista Catarinense dos Municípios de 1972, “estão em todas e são os donos da noite, nos mais diversos cantinhos onde o papo é livre e as bonecas muitas”²⁴⁸. Nesse momento, já era permitido às moças saírem sozinhas sem correrem o risco de serem estigmatizadas e mal faladas.



Fig. 15.: “Meninas no Bar Tritão”. O Estado, 1975.

Este novo comportamento em relação aos divertimentos não atingiu somente as elites. Como já dito anteriormente, a universidade trouxe à cidade um aumento significativo no número de jovens, que na maioria dos casos não se interessavam ou não podiam se associar aos clubes. Na cidade, estes jovens que vinham de outros locais se instalavam em repúblicas localizadas geralmente nas redondezas da universidade, sobre estas moradias estudantis o jornal *O*

Estado publica a seguinte matéria:

²⁴⁸ Revista Catarinense dos Municípios. Ano 3, n.º 20. Florianópolis, 1972. P. 28.

“A independência da República”

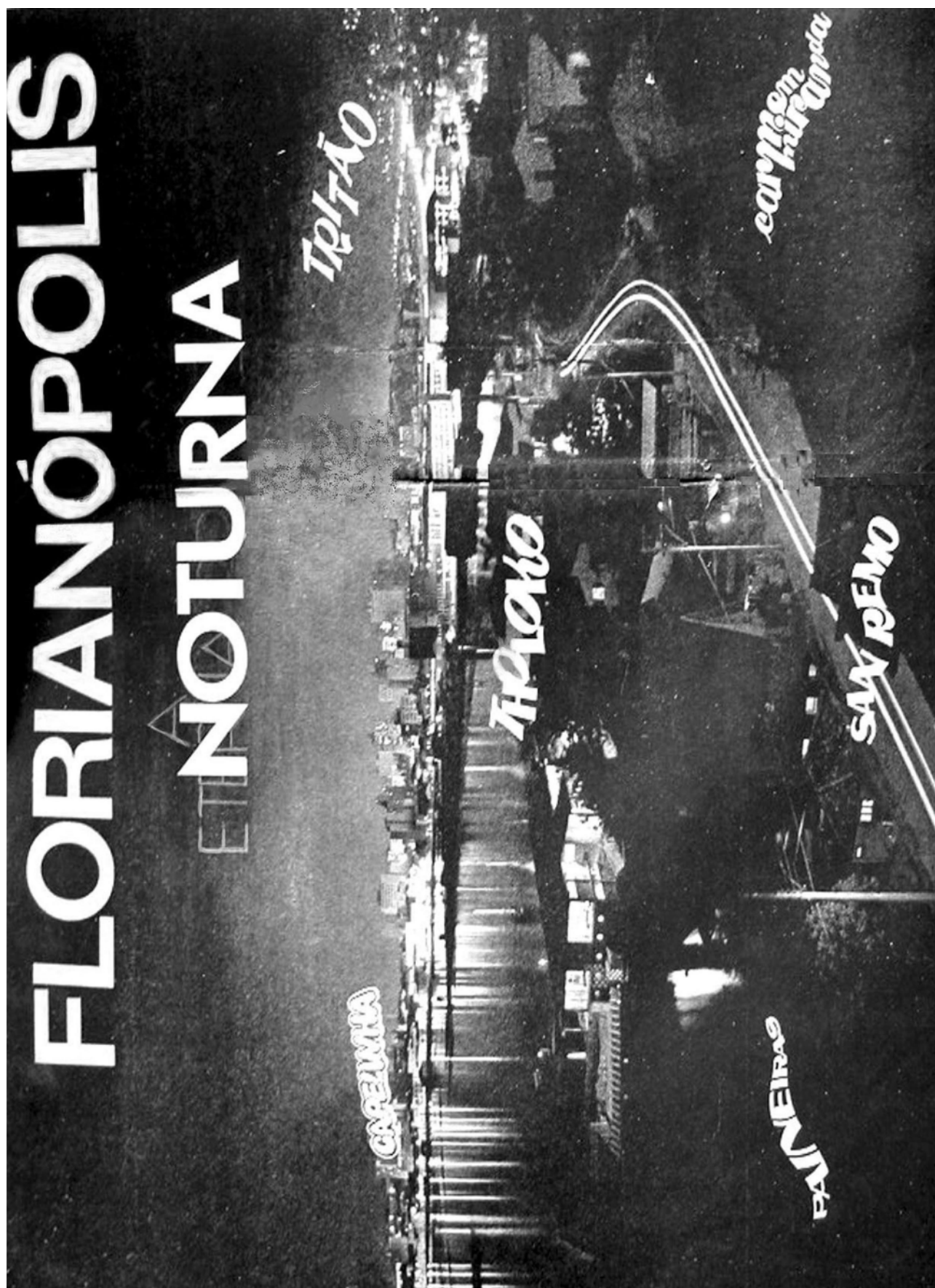
De certa forma, Florianópolis começou a ser, a partir de 1960, a Vila Rica das Repúblicas estudantis catarinenses. Com a federalização da universidade de Santa Catarina, e com a criação de novos cursos, que ampliaram a faixa de opções nos vários ramos do conhecimento, a UFSC transformou-se, de repente, num chamariz para milhares de jovens do interior do Estado.

Atravessando ainda uma fase de letargia e modorra, a cidade se mexia pouco menos que as águas plácidas das duas baías. A Universidade, inegavelmente, foi um expressivo fator revitalizador e no seu tubo de transformações viçou e prosperou uma nova cidade e uma nova população. No perímetro urbano das faculdades passaram a circular cada ano mais pedestres: universitários do interior. Eles aumentavam de ano para anos, numa proporção quase geométrica e a cidade não se preparara para recebê-los, pois se atrofiara num centro comercial e residencial restrito a pequena faixa urbana espremida entre as baías...²⁴⁹

Gradativamente, a noite passou a ser um espaço de sociabilidade desses grupos, que após as aulas ou o trabalho se encontravam em barzinhos perto de suas casas para conversar, beber e dançar. Logo os centros acadêmicos criaram a “Boate da Engenharia”, junto a própria universidade, oferecendo mais uma opção a esses estudantes, além do “Bar Scracho” anexo ao antigo DCE, na Rua Álvaro de Carvalho. Foi também na década de 70, que jovens ligados aos movimentos da contra-cultura começaram a aparecer na cidade. Eles também tinham seus espaços de encontro como o “Kiosk” no Largo Benjamin Constant, e o “Aroeira Bar”, na Rua Bocaiúva, ambos próximos à Avenida Beira-Mar Norte. Foram estes *hippies* que aqui chegaram e trouxeram uma nova visão de mundo, os que exploraram as praias mais distantes e estabeleceram nesses locais, quase que intocados pela civilização moderna, pontos de encontros diferentes de tudo o que foi estudado até agora. Porém, a inserção da contra-cultura em Florianópolis, de tão interessante que é, merece um trabalho à parte, que ficará reservado a um outro momento.

²⁴⁹ “A Independência da República”. In.: Caderno II. **O Estado**. Florianópolis, 02/07/1972. Capa.

Fig. 16.: “Florianópolis, eterna noturna, 1972.



4. A Saideira

(Considerações finais)

“Saideira” é o nome correntemente usado por freqüentadores contemporâneos de bares para a última bebida da noite. No entanto, é de praxe que ela não seja de fato a última. De tão comum esta prática já ganhou música em sua homenagem, ironizada numa letra de samba do compositor carioca Martinho da Villa: “essa já é a décima primeira, que vem como saideira e nada de a gente sair”²⁵⁰. Dizem os *habitués* que “uma saideira chama outra...”, e assim o fim da noite vai sendo protelado com a desculpa de que há mais “uma” para se beber.

Dar um ponto final a um trabalho talvez lembre um pouco esta prática. O envolvimento com a pesquisa e o exercício de organizar o “caos” das fontes encontradas em um texto escrito, leva sempre a novos questionamentos que parecem ser “saideiros”, mas eis que uma nova questão remete a outros problemas e o fim também é protelado. Por isso, neste trabalho muitas questões permaneceram em aberto. Não existem respostas definitivas para elas. Promover o questionamento da vida noturna tal qual a conhecemos hoje e colocá-la no patamar das relações humanas, desnaturalizando-a, foi o alvo de nossas preocupações e onde buscamos nos ater neste trabalho.

Assim, procurou-se demarcar historicamente as forças materiais e imateriais que objetivaram as transformações das atitudes perante a noite. A exaustão de práticas como a boemia e a seresta, ou mesmo a emergência da atual *nigth* entre jovens e adolescentes, são elementos significativos para entendermos como a noite se constituiu no campo conflituoso da história. Tais transformações nas formas de se relacionar com a noite remetem aos investimentos técnicos, científicos e políticos sobre os indivíduos e, em última instância, aos processos de subjetivação dos mesmos, através de dispositivos disciplinares que atuam no controle do tempo, do espaço e das atividades humanas.

No decorrer do trabalho, alguns territórios de vida foram demarcados: o do boêmio, o do seresteiro, o da elite freqüentadora dos clubes sociais, o dos jovens que se propunham a romper com a sociedade tradicional. Tivemos a oportunidade de observar que críticas à vida noturna de Florianópolis construídas em diferentes momentos históricos – início do século XX e últimas décadas deste mesmo século, por exemplo – dizem respeito a diferentes práticas sociais que, por suas vezes, estavam preocupadas em produzir subjetividades distintas. Na história

da cultura urbana de Florianópolis, vemos a recorrência de um tema: a noite, hoje a *nighth*. Mas os problemas aos quais ele está relacionado são outros, porque os sujeitos históricos e seus desejos também o são.

Tentou-se neste trabalho mostrar como a articulação de práticas urbanas ditas modernas recodificaram as diversões e as atitudes perante a noite. O estudo dessas modificações por vezes remete a transformações que dizem respeito a toda a sociedade ocidental capitalista. No entanto, em Florianópolis, vemos como tais “novidades” se relacionaram com o campo de forças próprio do local. Nas primeiras décadas do século XX, observamos o espaço da taberna, ligado ao jogo, à prostituição, à bebida e ao ócio, ser gradativamente substituído pelo espaço higienizado dos cafés e das confeitarias, onde as regras de sociabilidades eram outras, mais comedidas e civilizadas e onde podemos perceber um “adicionamento lento das exigências civilizatórias”²⁵¹ burguesas. Viveu-se neste período uma domesticação do espaço de beber e uma clivagem entre as diversões consideradas adequadas e inadequadas. As reformas urbanas trouxeram mais segurança à vida noturna e pública, pois novos dispositivos disciplinares incidiam sobre este período, como a iluminação pública, a Guarda de Vigilantes Noturnos e os Códigos de Postura.

Um regime de gerência sobre a noite foi instituído para esta cidade que se pretendia moderna, mas um novo cenário urbano começa a ser instituído a partir da década de 50 do século XX. Neste momento, o que estava em jogo não era mais uma modernidade positiva (ligada ao positivismo científico), voltada ao progresso da civilização, mas sim uma modernidade produtiva, voltada para o desenvolvimento industrial do país. Um esgotamento da antiga cultura de bar se deu e novas formas de controle do tempo e do espaço, articuladas a estratégias políticas e econômicas, passaram a agir sobre o indivíduo.

A partir desse processo, percebe-se que a cultura noturna foi transformada. Enquanto a indústria do lazer crescia em todo o mundo, o futuro de Florianópolis passava a ser construído a partir da possibilidade da criação de uma infra-estrutura voltada para o turismo, daí que a questão da vida noturna passou a ser vista como um problema também econômico. Alguns guias turísticos de Florianópolis do final da década de 70 em diante foram pesquisados²⁵² e neles é possível perceber o lugar que a vida noturna tem no funcionamento das cidades. Todos apresentavam roteiros de diversões noturnas destinados aos turistas, agregando, definitivamente, a cultura de bar ao leque de atrações turísticas e produtos culturais oferecidos por Florianópolis. Atualmente, toda cidade tem uma

²⁵⁰ Martinho da Villa. “Pagode da saideira”. Originalmente gravado em: **Batuqueiro**. RCA, 1986.

²⁵¹ Lembrando aqui o conceito que Norbert Elias usa em seu texto “O processo Civilizador” para se referir as mudanças impingidas nos costumes burgueses do século XVIII. ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Uma história dos Costumes. V, 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

²⁵² **Florianópolis, Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, DIRETUR, 1979; **Encontro**. Guia Turístico e Informativo. N o 1 Florianópolis: CITUR, Abril de 1981; **Florianópolis, Ilha de Santa Catarina** - Guia

programação, um itinerário de coisas para se fazer a noite, que além de propiciar a sociabilidade e a troca de experiências através do contato com diferentes pessoas, a distração, e até a introspecção, estimula principalmente o comércio.

De segunda à segunda pode-se sair para dançar, beber, ir ao cinema, ouvir músicas em ambientes climatizados ou não, pois as horas noturnas não são mais “mortas”. Atualmente, existe uma estrutura comercial voltada para a noite que vai desde bares, restaurantes e boates até motéis e casas de jogos, que regula a chamada “vida noturna” de uma cidade. Mais do que um suporte temporal para a venda dos mais diversos artigos de consumo, a noite foi transformada, através das relações que homens e mulheres estabeleceram com ela nas últimas décadas, em uma mercadoria. Para se divertir, afogar mágoas, apaixonar-se, fugir da solidão, enfim para despertar qualquer sentimento, pode-se sair à noite. Abre-se qualquer jornal na página de lazer e entretenimento e encontra-se uma vasta programação de coisas para se fazer, é só escolher. Mais do que o período entre o crepúsculo e a alvorada, a noite foi transformada num tempo/espço de sociabilidades, de lazer, de liberdades, de controle, de transgressão. Enfim, hoje, a noite tem praticamente a mesma utilidade produtiva e consumista do dia. No entanto, podemos perceber que este processo não se desenvolveu naturalmente. A vida noturna de uma cidade não existe como um “*a priori*” – nós a cultivamos, e essa cultura é histórica. Esta foi a principal questão que se procurou levantar neste trabalho.

Findaram-se e extrapolaram-se os prazos finais e foi preciso dar o trabalho por terminado. Quando o freguês se deixa dominar pelo “devir” da saideira é o gerente do bar quem decide a hora de parar, pois o estabelecimento precisa encerrar o expediente. Além disso, a cada novo gole de bebida torna-se mais difícil para o freguês manter-se sóbrio, sua faculdade de discernimento se fragiliza e alguém precisa decidir por ele. Assim se deu com este trabalho: encerra-se aqui, mas outras questões surgem e sugerem novas pesquisas.

5. Fontes

1. Jornais:

A Verdade 1954 –1957 (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

A Ponte 1979 – 1980 (Biblioteca Universitária/UFSC)

O Estado 1955 –1979 (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

A Gazeta 1960- 1970 (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

Imprensa Nova. 1967-1969 (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

2. Revistas:

Bússola. Florianópolis. 1950 – 1953 (Biblioteca Universitária/UFSC – Setor de Obras Raras)

Leia-me. Florianópolis: Julho de 1949. (Biblioteca Universitária/UFSC – Setor de Obras Raras)

RCM - Revista Catarinense dos Municípios. 1969-1973. (Biblioteca Universitária/UFSC – Setor de Obras Raras)

RCM - Revista Comércio e Mercado. Ano 3. N º 27. Florianópolis, 1972 (Biblioteca Universitária/UFSC – Setor de Obras Raras)

Revista Catharinense. 1912 –1914 (Biblioteca Universitária/ UFSC – Setor de Obras Raras).

Sul - Revista do Círculo de Arte Moderna. Ano V, nº 17. Florianópolis, outubro de 1952. (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

Santa Catarina – Revista de Divulgação do Estado e dos Municípios. Ano I, nº 1. Florianópolis, setembro de 1939. (Biblioteca Universitária/UFSC – Setor de Obras Raras)

3 Obras literárias:

BOOS JR, Adolfo. **Teodora & Cia** – Contos. Florianópolis: Sul, 1956.

CALDAS F º, Raul. **Oh! Que delícia de Ilha.** Florianópolis: Lunardelli, 1994.

CARVALHO, Ilmar et. Allie. **Crônicas.** Florianópolis: Roteiro/Secretaria da Educação e Cultura, 1964.

CRUZ e SOUZA. **Sonetos da Noite.** Florianópolis: FCC, 1998.

HAMMS, Jair Francisco. **O Vendedor de Maravilhas.** Florianópolis: Edeme, 1973.

JUNKES, Lauro. **Horácio Nunes: Teatro Selecionado**. Florianópolis: UFSC/FCC, 1999.

LINS, Hoyêdo G. **Janela do Tempo**. Florianópolis: Lunardelli, 1993.

MELLO F °, Osvaldo & MIGUEL, Salim. **Contistas Novos de Santa Catarina**. Florianópolis: Sul, 1954.

MENEZES, Manoel de. **Retalhos do Tempo**. O que vi, fiz e ouvi. 2ª ed. Florianópolis: Edeme, 1977.

NUNES, Horácio. **D. João de Jaqueta: cenas da roça**. Porto Alegre: Movimento, 1984.

SILVA, Osmar. **Coquetel de Crônicas**. Florianópolis: ed. do autor, 1962.

SILVEIRA DE SOUZA, João Paulo. **Uma voz na Praça**. Florianópolis: Roteiro, 1962.

SIMÕES, Aldírio. **Domingueiras, sou ilhéu, graças a Deus**. Florianópolis: Papa-livros, 1990.

SOUZA, Abelardo. **Painés**. Florianópolis: FCC/IOESC, 1982.

ZIGELLI, Adolfo. **As soluções finais**. Florianópolis: Lunardelli, 1975.

4. Entrevistas:

(Todas as entrevistas foram realizadas por Glaucia Dias da Costa)

Preta Severo e Antunes Severo. Entrevista concedida em 15/04/2001.

Seu Maneca. Entrevistas concedidas em 12/11/2000 e 02/05/2001.

Agapito Katicips. Entrevista concedida em 02/07/ 2001.

Entrevista com Raul Caldas Filho, cedida em 15/06/2001

Aldírio Simões. Entrevistas concedida em 28/07/2001

Seu Léo do Violão. Entrevista concedida em 07/08/01.

Maurício Amorim. Entrevista concedida em 18/05/2001.

Clétio e Seu Scharader (gerente e proprietário do bar Armazém Vieira). Entrevista concedida no em 26/03/2001.

5. Documentação Governamental.

Contrato e adiantamento de água, luz e força de Florianópolis, de 1911. (Biblioteca Universitária/UFSC – Setor de Obras Raras)

Ação Coordenada do Governo Federal em Santa Catarina. Ministério do Planejamento e Coordenação Geral: Rio de Janeiro, Março de 1969 (Biblioteca Universitária/UFSC)

Código de Posturas Municipais de Florianópolis – 1898 (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina)

Código Municipal de Florianópolis de 1955. (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina)

Código de Posturas de Florianópolis de 1974. (Biblioteca Universitária/UFSC)

Plano Diretor de Florianópolis. IOESC, 1952. (Biblioteca Universitária/FURB)

Plano de Desenvolvimento da Grande Florianópolis. ESPLAN, 1968. (Biblioteca Universitária/UFSC)

Regimento Interno da Guarda dos Vigilantes Noturnos de Florianópolis, 1937. Caixa 03, 55.2. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina)

Relatório apresentado pelo 2o Vice-presidente de Santa Catarina, o Sr. Dr. Manoel do Nascimento da Fonseca Galvão. Ao Presidente, o Sr. Dr. André Cordeiro de Araújo Lima. Por ocasião de passar-lhe a administração da mesma, em 3 de janeiro de 1870. Cidade do Desterro: Typ. J.J. Lopes, 1870. (Biblioteca Universitária/UFSC – Setor de Obras Raras)

Relatório apresentado ao vice-governador do Estado de Santa Catarina Coronel Vidal José de Oliveira Ramos Júnior, pelo secretário geral dos negócios do Estado, Caetano Vieira da Costa em junho de 1904. Florianópolis: Typ. Moderna, 1904 Biblioteca Universitária/UFSC – Setor de Obras Raras)

Relatório do Prefeito Mauro Ramos e do Prefeito Celso Fausto de Sousa: 1939-1940. (Biblioteca Universitária/UFSC – Setor de obras raras)

Usina de Chapecózinho. Comissão de Energia Elétrica do Estado de Santa Catarina. Publicação do Departamento Técnico da Sondotécnica de Engenharia S/A. Rio de Janeiro, 1959. (Biblioteca Universitária/UFSC. Setor de Obras Raras).

6. Outros:

Depoimentos sonoros do Arquivo Zininho – Fundação Franklin Cascaes.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues (coord). Plano Sócio Cultural – Estruturas Culturais. Florianópolis, 1967. Biblioteca Universitária/UFSC – Setor de Obras Raras)

Guia de Ruas da Grande Florianópolis.1969/1970. Florianópolis: Oficina Grafos, 1969.

Processos da 1ª Vara Criminal de Florianópolis 1960 – 1972.

“*Bares e Boêmios Incríveis*”. In.: **DC Documentos** – Florianópolis: Origens e Destinos de uma cidade à beira-mar. Nº 23. Florianópolis: Diário Catarinense, 23/03/1998

6. Referências bibliográficas

- A Vida cotidiana no Brasil Moderno:** a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930). Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2001.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites Nômades.** Espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A Invenção do Litoral** – Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. São Paulo: PUC, 1989. [Dissertação de Mestrado em História]
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- ARIÈS, Philippe & DUBY, Georges. **História da Vida Privada.** Da renascença ao século das luzes. Vol 3. São Paulo: Companhia das letras 1991.
- BARREIRO, José Carlos. “A rua e a taberna: algumas considerações teóricas sobre cultura popular e cultura política. (Brasil, 1820 – 1880)”. In.: **Revista de História.** N º 16. São Paulo: UNESP, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de Consumo.** [trad. Artur Mourão]. Rio de Janeiro: Elfos/ Lisboa: Edições 70., 1995
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III.** Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BRESCIANI, Maria Stella. (org). **Imagens da cidade: séculos XIX e XX.** São Paulo: Marco Zero/ Anpuh/Fapesp, 1994.
- _____. (org). **Palavras da Cidade.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.
- BORTOLIN, Nancy Therezinha (org.). **Museu de Arte de Santa Catarina. Biografia de um museu.** Itajaí: UNIVALI: Florianópolis, : FCC, 2002.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro. Memória.** Vol. 2. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- _____. **Nossa Senhora do Desterro. Notícia.** Vol. I. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

- CALDAS F^o, Raul. **ABC do Manezinho**. Florianópolis: Insular, 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. [trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Cintrão]. 2^a ed. . São Paulo. Edusp, 1998.
- CANDIDO, Antônio (org). **A Crônica**. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp; 1992.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- CAMPOS, Nazareno José. **Terras Comunais na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: FCC/UFSC, 1991.
- CARNEIRO, Glauco. **Florianópolis: Roteiro da Ilha Encantada**. Florianópolis: Expressão, 1987.
- CASTRO, Eloah. **Jogo de Formas Híbridas**. Arquitetura e Modernidade em Florianópolis na década de 50. Florianópolis: UFSC, 2002. [Tese de Doutorado em História].
- CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico** – a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**- Artes de Fazer. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. 2^a ed. Campinas: Unicamp, 2001.
- CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.). **A História Contada**. Capítulos da história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CISCATTI, Márcia Regina. **Malandros na terra do trabalho**: malandragem e boemia na cidade de São Paulo (1930-1950). São Paulo: Annablume/Fapesp, 2000.
- COELHO, Manoel Joaquim d’Almeida. **Memória Histórica da Província de Santa Catharina**. Santa Catarina: Typographia J.J. Lopes, 1853.
- CORADINI, Lisabete. **Praça XV Espaço e Sociabilidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.

- CORBIN, Alain (org). **História dos Tempos Livres** – o advento do lazer. [trad. Telma Costa]. Lisboa: Teorema, 2001.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude nem Favor**. Estudos sobre o amor romântico. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução** – O submundo das letras no Antigo Regime. [trad. Luís Carlos Borges]. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo: 34, 1997.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. [trad. Maria Lourdes Santos Machado]. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. **A Revolução Cultural do Tempo Livre**. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1994.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. [trad. Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Uma história dos costumes**. V. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FACCIO, Maria da Graça Agostinho. **O Estado e a transformação do espaço urbano**: a expansão do Estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis. Florianópolis: UFSC, 1997. [Dissertação de Mestrado em Geografia].
- FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida**. Dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. **“Liberdade é uma calça velha azul e desbotada”**. Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954 – 1964). São Paulo: Hucitec, 1998.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. **A Farra do Boi**: palavras, sentidos e ficções. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.
- _____. **Oktoberfest**. Turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GUATTARI, Félix. “Da produção de subjetividade” [tradução de Suelly Rolnik] Mimeo, 1986.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. [trad. Flávio Kothe]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LEHMKUL, Luciene. **Imagens além do Círculo**. O Grupo de Artistas Plásticos e a positivação de uma cultura nos anos 50. Florianópolis: UFSC, 1996. [Dissertação de mestrado em História].

LEENHARDT, Jacques. “A invocação do terceiro espaço”. In.: **CULT** – Revista brasileira de literatura. N° 45, ano 4.

LONH, Reinaldo. **Pontes para o futuro**. Relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. Porto Alegre: UFRGS, 2002. [Tese de Doutorado em História].

MACHADO, Aldonei. **A Cidade no Dial**, Florianópolis nas ondas médias e curtas do rádio (décadas de 40 e 50). Florianópolis: UFSC, 1999. [Dissertação de Mestrado em História]

MACHADO, César do Canto. **Praça XV: onde tudo acontece**. Florianópolis: Insular, 2000.

MAFESSOLI, Michel. **A Sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. [trad. Aluizio Ramos Trinta]. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MATOS, Maria Izilda. **Dolores Duran**. Experiências boêmias em Copacabana nos anos 50. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MATOS, Maria Izilda. **Meu Lar é um botequim**. Alcoolismo e masculinidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

MICELI, Sérgio. *Anos de Transição* – as capitais brasileiras. In.: **Coleção Nosso Século – 1930/1945**. São Paulo: Abril Cultural, 1980

NAHAS, Edson Ruy. **Filosofia de Botequim**. Florianópolis: UFSC, 1994.

NONNENMACHER, Marilange. “**Um lugar sem memória**”: Rua Conselheiro Mafra no século XX. Florianópolis: UFSC, 2002. [Dissertação de Mestrado em História]

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. [trad. Yara Khoury]. In.: **Revista Projeto História**. N° 10. São Paulo: Educ, dez de 1993.

ORLANDI, Eni Puccineli (org). **O Discurso fundador**: a construção do país e a formação da

identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PEREIRA OLIVEIRA, Henrique Luiz. **Os Filhos da Falha**: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1990. [Dissertação de Mestrado em História]

PECHMAN, Robert Moses. “Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular.” In: BRESCIANI, Maria Stella (org). **Imagens da Cidade, século XIX e XX**. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1993.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio**. Políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Fapesp/Iluminuras, 2000.

PEREIRA, Nereu do Vale. **Desenvolvimento e Urbanização** – um estudo de modernização em Florianópolis. Florianópolis: Lunardelli, s/d.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Operários, mulheres, prisioneiros. [trad. Denise Bottmann]. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PORTO, Bea & LAGO, Fernanda. **É tudo mentira**. A verdade segundo Beto Stodieck. Florianópolis: Água Verde, 1999.

RAMOS, Maria Bernardete. “Os Risos da Cidade”. Mimeo, 2002.

RIZZO, Paulo Marcos Borges. **Do urbanismo ao planejamento urbano: utopia e ideologia**. O caso de Florianópolis 1950 – 1990. Florianópolis: UFSC, 1993. [Dissertação de Mestrado em Geografia]

SANTOS, Paulo César dos. **Espaço e Memória**: O Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis. Florianópolis: UFSC, 1997. [Dissertação de Mestrado em História]

SANTOS, Sílvio Coelho & REIS, Maria José (orgs.). **Memória do Setor Elétrico na Região Sul**. Florianópolis: UFSC, 2002.

SEVCENCO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____. “Futebol, metrópoles e desatinos”. In. **Revista da USP**. Dossiê Futebol. São

Paulo: USP, nº 22, jun-ago de 1994. P. 30-37.

_____. **A corrida para o século XXI: O loop da montanha russa.** São Paulo: Cia das Letras, 2001.

SHAKESPEARE, Willian. **Macbeth.** [trad. Jean Melville]. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SOARES, Luiz Carlos. “Por uma genealogia da noite na cultura ocidental”. In.: **História: Fronteiras.** Anais do XX Simpósio Nacional de História da ANPUH. Vol.2. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1999. P. 935-948

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. “O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial”. In.: SILVA, Tadeu T.(org). **Trabalho, Educação e Prática Social.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

VAZ, Nelson Popini. **O Centro Histórico de Florianópolis: espaço público do ritual.** Florianópolis: FCC/UFSC, 1991.

VIRILIO, Paul. **A Arte do Motor.**[trad. Paulo Roberto Pires].São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

YÁGIZI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani; CRUZ, Rita de Cássia. (orgs). **Turismo: espaço, paisagem e cultura.** (3ª ed.). São Paulo: Hucitec, 2002.

7. Índice das Ilustrações

1. “Noitadas no Café Familiar”	45
("Bares e Boêmios Incríveis". In.: DC Documentos – Florianópolis: Origens e Destinos de uma cidade à beira-mar. N° 23. Florianópolis: Diário Catarinense, 23/03/1998)	
2. Homens bebendo no interior do Bar Miramar	47
("Miramar quem te viu quem te vê". In.: Caderno 2. Jornal O Estado . Florianópolis, 10/03/1968. p. 3)	
3. “Noturno” Desenho de Hassis	60
(Jornal O Estado – Suplemento Dominical. Florianópolis, 15/12/57. P.2.)	
4. “No Bar e Café Expresso” – Ilustração de Luiz Daux, 1954	69
(In.: MELO F °, Osvaldo e MIGUEL, Salim. Contistas Novos de Santa Catarina . Florianópolis: Sul, 1954)	
5. Anúncio publicitário. Bar e Café São Cristóvão	71
(Revista Bússola . N ° 1, ano 1. Florianópolis, Dezembro de 1950)	
6. Fachada da Confeitaria Chiquinho	72
(Jornal. A Gazeta . Florianópolis. 10/04/54)	
7. Interior da Confeitaria Chiquinho, 1964	76
(Acervo de Fotos da Família Ferrari. Fundação Franklin de Cascaes)	
8. Anúncio publicitário do Bar e Restaurante Corujão	113
(Jornal O Estado . Florianópolis, 1968)	
9. Fachada do Trapiche Municipal	121
("Miramar quem te viu quem te vê". In.: Caderno 2. Jornal O Estado . Florianópolis, 10/03/1968. p. 3)	
10. Estacionamento do Bar Tritão	124
(Jornal O Estado . Florianópolis, 19/01/1975)	
11. Publicidade Leite	134
(Jornal O Estado . Florianópolis, 03/09/74. p. 12)	
12. Anúncio publicitário do Iron Bar	137
(Jornal O Estado . Florianópolis 04/08/1978, p. 13)	
13. Interior do “Carmem Miranda Eletic Show”	140
(RCM - Revista Mercado e comércio. No 27, ano 3. Florianópolis, 1972 . p. 8.)	

14. BreakBruger na. Avenida Beira Mar Norte	143
(Revista Comércio e Mercado. Ano 3, n ° 27. Florianópolis, 1972. P. 8)	
15. “Meninas no Bar Tritão”	144
(Jornal O Estado. Caderno II. Florianópolis, 19/01/1975)	
16. “Florianópolis, eterna noturna”.....	146
(Revista Comércio e Mercado. Ano 3, n ° 27. Florianópolis, 1972. P. 5 e 6)	